DÁFINI LISBOA CABREIRA

A ESCRITA DE AUTORIA FEMININA EM MATO GROSSO DO SUL SOB A ÓTICA DO DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL SUSTENTÁVEL

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO (UCDB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL
MESTRADO / DOUTORADO
CAMPO GRANDE – MS
2023

DÁFINI LISBOA CABREIRA

A ESCRITA DE AUTORIA FEMININA EM MATO GROSSO DO SUL SOB A ÓTICA DO DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL SUSTENTÁVEL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Local, sob a orientação da Professora Doutora Dolores Pereira Ribeiro Coutinho.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL
MESTRADO / DOUTORADO
CAMPO GRANDE – MS
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Católica Dom Bosco
Bibliotecária Mourâmise de Moura Viana - CRB-1 3360

C117e Cabreira, Dáfini Lisboa
A escrita de autoria feminina em Mato Grosso do Sul sob a ótica do desenvolvimento territorial sustentável / Dáfini Lisboa Cabreira sob orientação da Profa. Dra. Dolores Pereira Ribeiro Coutinho.-- Campo Grande, MS : 2023.
111 p.: il.

Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande- MS, 2023
Bibliografia: p. 83- 93

1. Mulheres escritoras - Maria da Glória Sá Rosa. 2. Desenvolvimento territorial sustentável. 3. Mato Grosso do Sul I.Coutinho, Dolores Pereira Ribeiro. II. Título.

CDD: 305.4

FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: "A escrita de autoria feminina em Mato Grosso Do Sul sob a ótica do desenvolvimento territorial sustentável"

Área de concentração: Desenvolvimento Local em Contexto de Territorialidades.

Linha de Pesquisa: Cultura, Identidade e Diversidade na Dinâmica Territorial.

Dissertação submetida à Comissão Examinadora designada pelo Conselho do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local – Mestrado Acadêmico da Universidade Católica Dom Bosco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Local.

Exame de Defesa aprovado em: 13/02/2023

A presente defesa foi realizada por videoconferência. Eu, Profa. Dra. Dolores Pereira Ribeiro Coutinho, como presidente da banca assinei a folha de aprovação com o consentimento de todos os membros, ainda na presença virtual destes.

Prof.ª Dr.ª Dolores Pereira Ribeiro Coutinho (orientadora)

Prof. Dr. Paulo Benites (UNIR)

Prof.ª Dr.ª Maria Augusta de Castilho (PPGDL/UCDB)

Dedico esta pesquisa às mulheres da minha família, professoras, mães, tias, irmãs, primas, avós, as quais me fizeram ver, desde pequena, a força feminina, a partir dos mais delicados atos.

AGRADECIMENTOS

À minha querida mãe, Vaner, pelo exemplo de bondade e caráter, que me faz sempre almejar ser uma pessoa cada vez melhor.

Ao meu pai, Mário Márcio Cabreira, e meu esposo, André Vilela, pelo apoio incondicional durante esta jornada.

À minha orientadora, professora doutora Dolores Ribeiro Coutinho, por me apoiar e incentivar, abrindo caminhos, traçando possibilidades e compartilhando conhecimentos.

À Universidade Católica Dom Bosco, meu então local de trabalho, ao professor doutor Cristiano Marcelo Espinola, Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação desta Instituição, e às minhas colegas de trabalho da Editora UCDB, por possibilitarem que minha formação acadêmica continuasse junto da minha jornada profissional.

Aos dedicados professores do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local, por todos os ensinamentos durante este trajeto percorrido.

À escritora Sylvia Cesco e à professora Maria Augusta, por serem tão gentis e solícitas comigo, quando precisei de acesso a livros para esta pesquisa.

Ao Acervo Maria da Glória Sá Rosa, em especial, à professora Aline Saddi Chaves, pela companhia em meio às memórias de Glorinha, em uma tarde de pesquisa.

E ao meu cachorro, Dylan, e minha gata, Theo, por fazerem de toda preocupação um suspiro passageiro.

"A literatura, como toda arte, permite a construção de um espaço de igualdade entre os homens"

Maria da Glória Sá Rosa

CABREIRA, Dáfini Lisboa. **A escrita de autoria feminina em Mato Grosso do Sul sob a ótica do desenvolvimento territorial sustentável**. 2023. 111 fls. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local) – Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande, MS, 2023.

RESUMO

O presente estudo busca destacar o protagonismo de mulheres escritoras na conformação do território de Mato Grosso do Sul, focando-se, especificamente, na história de vida e obra de Maria da Glória Sá Rosa. A relevância da pesquisa se dá pela necessidade de se firmar, cada vez mais, o caminho ao reconhecimento da representatividade dessas mulheres na história do território vivido, uma vez que, neste século XXI, presencia-se intensa turbulência política, econômica e social, em que a cultura e a educação passam por desmantelamentos, e o desrespeito e a violência contra a mulher disparam no Brasil, sendo Mato Grosso do Sul um dos estados com os mais altos índices de crimes de violência contra a mulher. Propôs-se realizar um estudo de caráter qualitativo, com método dedutivo, por intermédio da pesquisa histórica, bibliográfica e documental, trabalhando-se os princípios: os estudos acadêmicos fundamentam a elaboração de estratégias e ações capazes de evidenciar o protagonismo feminino por intermédio da escrita; e difundir as produções literárias de autoria feminina é um dos caminhos para demonstrar esse protagonismo da mulher como componente da dimensão cultural da sustentabilidade. Isso foi demonstrado por intermédio da Análise Crítica do Discurso (ACD), a partir das construções teóricas de Teun A. Van Dijk, nas crônicas de Maria da Glória Sá Rosa publicadas, em sua maioria, no jornal Correio do Estado, nas décadas finais do século XX. Da análise e interpretação dos dados, depreendeu-se que a escritora foi uma agente de desenvolvimento fortemente atuante e dinâmica, contribuindo proficuamente com as artes plásticas, a educação, a música, a literatura e muitas outras áreas. Por meio de suas crônicas publicadas, levou conhecimento, reflexão, cultura, história e sensibilidade para milhares de sul-mato-grossenses. Espera-se que este estudo impulsione o surgimento de novas pesquisas sob este mesmo enfoque, de muitas outras personalidades femininas já mencionadas ou ainda por serem descobertas na história deste território, nas mais variadas situações sociais e áreas de atuação.

Palavras-chave: mulheres escritoras; Maria da Glória Sá Rosa; desenvolvimento territorial sustentável; Mato Grosso do Sul.

CABREIRA, Dáfini Lisboa. **A escrita de autoria feminina em Mato Grosso do Sul sob a ótica do desenvolvimento territorial sustentável**. 2023. 111 fls. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local) – Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande, MS, 2023.

ABSTRACT

The present study seeks to highlight the protagonism of female writers in the conformation of the territory of Mato Grosso do Sul, focusing specifically on Maria da Glória Sá Rosa's life and work history. The relevance of the research is due to the need to increasingly establish the path to the representativeness's recognition of these women in the history of the lived territory since, in this 21st century, there is intense political, economic, and social turbulence in which culture and education undergo dismantling, and the disrespect and violence against women increases in Brazil, being Mato Grosso do Sul one of the states with the highest rates of crimes of violence against women. It is a qualitative study, with a deductive method, through historical, bibliographic, and documentary research, working on the principles: academic studies substantiate the elaboration of strategies and actions capable of highlighting female protagonism through writing, and spreading the literary productions of female authorship is one of the ways to demonstrate this female protagonism as a component of the cultural dimension of sustainability. This was demonstrated through the Critical Discourse Analysis (CDA) from the theoretical constructions of Teun A. Van Dijk in the published chronicles of Maria da Glória Sá Rosa, the majority of them in the newspaper Correio do Estado, in the final decades of 20th century. The analysis and interpretation of the data show that the writer was a highly active and dynamic development agent, proficiently contributing with the fine arts, education, music, literature, and many other areas. Through her published chronicles, she induced knowledge, life reflections, culture, history, and sensitivity to thousands of people in Mato Grosso do Sul. This study intends to promote the emergence of new research under this same approach, about many other female personalities already mentioned or still to be revealed in the history of this territory, in the most varied social situations and areas of action.

Keywords: female writers; Maria da Gloria Sá Rosa; sustainable territorial development; Mato Grosso do Sul.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Jornal O Progresso, em 1977, sobre a criação de Mato Grosso do Sul.....**17**
Figura 2 – Representação da tríade de dimensões do desenvolvimento sustentável.....**20**
Figura 3 – As cinco dimensões de sustentabilidade, de Sachs **21**
Figura 4 – Os oito critérios da sustentabilidade, de Sachs **22**
Figura 5 – Charge do cartunista Ziraldo no jornal de humor O Pasquim.....**33**
Figura 6 – Mulheres escritoras de MS (1999-2020).....**42**
Figura 7 – Presença do escritor Fernando Sabino em sala de aula na FADAFI.....**44**
Figura 8 – Maria da Glória Sá Rosa **46**
Figura 9 – Sistema de organização de Glorinha, para suas próprias publicações **51**
Figura 10 – Visita guiada pelo Acervo Maria da Glória Sá Rosa **52**
Figura 11 − Estrutura geral da predicação.....**54**
Figura 12 – Modelo de predicação de UTC na abordagem da Gramática Funcional **55**
Figura 13 – Memórias de Maria da Glória Sá Rosa na PUC Rio, em 1948.....**63**

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Informações sobre as obras de Maria da Glória Sá Rosa **48**
Quadro 2 – Questionamentos direcionados às crônicas de Glorinha **60**
Quadro 3 – Síntese da análise: crônica sobre Lydia Baïs **68**
Quadro 4 – Síntese da análise: crônica sobre Guimarães Rosa **71**
Quadro 5 – Síntese da análise: crônica sobre Maria Constança de Barros Machado **75**
Quadro 6 – Síntese da análise: crônica sobre Elis Regina **78**

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 11
2 DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL SUSTENTÁVEL 15
2.1 Território e (multi)territorialidade 15
2.2 O desenvolvimento territorial sustentável e suas dimensões 19
3 A CULTURA COMO DIMENSÃO DA SUSTENTABILIDADE E DO DESENVOLVIMENTO 26
3.1 Uma breve reflexão: memória, identidade e desenvolvimento territorial 30
3.2 A literatura em Mato Grosso do Sul 31
3.3 A escrita de autoria feminina 36
3.4 Mulheres escritoras em Mato Grosso do Sul 40
3.5 Maria da Glória Sá Rosa 42
4 PERCURSOS METODOLÓGICOS 53
4.1 Modelo de predicação sintático-semântico 53
4.2 Análise crítica do discurso, uma prática de resistência 56
4.3 *Corpus* e critérios de seleção 61
4.4. Resultados e interpretação de dados 64
5 CONCLUSÃO 81
REFERÊNCIAS 83
ANEXOS 94

1 INTRODUÇÃO

De essência multicultural, considerando-se que, desde seu surgimento, firmaram-se raízes de costumes e saberes a partir de migrantes, imigrantes, população originária indígena, pessoas de países fronteiriços e aqueles nascidos em Mato Grosso uno, o Estado de Mato Grosso do Sul foi e é forjado pela diversidade, a qual é responsável por uma peculiar identidade cultural.

O fato de o Estado ter sido criado em 1977 e implantado em 1979 – o que não é tanto tempo assim, se comparado ao surgimento de outras unidades federativas do Brasil – também impulsiona, em seu povo, uma busca por pertencimento e consolidação de identidade.

Na procura pela construção de identidade, recorre-se à memória, a fim de investigar o passado e o narrar. Para Candau (2011), a memória pode ser entendida como a identidade em ação. Isso significa que a história de um território é também a identidade de um povo e, portanto, investigar a relação estabelecida entre o indivíduo e a sociedade a que ele pertence favorece uma melhor compreensão das estruturas sociais que compõem determinado território.

Nesse contexto, esta dissertação insere-se na linha "Cultura, Identidade e Diversidade na Dinâmica Territorial", do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), evidenciando o protagonismo de mulheres escritoras na conformação deste território, focando, especificamente, na história de vida e obra de Maria da Glória Sá Rosa, como exemplo de representatividade, conquista de espaço na sociedade e do impacto no desenvolvimento territorial de Mato Grosso do Sul.

Maria da Glória Sá Rosa, conhecida como Glorinha, teve um papel relevante no registro e na promoção da cultura sul-mato-grossense (MESSIAS, 2016). Publicou diversas obras de cunho documental, voltadas para o teatro, as artes plásticas, a música, a literatura e a educação, como também livros didáticos e, ainda, de crônicas e contos de ficção. Ela faleceu aos 88 anos, em 2016, vítima de um acidente vascular cerebral (AVC).

A escolha desta autoria feminina se deu a partir do contato desta investigadora com os textos publicados por Glorinha no jornal de maior circulação de Mato Grosso do Sul, Correio do Estado[1], durante os anos em que atuou como revisora de textos do jornal, nos anos de 2013

[1] O jornal Correio do Estado foi fundado em 7 de fevereiro de 1954, na cidade de Campo Grande, no então Mato Grosso uno, e se configura como o maior complexo jornalístico de Mato Grosso do Sul (CORREA, 2018). Neste periódico, além de um espaço para crônicas literárias no Correio B, há o tradicional Suplemento Cultural, o qual começou a ser publicado há décadas, uma vez que o professor J. Barbosa Rodrigues, fundador do jornal, ocupava

a 2019. E, a partir desse contato, identificou-se a forte ligação da escritora com o território e a memória, sendo Glorinha uma memorialista que marcou a cultura sul-mato-grossense, por meio da multiplicidade de seu olhar, mas, mais que isso, uma referência na literatura produzida em Mato Grosso do Sul, deixando seu legado por meio da escrita documental e ficcional. É justamente por ela trabalhar tanto com o registro histórico quanto com a ficção que se mostrou pertinente estudá-la como exemplo de autoria feminina no Estado, buscando-se destacar e analisar a presença desse processo em sua escrita.

Além disso, o estudo focado na escrita de autoria feminina se deve ao fato de que, neste século XXI, vive-se intensa turbulência política, econômica e social, em que a cultura e a educação passam por desmantelamentos (MASSON, 2022; KRISS, 2022), vivenciando a disparada do desrespeito e da violência contra a mulher no Brasil, sendo Mato Grosso do Sul um dos estados brasileiros a registrar os mais elevados índices de crimes contra a mulher (TAVARES, 2021).

Nesse cenário, torna-se pertinente enfatizar a representatividade das mulheres como escritoras, firmando-se o caminho ao reconhecimento da importância de seu lugar de fala. Estudar Maria da Glória Sá Rosa em tal perspectiva é atuar na construção de um cenário de maior representação às mulheres em Mato Grosso do Sul, em busca da formação de uma sociedade mais inspiradora, justa e equitativa para as futuras gerações.

A produção intelectual dessa autora, emblemática e representativa da força feminina, pode e deve atingir outros espaços, tal como o meio acadêmico, ampliando-se cada vez mais, de forma que novas pesquisas e perspectivas sejam abordadas, contempladas sob diversas vertentes de estudos. Como afirmado por Duarte (2003), para o feminismo, é uma derrota permitir o desconhecimento das novas gerações sobre a história das conquistas e lutas femininas e os nomes das pioneiras.

Esta dissertação trabalha com os princípios de que estudos acadêmicos são fundamentais para o estabelecimento de estratégias e ações do protagonismo feminino por intermédio da literatura; e que difundir as produções literárias femininas é um dos caminhos para demonstrar tal protagonismo. Espera-se, assim, que esta investigação impulsione o emergir de novas pesquisas sob este enfoque, versando sobre muitas outras personalidades femininas já mencionadas ou ainda por serem descobertas na história deste território, nas mais variadas situações sociais e áreas de atuação.

---

uma cadeira e chegou a presidir a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (ASL). O suplemento é publicado aos sábados (MESQUITA, 2021; VACCARI, 2019).

Realizou-se o estudo com caráter qualitativo, em pesquisa histórica, bibliográfica e documental, utilizada tanto no capítulo em que se descreve a trajetória de vida e profissional da escritora, bem como as transformações em Mato Grosso do Sul, como também no capítulo dedicado à análise de crônicas da autora. Classificou-se como estudo histórico e dedutivo, por considerarem-se fatos inseridos em determinado contexto social, por meio de observação sistemática dos fenômenos (DINIZ; SILVA, 2008).

Inicialmente, esta investigação pretendia realizar de forma inédita a aplicação do modelo de predicação-sintático semântico de Café (1999); porém, no decorrer na pesquisa, percebeu-se que ele é mais bem aplicado em outros tipos de texto que não o da crônica, pelo fato de esta ser uma expressão literária híbrida que carrega muito da subjetividade do autor. Por conseguinte, a fim de analisar a escrita de autoria feminina sob a ótica do desenvolvimento territorial sustentável, especificamente por meio da escrita de Maria da Glória Sá Rosa, optou-se, na versão final da dissertação, por utilizar a Análise Crítica do Discurso (ACD), a partir dos pressupostos teóricos de Van Dijk (1999), aplicando-a em quatro crônicas publicadas, em sua maior parte, no Suplemento Cultural do jornal Correio do Estado, nas décadas finais do século XX, as quais foram selecionadas por Glorinha no livro "Crônicas de Fim de Século" (2001).

O estudo, além desta introdução e das conclusões, está dividido em três partes: "Desenvolvimento territorial sustentável", que apresenta conceitos e os aportes teóricos da investigação, sob enfoque do desenvolvimento territorial, abordando, também, as dimensões da sustentabilidade, utilizando-se de autores como Raffestin (1993), Sachs (1993, 2002, 2004), Haesbaert (1997, 2005, 2007, 2021) e Haesbaert e Limonad (1999).

Em seguida, o título "A cultura como dimensão da sustentabilidade e do desenvolvimento", no qual se aborda sobre o conceito de cultura, a memória, identidade e o desenvolvimento territorial, bem como a literatura produzida em Mato Grosso do Sul e seus particularismos, trazendo as mulheres escritoras neste território, vida e obras de Maria da Glória Sá Rosa. Para contextualizar o cenário da escrita de autoria feminina, utiliza-se dos estudos de Telles (2004), Zinani e Polesso (2010) e Dalcastagnè (2004; 2012), entre outros. O subsequente, "Percursos Metodológicos", apresenta a proposta inicial de análise por meio do modelo de Café (1999), utilizando-se de um *corpus* de UTCs retiradas de quatro crônicas de Maria da Glória Sá Rosa, que passariam por tratamento de dados, classificação e ordenamento. Garantindo-se maior cientificidade à pesquisa, a partir da constatação da inviabilidade do modelo em ser aplicado em crônicas, optou-se pela ACD, a partir dos pressupostos teóricos de Van Dijk (1999). Esta seção discorre, também, sobre a obra da qual

as crônicas foram retiradas, considerando-se como critério de seleção uma crônica por cada década (1979-2001) de publicação contida no livro, escolhida com foco em personalidades femininas, e apresentando os respectivos resultados e discussão.

Por meio da ACD, como método de análise, foi possível estabelecer uma validação de resultados e espaço para reflexões acerca da representatividade feminina no cenário literário e cultural de Mato Grosso do Sul, sob o enfoque do desenvolvimento local, sendo que esta investigação procurou reforçar, inspirada em hooks[2] (2020), o entendimento de que as mulheres, a partir do impulsionamento da figura feminina, podem ressignificar os papéis desempenhados na história e construir uma identidade de empoderamento.

[2] A autora fazia questão de afirmar que "bell hooks" deve ser grafado em letras minúsculas, uma vez que seu desejo é dar destaque ao conteúdo de suas obras, e não à sua pessoa; por isso, o nome foi adotado desta forma no corpo do texto, com exceção das referências, que seguem a ABNT.

2 DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL SUSTENTÁVEL

Para discorrer sobre desenvolvimento territorial sustentável, é necessário, primeiramente, contextualizar e conceituar outros termos que levam ao entendimento do tema proposto na investigação.

2.1 Território e (multi)territorialidade

No dicionário, "território", do latim *territorium*, designa, em termos gerais, uma ampla extensão de terra, uma área reconhecida legalmente de um município, estado, uma nação, por exemplo (AULETE, *online*). Porém, de forma mais complexa e contextualizada, o geógrafo Raffestin (1993) explicita que a noção de "espaço", como simplesmente uma ampla extensão de terra, é anterior ao "território". Isso porque o território se forma a partir de determinado espaço, sendo resultado da apropriação desse por determinados atores.

> Do Estado ao indivíduo, passando por todas as organizações pequenas ou grandes, encontram-se atores sintagmáticos que "produzem" o território. De fato, o Estado está sempre organizando o território nacional por intermédio de novos recortes, de novas implantações e de novas ligações. O mesmo se passa com as empresas ou outras organizações, para as quais o sistema precedente constitui um conjunto de fatores favoráveis e limitantes. O mesmo acontece com um indivíduo que constrói uma casa ou, mais modestamente ainda, para aquele que arruma um apartamento. Em graus diversos, em momentos diferentes e em lugares variados, **somos todos atores sintagmáticos que produzem "territórios"**. (RAFFESTIN, 1993, p. 152, grifo nosso).

Assim sendo, conforme Raffestin (1993), o território é resultado das ações desses atores locais, marcado por relações de poder diversas e, sobretudo, compreendido a partir de seu uso. Esta concepção considera os atores locais como integrantes dos processos de desenvolvimento.

Saquet (2006), por outro lado, não entende o espaço geográfico somente como um palco passivo de ações. Para ele, o espaço tem valor de uso, de troca, sendo elemento constituinte do território, tanto política como simbolicamente, de forma que espaço e território são indissociáveis. Ainda, no que diz respeito a estudos territoriais, Saquet (2006, p. 82) sintetiza os seguintes aspectos:

> a) a identificação e caracterização de mudanças/descontinuidades e permanências/continuidades (des-continuidades), considerando-se suas contradições e relações de poder nas dinâmicas econômica, política e cultural; b) a heterogeneidade, como tempos (temporalidades) e territórios (territorialidades) ou as múltiplas *formas* e relações, em interação; c) a identidade ou *traços comuns*; d) as articulações territoriais, em rede, como um único movimento e, e) componentes da natureza exterior ao homem, influenciando e sendo influenciados em processos territoriais.

O autor considera o território sendo constituído por natureza e sociedade, sem separação; isto é, há heterogeneidade e traços comuns, múltiplas variáveis, relações, diversidade e unidade, de forma concomitante, sendo tanto processual como relacional. Na visão de Saquet (2006, p. 82), esses arranjos e relações "[...] entre os diferentes elementos e aspectos das dimensões da territorialização variam para cada lugar e momento e/ou período histórico". Assim, é necessário analisar o contexto dos processos territoriais, o período e o lugar, uma vez que se pode predominar diferentes dimensões sociais de constituição do território, as quais envolvem aspectos dos domínios natural e social.

Haesbaert (2005), ao fazer considerações sobre este assunto, especifica três principais dimensões: a) político-jurídica, relacionada ao Estado-Nação, mais tradicional e majoritária; b) econômica ou economicista, que abarca a relação capital-trabalho, considerada minoritária; c) cultural ou culturalista, a qual apresenta, acerca da apropriação e da identidade social com o espaço, uma dimensão simbólica e subjetiva (HAESBAERT, 1997; HAESBAERT; LIMONAD, 1999). Ele relaciona também território com poder, para além do âmbito político, tanto no sentido de dominação (funcional; material) como de apropriação (simbólica); isto é, para ele:

> [...] todo território é, ao mesmo tempo e obrigatoriamente, em diferentes combinações, funcional e simbólico, pois exercemos domínio sobre o espaço tanto para realizar "funções" quanto para produzir "significados". O território é funcional a começar pelo território como recurso, seja como proteção ou abrigo ("lar" para o nosso repouso), seja como fonte de "recursos naturais" – "matérias-primas" que variam em importância de acordo com o(s) modelo(s) de sociedade(s) vigente(s) (como é o caso do petróleo no atual modelo energético capitalista). (HAESBAERT, 2005, p. 6776).

O espaço e o território, para esse autor, permanecem associados, uma vez que o primeiro demarca a existência do segundo, e este último faz com que o espaço seja humanizado, produzindo significados. Pode-se dizer que o território é um espaço cultural que propicia identificação ou pertencimento, e a sua apropriação acontece em um segundo momento apenas (MEDEIROS, 2009). Haesbaert (1997) considera apropriação do território quando esta se firma a aspectos simbólicos, identitários e, por que não, afetivos, dependendo do grupo ou da classe social referidos (HAESBAERT, 1997, p. 41). Para o estudioso, o território é, portanto, uma construção histórico-social de relações de poder imbricadas ao espaço geográfico e à própria sociedade, arroladas à memória, a representações e valores de seus atores.

É pertinente contextualizar estes aportes teóricos com a própria pesquisa aqui apresentada, como na Figura 1 a seguir, corroborando esses conceitos ao se destacar que o

Estado de Mato Grosso do Sul foi criado a partir do desmembramento do Estado de Mato Grosso, em meio a interesses políticos de grupos influentes e lutas por terras, sendo um de seus motivadores o fato de que “[...] sul e norte, desde os tempos coloniais, viviam apartados. O norte mais identificado com a Amazônia; o sul, influenciado por São Paulo e por elementos culturais do Rio Grande do Sul e do Paraguai” (BITTAR, 1999, p. 34).

Figura 1 – Jornal O Progresso, em 1977, sobre a criação de Mato Grosso do Sul

PREFEITOS EM BRASILIA

NUMERO: 2.111 — Dourados-MT, Terça Feira, 11 de Outubro de 1977 — ANO XXVII

O PROGRESSO

PENSAMENTO E AÇÃO POR UMA VIDA MELHOR

Fundador: WELMAR TORRES

DIARIO MATUTINO — ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO DE DOURADOS

Diretor: Vlademiro Müller do Amaral — Redator-Chefe: Adilha do Amaral Torres — Secretária: Nélia Marcilia Kegler

Redação, Administração e Oficinas: Av. Presidente Vargas, 439 — Caixa Postal, 96 — Fone: 2862 — Dourados — Mato Grosso

A partir de hoje somos um nova Estado

O NOVO MAPA

O Presidente Geisel será hoje homenageado com uma placa de ouro pela Liga Sulmatogrossense, ao assinar o Decreto de criação do Estado de Mato Grosso do Sul.

OS MOVIMENTOS DIVISIONISTAS

PARA A HISTORIA

Garcia Neto - o último governador antes da divisão.

In Vino Veritas

Fonte: O Progresso (2022).

Na Figura 1, temos a edição de 11 de outubro de 1977 do jornal O Progresso, que mostra a nova configuração no mapa, agora de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, e, ainda, a explicação, na matéria, de que “De 1900 a 1977 vários foram os movimentos divisionistas, nunca entretanto, [*sic*] tiveram cunho bairrista ou de hostilidade ao Norte, mas sim, uma consequência natural do próprio desenvolvimento do Sul em relação ao Norte” (O PROGRESSO, 1977, *s.p.*).

É dessa relação com o espaço e o território construído, como bem ilustra a Figura 1, que se tem a territorialidade. Para Raffestin (1993, p. 158): “a territorialidade adquire um valor bem particular, pois reflete a multidimensionalidade do ‘vivido’ territorial pelos

membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral". Trata-se de "[...] um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade-espaço-tempo" (RAFFESTIN, 1993, p. 160). Isso significa que a territorialidade é formada em um processo dinâmico e social, resumindo, de algum modo, "[...] a maneira pela qual as sociedades satisfazem, num determinado momento, para um local, uma carga demográfica e um conjunto de instrumentos também determinados, suas necessidades em energia e em informação" (RAFFESTIN, 1993, p. 161).

Já Haesbaert (2007, p. 42-3), em "Território e Multiterritorialidade: um debate", faz uma extensa reflexão sobre as abordagens deste conceito, desdobrando sua proposta de multiterritorialidade. Para ele, o território, como um espaço dominado ou apropriado, evidencia-se de forma multiescalar e multidimensional, o que, portanto, pode ser devidamente percebido a partir de uma concepção de multiplicidade, pois: "Toda ação que se pretenda efetivamente transformadora, hoje, necessita, obrigatoriamente, encarar esta questão: ou se trabalha com a multiplicidade de nossas territorializações, ou não se alcançará a transformação que almejamos".

Para Haesbaert (2007, p. 43), deve-se pensar multiterritorialmente, tanto em relação a múltiplas identidades (aspecto cultural) quanto em relação a múltiplas funções (economicidade), em prol da construção de uma sociedade, ao mesmo tempo, "mais universalmente igualitária e mais multiculturalmente reconhecedora das diferenças humanas". Afinal, no mundo globalizado, posicionamo-nos perante diferentes territorialidades, perpassando por múltiplas escalas de poder e de identidade, o que "[...] resulta em uma geografia complexa, uma realidade multiterritorial (ou mesmo transterritorial) que se busca traduzir em novas concepções [...]" (HAESBAERT, 1997, p. 35-6).

Esta exposição conceitual não abarca as várias definições e os pensamentos acerca de território e territorialidade, uma vez que, entre os estudiosos, este é um tema polissêmico. O que se pretendeu, aqui, foi centrar-se nas ideias norteadoras do estudo, isto é, o território como um espaço apropriado por seus atores, construído a partir de seus aspectos sociais, culturais, econômicos, políticos e simbólicos, e a (multi)territorialidade como um processo dinâmico e coletivo. Haesbaert (2021, p. 333) assinala que "[...] um sistema-mundo capitalista de profunda herança colonial, é fundamental reconhecer o conjunto mais amplo de (des)articulações que, muitas vezes (como no caso da recente pandemia de Covid-19), alcança, de algum modo, o globo inteiro através de suas diversas escalas".

A noção desses termos abre caminho, assim, para o estudo do próprio desenvolvimento, já que, a partir deles, pode-se discorrer sobre seus atores e a construção

contínua que exercem, o dinamismo e as estratégias de desenvolvimento que se formam quando mencionamos desenvolvimento territorial, o que será mais detalhado a seguir.

2.2 O desenvolvimento territorial sustentável e suas dimensões

O desenvolvimento é resultado da ação de seus atores (o Estado, a sociedade civil organizada, seus trabalhadores e empregadores) e compreende muito mais que o crescimento de riquezas, em um aspecto meramente econômico. Para atingir os objetivos de uma vida melhor, completa e digna para todos, atendendo a necessidades outras que não a Economia, o conceito de desenvolvimento tem sido relacionado a concepções mais complexas e múltiplas.

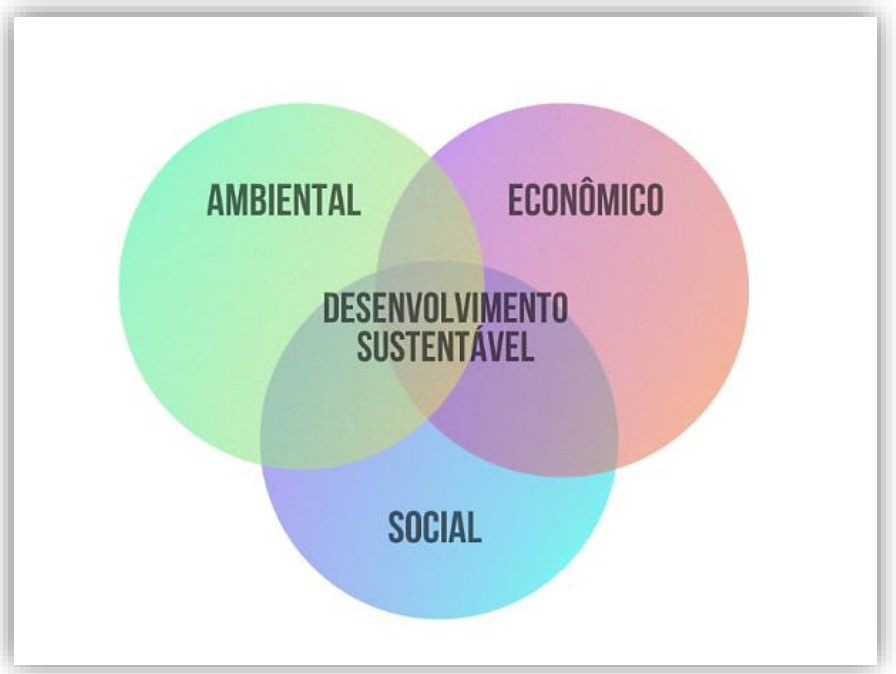
Assim, naturalmente, em resposta às transformações políticas, sociais e intelectuais da sociedade, este conceito tem se construído durante os anos, e, nesta investigação, optou-se pela abordagem feita pelo teórico franco-polonês Ignacy Sachs, referência na qual se mergulha doravante, pretendendo-se elucidar a construção da categoria. A partir dos anos 1970, deu-se atenção maior à situação ambiental, levando-se a uma "[...] reconceituação do conceito de desenvolvimento, em termos de ecodesenvolvimento, recentemente renomeado desenvolvimento sustentável" (SACHS, 2004, p. 36). No aporte de Sachs (2004, p. 14), "Igualdade, equidade e solidariedade estão, por assim dizer, embutidas no conceito de desenvolvimento, com consequências de longo alcance para que o pensamento econômico sobre o desenvolvimento se diferencie do economicismo redutor". Desta forma, o crescimento não é considerado como sinônimo de desenvolvimento, se, afinal, ele não reduz a pobreza; se não diminui as desigualdades; se não há sustentabilidade social e ambiental; se não há perspectiva de um futuro harmonioso para as futuras gerações. E é dessa necessidade de se levar em conta outros aspectos no desenvolvimento que se obtém o conceito de desenvolvimento sustentável, o qual leva em consideração, atrelado ao crescimento econômico, soluções sociais e ambientais.

De modo geral, entre os estudiosos, o desenvolvimento sustentável se divide, portanto, na tríade de dimensões: econômica, social e ambiental, também chamada de *Triple Bottom Line* (TBL)[3]. Tanto é que na própria Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, da Organização das Nações Unidas (ONU, 2015), documento que trata dos objetivos e das metas universais a serem aplicados em países do mundo todo, essas três dimensões são citadas,

[3] Termo introduzido por John Elkington, em meados dos anos 1990, a fim de mensurar os resultados de uma empresa a partir de três pilares, os quais ficaram conhecidos como 3Ps − *People, Planet and Profit*, isto é, Pessoas, Planeta e Lucros (SLAPER; HALL, 2011).

abarcando, inclusive, a dimensão da cultura (social), e mescladas para atingir as mudanças esperadas, conforme representa a Figura 2 a seguir.

Figura 2 – Representação da tríade de dimensões do desenvolvimento sustentável

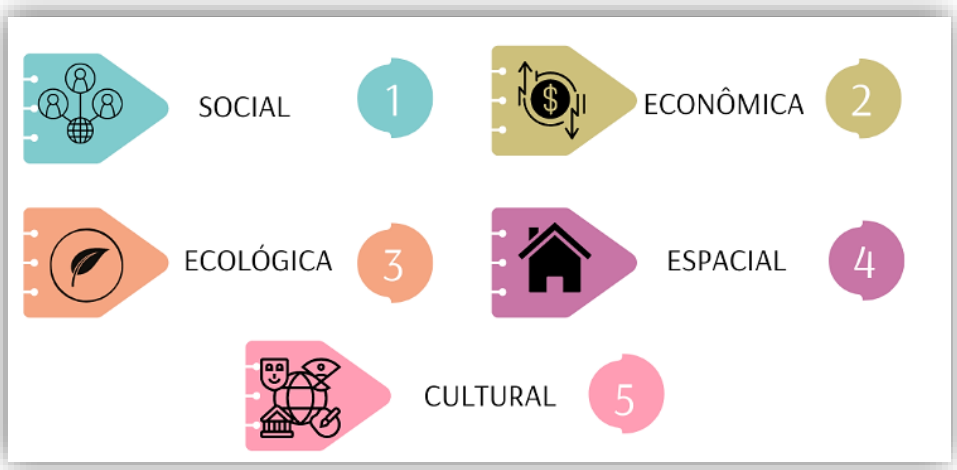


Fonte: Elaborado pela autora.

Ainda assim, alguns autores somam à tríade dimensões como a tecnológica (FERRER; CRUZ, 2017), a psicológica (MENDES, 2009), ética (SOUZA, 2013; SOUZA, 2020), entre outras. Nota-se também que, entre os pesquisadores, não há consenso quanto ao termo “dimensões”, sendo utilizados “pilares”, “critérios”, “aspectos”, entre outros. Nesta dissertação, será utilizado o termo “dimensão”, exceto nos casos de referencial teórico, em que será adotada a forma utilizada pelo autor citado, no caso, Sachs (1993, 2002).

Sachs (1993, p. 37), no capítulo “Estratégias de transição para o século XXI”, do livro “Para Pensar o Desenvolvimento Sustentável”, estabeleceu que todo planejamento de desenvolvimento deve levar em consideração cinco dimensões, conforme a Figura 3 a seguir.

Figura 3 – As cinco dimensões de sustentabilidade, de Sachs



Fonte: Elaborado pela autora, com informações de Sachs (1993).

A sustentabilidade social tem como meta "[...] construir uma civilização com maior equidade na distribuição de renda e de bens, de modo a reduzir o abismo entre os padrões de vida dos ricos e dos pobres" (SACHS, 1993, p. 37); a econômica visa à alocação e o gerenciamento eficiente dos recursos, com um fluxo contínuo de investimentos públicos e privados, e, ainda, deve-se avaliar a eficiência econômica de forma macrossocial, e não somente pelo critério da rentabilidade empresarial, de maneira microeconômica.

Para a sustentabilidade ecológica, o autor sugere ferramentas que se deve utilizar, tais como a intensificação do "uso do potencial de recursos dos diversos ecossistemas, com um mínimo de danos aos sistemas de sustentação da vida" (SACHS, 1993, p. 37); a limitação do consumo de combustíveis fósseis e de outros recursos/produtos esgotáveis ou que podem causar impactos negativos ao meio ambiente, utilizando-se, no lugar, de outros recursos e produtos que sejam renováveis e que existam em abundância, bem como aplicados de maneira que não agridam a natureza; a redução de resíduos e da poluição, conservando-se energia e recursos e focando-se na reciclagem; a promoção do consumo de materiais de forma consciente, pelos países ricos e por todos os indivíduos da Terra; intensificação de pesquisas a fim de se obter novas "[...] tecnologias de baixo teor de resíduos e eficientes no uso de recursos para o desenvolvimento urbano, rural e industrial" (SACHS, 1993, p. 37); a definição de normas para proteção ambiental "[...] desenhando a máquina institucional e selecionando o composto de instrumentos econômicos, legais e administrativos necessários para o seu cumprimento" (SACHS, 1993, p. 37).

A sustentabilidade espacial é voltada à obtenção de um equilíbrio na configuração rural-urbana, além de uma distribuição territorial adequada dos assentamentos urbanos e das atividades econômicas, enfatizando-se a redução da concentração em massa nas áreas metropolitanas; a diminuição da destruição dos ecossistemas vitais; a promoção da agricultura e da exploração agrícola de florestas, por pequenos agricultores, com o uso de técnicas regenerativas e crédito, acesso a mercados e tecnologia; exploração do potencial da industrialização descentralizada, com uso de novas tecnologias, "[...] com referência especial às indústrias de biomassa e ao seu papel na criação de oportunidades de emprego não-agrícolas nas áreas rurais" (SACHS, 1993, p. 38).

E, por fim, a sustentabilidade cultural, a qual será mais bem explorada no capítulo 3, inclui:

> [...] a procura de raízes endógenas de processos de modernização e de sistemas agrícolas integrados, processos que busquem mudanças dentro da continuidade cultural e que traduzam o conceito normativo de ecodesenvolvimento em um conjunto de soluções específicas para o local, o ecossistema, a cultura e a área. (SACHS, 1993, p. 38).

Já na obra "Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável" (SACHS, 2002), o autor apresenta oito critérios da sustentabilidade, ilustrados na Figura 4.

Figura 4 – Os oito critérios da sustentabilidade, de Sachs

Fonte: Elaborado pela autora, com informações de Sachs (2002).

Aplicando esses critérios, Sachs (2002, p. 85) estabelece, em tópicos, que, no aspecto social, deve-se levar em conta: "– alcance de um patamar razoável de homogeneidade social

de distribuição de renda justa; − emprego pleno e/ou autônomo com qualidade de vida decente; − igualdade no acesso aos recursos e serviços". No cultural, o equilíbrio entre a inovação e o respeito à tradição; a "− capacidade de autonomia para elaboração de um projeto nacional integrado e endógeno (em oposição às cópias servis dos modelos alienígenas); − autoconfiança combinada com abertura para o mundo" (SACHS, 2002, p. 85-6).

No critério ecológico, cita-se "− preservação do potencial do capital natureza na sua produção de recursos renováveis; − limitar o uso dos recursos não-renováveis"; e, no ambiental, cita-se o respeito e realce da "[...] capacidade de autodepuração dos ecossistemas naturais" (SACHS, 2002, p. 86).

Ainda, no critério territorial da sustentabilidade do autor acima citado (2002, p. 86), assinalam-se:

> − configuração urbana e rurais balanceadas (eliminação das inclinações urbanas nas alocações do investimento público);
> − melhoria do ambiente urbano; superação das disparidades inter-regionais;
> − estratégias de desenvolvimento ambientalmente seguras para áreas ecologicamente frágeis (conservação da biodiversidade pelo ecodesenvolvimento).

No que diz respeito à dimensão econômica, Sachs (2002, p. 86-7) destaca: "− desenvolvimento econômico intersetorial equilibrado; − segurança alimentar; − capacidade de modernização contínua dos instrumentos de produção; − razoável nível de autonomia na perspectiva científica e tecnológica; − inserção soberana na economia internacional".

Por fim, no critério de política nacional, o autor enfatiza um nível de coesão social; a democracia por meio da apropriação dos direitos humanos; a capacidade de o Estado implementar um projeto nacional junto a empreendedores. E, no que tange à política internacional, a atuação da ONU na garantia de paz e cooperação internacional; um trabalho Norte-Sul de ecodesenvolvimento, com base no princípio da igualdade; um controle institucional do sistema internacional financeiro e de negócios que seja efetivo, assim como da aplicação do Princípio da Precaução na gestão dos recursos naturais e do meio ambiente, na prevenção da diversidade biológica e cultural, na gestão do patrimônio global, visto como herança comum da humanidade; e, ainda, um sistema de "[...] cooperação científica e tecnológica internacional e eliminação parcial do caráter *commodity* da ciência e tecnologia, também como propriedade da herança comum da humanidade" (SACHS, 2002, p. 88).

Dessa forma, o desenvolvimento, centrado na abordagem desse teórico, é visto como um processo amplo em busca de melhoria da qualidade, ampliação e complexidade de suas redes, e, intrinsicamente ligado a essas dimensões e esses critérios, encontra-se o

empoderamento, uma vez que é por meio da percepção dos sujeitos inseridos nesse contexto que é possível se obter a compreensão e atuação sobre sua própria realidade. O empoderamento dos sujeitos e a abertura de espaços para diálogo, negociações e vínculos firmados pelo poder público com esses atores são estratégias para o desenvolvimento, especificando-se sua diversidade sociocultural e econômica.

Daí vem a necessidade de um planejamento territorial unindo os sujeitos pela identidade cultural e por interesses em comum, de forma que esses atores assumam um papel ativo na construção do próprio futuro. Esta abordagem territorial de desenvolvimento sustentável é focada no paradigma do desenvolvimento humano, com base, como já dito, no empoderamento, numa abordagem *bottom-up* (de baixo para cima); na equidade; e na sustentabilidade, apresentando-se, aqui, tanto a preocupação com o meio ambiente quanto a preocupação com a situação social dos atores de determinado território (SACHS, 2004).

O desenvolvimento territorial sustentável (DTS), conceito que se fundamenta nos trabalhos de Sachs (1986), deve ser entendido, assim, como um conjunto de iniciativas que articulam a sociedade civil e o poder público, a fim de potencializar forças socioculturais, ambientais e econômicas para a promoção da vida humana, em todas as suas dimensões.

Na obra "Cultura de subdesenvolvimento e desenvolvimento local" (2005), o estudioso Vicente Fideles de Ávila traz reflexões sobre como o países subdesenvolvidos podem romper as amarras que os prendem ao subdesenvolvimento e, assim, desenvolverem-se de forma efetiva e emancipada, com aproveitamento dos próprios potenciais. É interessante notar que, nesta obra, Ávila (2005) comenta como, para os exploradores dessas áreas, sejam eles internos, sejam eles externos, não convém reverter a chamada "Cultura da Pobreza", formulada por Oscar Lewis (1966), e sim cultivá-la conforme seus interesses. Ainda, os recursos financeiros recebidos, quando disponibilizados, vêm com imposições de como e onde gastar.

Contudo, Ávila (2005, p. 61-62) explica que há:

> [...] uma coisa que pode ser feita gradativamente enquanto Desenvolvimento Local por qualquer povo, desde que em regime democrático, através de suas comunidades concretamente localizadas: sensibilizar-se, mobilizar-se e organizar-se para a geração gradativamente cooperativa de seu próprio bem-estar de base, como o desvelamento de autoestima, o cultivo da autoconfiança e o tornar-se capaz, competente e hábil para discernir e buscar tanto suas próprias alternativas de rumos sócio-pessoais futuros quanto soluções possíveis, no seu âmbito ou fora dele, para seus mais imediatos problemas, necessidades e aspirações. E isso sempre a partir daquilo que estiver ao seu alcance (principalmente o conhecimento e o aproveitamento de suas reais peculiaridades e potencialidades), bem como do simples para o complexo e do mais para o menos comunitariamente necessário.

Fideles de Ávila (2021, p. 65) ratifica e aprofunda esse pensamento, ao estudar o empoderamento emancipatório por meio de uma abordagem de baixo para cima, isto é, uma mobilização por *comunitarização*, em que:

> [...] o próprio grupamento humano [...] se prepara para se apropriar e de fato se apropria tanto de autoestima e autoconfiança, quanto de consciência, conhecimentos, motivação, capacidades, competências e habilidades de: primeiro, assumir o autodesenvolvimento comunitário-local enquanto dele SUJEITO E NÃO MERO OBJETO; segundo, desvendar e delinear rumos, objetivos e metas para sua concreta trajetória de desenvolvimento; e, terceiro, agenciá-lo, gerenciá-lo e operacionalizá-lo com recursos e iniciativas internos e, também, por eficiente captação e otimizado aproveitamento de toda ordem de ajudas e insumos que lhe sejam aportados ou acessíveis de quaisquer alçadas e instâncias externas, sem danosas barganhas e alheias dependências.

Esta *comunitarização* citada pelo autor se dá por meio de iniciativas de empoderamento, que são promovidas a partir da ressignificação consignada por Paulo Freire (1979), do processo de reflexão e tomada de consciência da própria condição social, ocasionando a mudança de atitudes em busca de transformações positivas no desenvolvimento humano, em todas as suas esferas.

Isto posto, as considerações aqui apresentadas ajudam a compreender e ampliar as percepções acerca do cenário desta pesquisa, que é o Estado de Mato Grosso do Sul. Partindo-se de uma célebre frase do escritor Demosthenes Martins, no território sul-mato-grossense, “o boi cria o homem” (ROSA; NOGUEIRA, 2011, p. 322). O agronegócio movimenta a economia do território e, por esse motivo, é, em grande parte, o foco dos governantes, enquanto outras áreas são menos destacadas, sendo, em alguns governos, “deixadas de lado”, subaproveitadas. No caso da cena cultural e literária, os poderes “[...] públicos não se dão conta de que a riqueza cultural é construída por aqueles que articulam pensamentos e emoções nas teias da linguagem” (ROSA; NOGUEIRA, 2011, p. 321-3), como se verá mais à frente, nesta dissertação, de forma a contribuir sobremaneira na identidade do território. A seguir, aborda-se a relação entre cultura, comportamento humano e desenvolvimento, memória, identidade e desenvolvimento territorial, bem como a literatura em Mato Grosso do Sul e a escrita de autoria feminina neste território.

3 A CULTURA COMO DIMENSÃO DA SUSTENTABILIDADE E DO DESENVOLVIMENTO

Partindo-se do cerne semântico, o termo "cultura" tem origem no Latim (*cultura, −ae)*, referindo-se a uma noção de cultivo, agricultura, como também, em um sentido figurado, cultura do espírito, conforme o Dicionário Latino (FARIA, *online*, p. 266).

O pesquisador australiano Jon Hawkes, autor do estudo "*The Fourth Pillar of Sustainability – Culture's essential role in public planning* ("O Quarto Pilar da Sustentabilidade – O Papel Essencial da Cultura no Planejamento Público", em tradução livre), explica que o termo "cultura" é uma das palavras mais complexas e contestadas quanto ao seu significado. Ele declara que a cultura é a base da sociedade, envolvendo:

> [...] todos os aspectos das relações humanas: a família, a educação, os sistemas jurídicos, políticos e de transporte, os meios de comunicação de massa, práticas de trabalho, programas de bem-estar, atividades de lazer, religião, o ambiente construído… (HAWKES, 2001, p. 3, tradução livre)[4].

Hawkes (2001) aponta que a cultura dá sentido à nossa existência como seres humanos e ao território que habitamos; e que, por meio dela, encontramos expressões comuns de valores, de necessidades. Essa acepção de fundamento humano, o qual confere modos de comportamento, ideologias e finalidades, transformando o homem e o ambiente que ele habita, correlaciona-se com desenvolvimento, interligando-se de forma que não deve ser vista como um aspecto secundário, auxiliar, do desenvolvimento sustentável, e sim como um pilar essencial. Este entendimento é corroborado, de forma mais recente, pela declaração de Jyoti Hosagrahar (2017, p. 12), especialista em cultura e diretora da Divisão de Criatividade no Setor de Cultura da UNESCO, ao definir cultura como "[...] quem nós somos e o que molda a nossa identidade. Colocar a cultura no coração das políticas de desenvolvimento é a única forma de garantir um desenvolvimento centrado no ser humano, inclusivo e equitativo".

Por isso, a partir desse entendimento, na abordagem de Hawkes (2001), a cultura foi adicionada à tríade de desenvolvimento sustentável econômico-social-ambiental, mais amplamente difundida a partir do Relatório de Brundtland, de 1987, publicado como "Nosso Futuro Comum" (CMMAD, 1991), passando, de acordo com o autor, a ser o quarto pilar do desenvolvimento sustentável e de grande relevância para se planejar o futuro.

---

[4] Do original: "[...] *enfolds every aspect of human intercourse: the family, the education, legal, political and transport systems, the mass media, work practices, welfare programs, leisure pursuits, religion, the built environment…"* (HAWKES, 2001, p. 3, grifo nosso).

O desenvolvimento cultural já era abordado em textos da UNESCO, antes do Relatório de Brundtland, como em "*La Dimension culturelle du développement en vue d'intégrer les facteurs socio-culturels dans le plan d'action de Lagos: Organisation de l'unité africaine - (mission)"* ("A Dimensão Cultural do Desenvolvimento para a Integração dos Fatores Socioculturais no Plano de Ação de Lagos: Organização da Unidade Africana – [missão]", em tradução livre) (KOSSOU, 1985), e essa ampliação das dimensões da sustentabilidade foi identificada por Ramalho Filho (1999, p. 185), o qual esclareceu que:

> Após a institucionalização do conceito de *desenvolvimento sustentável* pelo Relatório Brundtland, em 1987, as dimensões da sustentabilidade vêm sendo ampliadas (20), tendo sido propostas, recentemente, oito delas, a seguir traduzidas em única ou poucas palavras, mesmo sob risco de distorção:
> Social: (equidade)
> Econômica: (eficiência)
> Ecológica: (capital natural)
> Ambiental: (reprodutibilidade, regeneração)
> Espacial: (compatibilidade e complementaridade)
> Política: nacional (democracia, coesão social)
> Política: internacional (co-desenvolvimento)
> Cultural: (modernização com preservação da identidade)

Mas foi só em setembro de 2015, com o estabelecimento dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), aprovados pelas Nações Unidas, que a agenda internacional de desenvolvimento, pela primeira vez, passou a se referir à cultura, consagrando uma transformação conceitual no que diz respeito ao desenvolvimento para além do crescimento econômico, segundo Hosagrahar (2017), para somar com as áreas da Educação, da Igualdade de Gênero, da Saúde, entre outras que já eram abordadas. A cultura, então, passou a ter importante relação com várias das metas dos ODS; das 17 metas globais, a que mais se relaciona com esta dissertação, aos olhos da respectiva autora, é a Meta 11.4, a qual indica o fortalecimento dos esforços para proteger e salvaguardar o patrimônio cultural e natural do mundo. Fato é que grandes organizações e instituições mundiais, como a UNESCO, já citada, e o Banco Mundial, por exemplo, vêm se empenhando em situar a cultura como importante ferramenta da melhoria de qualidade de vida na sociedade, abordando-se a tolerância entre os povos e a participação do indivíduo como cidadão e na condição de agente de desenvolvimento, sem deixar de lado as outras dimensões deste conceito.

Sob o enfoque do desenvolvimento territorial sustentável, por conseguinte, a dimensão da cultura contribui para proporcionar o exercício da cidadania cultural a toda a sociedade, de forma igualitária, valorizando a história do território e garantindo a todos oportunidades de acesso à informação e ao conhecimento (MENDES, 2009).

Revisitando Sachs (1993, p. 38), pode-se definir a dimensão de sustentabilidade cultural como processo que promova mudanças dentro da comunidade cultural, traduzindo "o conceito normativo de ecodesenvolvimento em um conjunto de soluções específicas para o local, o ecossistema, a cultura e a área". Esta dimensão de raízes endógenas, conforme Mendes (2009, p. 56), propõe a valorização das especificidades do território e compreende:

> [...] diversos condicionantes complexos tais como: sustentabilidade institucional; capacidade de investimento público; bem-estar social/desenvolvimento humano; afirmação da identidade cultural; sustentabilidade econômica; integração regional, nacional e internacional; sustentabilidade espacial; meios materiais de governabilidade e segurança.

Assim, nesse entendimento, a dimensão da cultura deve promover, preservar e divulgar a história e os valores locais, mas sempre acompanhando suas transformações e proporcionando acesso para a população em geral.

O aspecto cultural fortalece, portanto, saberes populares, formas de relacionamento de uma respectiva localidade, valores e códigos sociais, os quais se tornam um diferencial e uma resistência perante o mundo globalizado e capitalista.

Néstor Canclini (2003, p. 29), no capítulo "Reconstruir políticas de inclusão na América Latina", do livro "Políticas culturais para o desenvolvimento: uma base de dados para a cultura", da UNESCO, já refletia sobre este posicionamento da cultura e do território diante da globalização e do neoliberalismo, gerando-se "desequilíbrios históricos nos intercâmbios da comunicação", bem como no acesso à informação, assinalando que:

> A difusão de alguns livros, músicas e telenovelas em circuitos maciços das cidades grandes e medianas coexiste em todos os países latino-americanos com o fechamento de livrarias e teatros, o desmantelamento de bibliotecas e o desmoronamento de salários em todo o setor público. O fervor que às vezes geramos espetáculos ao ar livre nas capitais, exposições às quais as técnicas de mercado habilitam públicos momentâneos não podem nos fazer esquecer da emergência cultural e educativa em que mergulhou a maioria das instituições estatais devido ao ajuste financeiro neoliberal.
> A carência de disposições de compreensão artística e intelectual, cuja formação requer décadas, assim como a perda de instrumentos conceituais pela deserção escolar e a escassez de estímulos culturais complexos e duradouros, não se resolvem instalando computadores em algumas milhares de escolas e predicando efeitos mágicos de internet para o restante. Rajadas de globalização não podem compensar políticas tecnocraticamente elitistas e, por isso, finalmente, discriminatórias.

Canclini (2003) reforça a ideia de que as nações latino-americanas, tendo uma relação mais aberta e solidária com a sua cultura, podem transformar este conhecimento em um instrumento de força. Esta reflexão ressalta a importância de compreender e conhecer a identidade cultural do território como uma das condições para o desenvolvimento e que a

comunidade se autoidentifique culturalmente, a fim de assumir esse instrumento (a cultura) para ser protagonista do seu próprio processo de desenvolvimento local.

Esse entendimento dialoga com um dos quatro pilares abordados pela Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI (DELORS, 2010), da UNESCO, que trata da educação almejada, a qual se sustenta em quatro pilares principais: Aprender a Conhecer; Aprender a Fazer; Aprender a Conviver e Aprender a Ser. Este último pilar, especialmente, mais bem explorado no Relatório de Edgar Faure, publicado em 1972, enfatiza a necessidade que os indivíduos terão de exercer sua autonomia e responsabilidade para fins da coletividade; de conhecerem a si mesmos, seus talentos e capacidades, e como isso se atrela ao conceito de educação.

Com isso, é possível compreender que a trajetória da escritora Maria da Glória Sá Rosa, abordada nesta dissertação, não poderia estar mais que bem relacionada com o assunto em tela, uma vez que a autora selecionada é referência na escrita produzida em Mato Grosso do Sul e na área da educação, tendo participado da formação de muitos cidadãos sul-mato-grossenses, contribuindo como agente do desenvolvimento, o que se verá na subseção 3.5.

Ainda, em consonância com o referencial já citado, são adotadas aqui as considerações do francês Roger Chartier no ensaio “O Mundo Como Representação” (1990) a respeito de “história cultural”. O estudioso considera que todas as relações, incluindo aquelas denominadas econômicas ou sociais, organizam-se conforme a percepção dos sujeitos, de forma que a “cultura” é composta por essas representações construídas pela sociedade ou por um determinado grupo, considerando-se muito além da concepção habitual de produções e práticas intelectuais e artísticas. É, assim, um sistema de concepções por meio do qual os sujeitos guiam seus comportamentos e desenvolvem seus conhecimentos.

Chartier (1990, p. 61) afirma que “Pensar de outro modo a cultura, e por consequência o próprio campo da história intelectual, exige concebê-la como um conjunto de significações que se enunciam nos discursos ou nos comportamentos aparentemente menos culturais”. A cultura é, assim, entendida como um conjunto de valores, costumes, comportamentos e ações dos sujeitos na sociedade em que vivem, estando sempre em movimento e contínua (trans)formação. Esta concepção se mostra mais próxima da pluralidade que trespassa a ordem social e a diversidade do território de Mato Grosso do Sul.

Kashimoto, Marinho e Russeff (2002, p. 38) indicam que “[...] o reconhecimento da multiplicidade intercultural de Mato Grosso do Sul é um campo pouco explorado e amplamente aberto a pesquisas de natureza científica”, o que caracteriza esta dissertação

como uma pesquisa significativa para o campo acadêmico. E lançam também a seguinte questão, a ser pensada no desenvolvimento do texto citado:

> Assim, como incrementar-se o desenvolvimento sul-mato-grossense se a sua cultura é múltipla e ainda majoritariamente desconhecida pelos estudiosos, se a sua identidade não é vislumbrada ou experimentada em sua plenitude por uma população em permanente estado de movimento?

Esses autores, portanto, colocam como basilar a afirmação de que identidade cultural é central para o fortalecimento da comunidade em seu território, de forma a possibilitar os melhores caminhos no processo de desenvolvimento local. A cultura significa muito mais que uma mercadoria, um retorno financeiro ou os objetivos comumente almejados pela dimensão econômica, englobando, assim, o papel influenciador nas relações sociais, políticas e simbólicas de um povo. Por conseguinte, apresenta-se uma concisa contemplação a respeito da memória, da identidade e do desenvolvimento territorial.

3.1 Uma breve reflexão: memória, identidade e desenvolvimento territorial

Em diálogo com a dimensão da cultura, em busca da promoção da história e dos valores de um povo e seu território, adentra-se, neste subitem, no pensamento de que a memória é um dos pilares em que se funda a identidade. Independentemente da perspectiva coletiva ou individual, a memória pode ser observada como fonte de referentes identitários, sendo em razão da construção discursiva da identidade que se faz necessário recorrer à memória: é preciso revolver o passado para se narrar, para construir uma identidade.

Stuart Hall (2009, p. 109) explica que as identidades são construídas dentro do discurso e, por esse motivo, “[...] precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas”. Elas emergem também a partir de modalidades específicas de poder, sendo, assim, o produto de marcação da diferença e da exclusão, e não uma mesmidade, sem diferenciação interna, de forma inteiriça.

Esse entendimento aponta para o reconhecimento de que é somente por meio da relação com o Outro, daquilo que não somos, daquilo que nos falta, que a identidade é construída. Além disso, esta construção nunca é plenamente concluída, sendo constantemente contestada, reconstituída, reafirmada. Hall (2009, p. 130-131) considera a teorização da identidade um tema de relevância política “[...] que só poderá avançar quando tanto a necessidade quanto a ‘impossibilidade’ da identidade, bem como a suturação do psíquico e do

discursivo em sua constituição, forem plena e inequivocamente reconhecidos", sendo necessário se pensar na articulação da relação do sujeito com as formações discursivas.

Atores de um território conscientes de sua identidade têm mais chances de se tornarem sujeitos ativos e empoderados, abertos a transformações e às diferenças. Assim, memória e identidade estabelecem relações de poder e criam condições de enfrentamento de vazios de sentido. Para Candau (2011, p. 59), "A perda de memória é, portanto, uma perda da identidade". Para o estudioso, sem memória, o sujeito se esvazia, vivendo apenas no momento presente, desfazendo-se o sentimento identitário e a consciência de si mesmo. Este entendimento é compartilhado na própria literatura brasileira, nas palavras de Conceição Evaristo (2017, p. 11): "A memória bravia lança o leme: recordar é preciso".

A significação social de uma comunidade constrói-se em sua identidade, sendo que tais concepções se articulam com o objetivo desta pesquisa: destacar a representatividade feminina na literatura e a forte implicação dela no desenvolvimento territorial de Mato Grosso do Sul, por intermédio, particularmente, da pesquisa da história de vida e obra literária de Maria da Glória Sá Rosa. Também instigante é o fato de as obras selecionadas para análise nesta pesquisa, de autoria dessa autora, terem objetivo de retratar ou resguardar acontecimentos históricos do território, uma vez que a memória, ao nos revelar aquilo que não conhecemos nem sequer chegamos a vivenciar, têm o poder de ressuscitar a voz dos apagados, sendo, por isso, um importante instrumento de empoderamento.

3.2 A literatura em Mato Grosso do Sul

Primeiramente, é preciso explicar que este subitem tem um enfoque no desenvolvimento local, na Geografia Cultural, a qual busca uma melhor compreensão do lugar e das experiências humanas por meio das diversas artes e expressões culturais (OLANDA; ALMEIDA, 2008); no caso aqui apresentado, da literatura. Também relevante apontar que esta dissertação não se propõe, ao discorrer sobre a literatura aqui produzida, a limitar escritores e seus trabalhos literários ao aspecto de estar neste território simplesmente, correndo-se o risco de "enquadrá-los" de forma localista ou reduzida. Pelo contrário, almeja-se enaltecê-los para um alcance maior de público e reconhecimento nacional, justamente por conta das adversidades encontradas pelos escritores que não se incluem no eixo Rio-São Paulo, fruto da centralização política, econômica e cultural desses territórios. Desse modo, o objetivo nesta subseção é apresentar alguns aspectos da produção literária em Mato Grosso do Sul, com base nos aportes teóricos apresentados anteriormente, destacando-se os

particularismos sul-mato-grossenses e o contexto em que se inserem, uma vez que, tal como Antonio Candido esclareceu em sua obra “Literatura e Sociedade” (2006, p. 147), “há uma literatura brasileira manifestando-se de modo diferente nos diferentes Estados”.

Talvez, sob enfoque da teoria da literatura, faça mais sentido pensar em universalismos e particularismos que podem ser usados em qualquer obra, porém, como aqui se está estudando sob o foco do território e da territorialidade, utiliza-se “literatura sul-mato-grossense”, “literatura em Mato Grosso do Sul” e afins, com esta cautela, compreendendo seu valor histórico, a tradição regional, sem classificar como algo menor ou com qualquer carga pejorativa por trás.

Há uma evidente multiculturalidade na literatura sul-mato-grossense, ocasionada, em grande parte, pelas origens do Estado, o qual foi criado em 1977 e implantado em 1979. Assim, há escritores que nasceram no então Mato Grosso uno, antes da criação de MS; escritores pós-criação de MS; escritores nascidos nos países de fronteira com o Estado; escritores indígenas; escritores que vieram de outros cantos do Brasil, ainda muito jovens; e outros que escolheram a região para chamar de lar e aqui criaram raízes e identidade sul-mato-grossenses.

A Figura 5, a seguir, é um registro histórico dessa peculiaridade da identificação cultural de MS. Ziraldo (1977), no semanário O Pasquim, publicou uma charge bem-humorada sobre a criação de Mato Grosso do Sul, retratando os diálogos que aconteciam na época, dos defensores de suas regiões. Na charge, intitulada “Isso é que é dar nome aos bois” (ZIRALDO, 1977, p. 29), destaca-se uma parte que mostra o seguinte: “E o poeta de lá? ‘Quer ir para Mato Grosso do Sul. Mato Grosso do Sul não há mais’ (e ainda nem nasceu)”.

Figura 5 – Charge do cartunista Ziraldo no jornal de humor O Pasquim

Fonte: Dourados Agora (2015).

Soma-se a isso o fato de que Mato Grosso do Sul acolheu, ao longo do seu povoamento, aspectos culturais europeus, africanos e asiáticos – de origem árabe e nipônica –, de forma que o Estado é dotado de grande força cultural, mas também de uma constante busca por pertencimento. O "Estados das Fronteiras", como declara o escritor Brígido Ibanhes (2010), o qual se considera brasileiro de origem paraguaia, tem uma literatura intercultural e em transformação.

Ainda, Mato Grosso do Sul tem como forte identificador cultural a relação com a natureza e o agronegócio, conforme já abordado anteriormente, e isso impactou a produção

artística e literária, especialmente em seu início. Atualmente, crescem as produções de autores contemporâneos sem ter envolvimento algum com territorialidade, experimentando formas outras de temáticas, gêneros e criação.

Muitos escritores e escritoras retrataram cenas da história e do cotidiano em Mato Grosso uno e MS, especialmente no Pantanal e nas fronteiras, como Raquel Naveira, Lobivar Matos, Samuel Medeiros e Manoel de Barros, por exemplo, e, ainda hoje, autores e autoras revisitam esses temas relacionados ao território, porém os trazem cada vez mais junto a assuntos universais e complexos e por meio de gêneros variados (ARAUJO, 2017), como Febraro de Oliveira em seu romance "Uirapuru" (2021), no qual, utilizando Mato Grosso do Sul como ambientação para desenvolver a narrativa, no caso, a história verídica de que a rua em que vive nasceu de uma ocupação, o autor conta a história do protagonista LGBTQIAP+ Léo, que evoca a memória e o imaginário em busca de pertencimento. Essa ressignificação do regional se dá em decorrência da diversidade geográfica, cultural, política e econômica entre as regiões do Brasil, tensões que são retratadas na literatura e apresentadas conforme as particularidades de seu tempo.

Ao tratar da literatura produzida em um território, instauram-se diversos entendimentos e, até mesmo, apreensão sobre o uso do aspecto "regional", como já enfatizado na introdução deste subitem. O que torna a literatura "sul-mato-grossense" é "a participação na vida social e espiritual", enfatizada por Candido (2006, p. 147). Sousa (2021, p. 16) também faz um contraponto interessante com a discussão que cerca a questão regionalista, ao elencar o pensamento de alguns pesquisadores, explicando, por exemplo que Candido sugere uma "universalidade da região", juntando o regional e o universal, em vez de os separar.

Eurídice Figueiredo (2013, p. 45) esclarece que há uma internacionalização do regional, que se dá pelo fato de as pessoas estarem cada vez mais híbridas, situadas no entrelugar "[...] porque novas redes transnacionais se formam permitindo a circulação de ideias e a criação de novos padrões". Essa "literatura-mundo", comentada por Figueiredo (2013, p. 44), aponta para barreiras que, com a globalização, parecem borradas:

> [...] escritores que têm os pés fincados na região são tão universais quanto aqueles que situam seus romances nos grandes centros urbanos. Por outro lado, num mundo globalizado e caminhando para a homogeneização, eles tornam-se valorizados no mercado internacional justamente porque têm um diferencial a oferecer.

Não obstante seja um assunto difícil de mensurar e por demais polêmico, entendeu-se como relevante pincelar sobre alguns dos debates que o englobam, em razão da discussão sobre o território e o valor simbólico que ele adquire. Por conseguinte, o Brasil, país de

dimensão continental, ainda tem muito o que descobrir e reconhecer em âmbito nacional, incluso na dimensão sociocultural, na qual se encontra o campo literário.

Conforme pesquisa publicada pelo Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea, da Universidade de Brasília (UNB), coordenado pela pesquisadora Regina Dalcastagnè (2005), no mercado de grandes editoras, tais como Rocco, Editora Record e Companhia das Letras, há grande concentração geográfica: mais de 70% dos escritores e escritoras do *corpus* do estudo nasceram em quatro estados da Federação – Rio de Janeiro (36,4%), São Paulo (13,3%), Rio Grande do Sul (12,7%) e Minas Gerais (10,9%). A respeito do local de moradia, da mesma forma, ocorre alta disparidade: mais de 60% estão concentrados nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. Além disso, a maioria dos autores e autoras vive em capitais (90,3%). A pesquisa em questão analisou 258 romances, escritos por 383 autores, nos períodos de 1990 a 2004.

Com base nessas informações, pode-se afirmar que há muito a ser feito para o reconhecimento do cenário literário em nível nacional, mesmo com atual ampliação de espaços de publicação e recentes avanços nesse quesito – como o fato de, entre os finalistas do prêmio Jabuti de 2020, haver produções com moradores de Campo Grande envolvidos (MESQUITA, 2020a), ou, ainda, de ser possível observar o envolvimento de escritoras em participações nacionais (MESQUITA, 2020b). Os próprios sul-mato-grossenses têm voltado cada vez mais o olhar para a literatura aqui produzida, tanto quem a produz quanto quem a consome, e observa-se o surgimento de grupos organizando-se em busca de representatividade (PIMENTA, 2018; COUTO, 2022).

Maria da Glória Sá Rosa e Albana Xavier Nogueira organizaram a obra *A Literatura Sul-Mato-Grossense na Ótica de Seus Construtores*, publicada em 2011, em que escritores descrevem o cenário literário de Mato Grosso do Sul e comentam seus próprios livros e suas trajetórias de vida. Trata-se de um material que pode auxiliar pesquisadores e críticos literários a entender melhor como se dá a literatura em MS. Nesta obra, algumas declarações reforçam a necessidade de apoio aos escritores locais:

> Reconheço que o poder público tem feito tudo o que pode para incentivar a Literatura, mas acho que é preciso mais apoio, considerando a importância da cultura literária na formação da juventude [...] (COUTO, 2011, p. 169).
> [...]
> Se vamos falar da comercialização dos livros produzidos no Estado, o quadro é um pouquinho mais grave. Quando um autor começa a ficar conhecido e, de certa forma, procurado por leitores, sua obra praticamente está esgotada [...] De modo que fica difícil falar de aceitação, sem uma política de comercialização e divulgação de nossos escritores. (MACHADO, 2011, p. 192).

Entretanto, esses autores e essas autoras, ao se depararem com obstáculos, tais como os anteriormente descritos, passam a assumir o papel de agentes/protagonistas locais, a fim de garantir maior reconhecimento à literatura produzida em MS. Ávila *et al.* (2000, p. 68) explicam que as pessoas, por meio de uma ativa colaboração de agentes externos e internos, procuram estar aptas a agenciar os rumos presentes e futuros, para que possam refletir e agir no que diz respeito ao aproveitamento dos próprios potenciais ou das potencialidades locais, em busca de soluções daquilo que lhes diz respeito, como os problemas do grupo e da comunidade, por exemplo.

Com relação ao que já foi abordado até aqui, entende-se, sob o enfoque do desenvolvimento local, que a literatura é uma manifestação de cultura e identidade. Assim, a escritora Maria da Glória Sá Rosa, cuja incursão, em parte de sua obra, far-se-á em uma discussão mais adiante, é uma importante construtora dessa identificação cultural do povo sul-mato-grossense e, especificamente, da ressignificação do papel das mulheres, como escritora e agente de desenvolvimento do território.

3.3 A escrita de autoria feminina

A partir da industrialização e urbanização crescente, no século XIX, ocorreu também a multiplicação de leituras e pessoas letradas. Chartier, ao minuciar o assunto, afirma que, em Paris, "[...] a mediação da escrita feminizou-se e mecanizou-se. Na máquina de escrever, aquela que escreve para os outros dedica-se sem dúvida ao preenchimento dos papéis e formulários oficiais requeridos pela administração" (1998, p. 103). Com as transformações ocorridas, também, em razão da Segunda Guerra Mundial, as mulheres começaram a trabalhar e atender a demandas que não eram delas, mas tinham ali uma pequena abertura naquele universo predominantemente masculino. Chartier (1998, p. 109) explica também que "Durante muito tempo, a leitura das mulheres foi submetida a um controle que justificava a mediação necessária do clero, por temor das interpretações selvagens, sem garantia do poder".

Dessa forma, a escrita e o saber estiveram, e ainda estão, ligados ao poder, como forma de dominação e influência dos papéis sociais desempenhados na sociedade. Telles (2004) afirma que, apesar de o século XIX ter sido marcado pelas adversidades para as mulheres, os colonizados e os trabalhadores europeus, numa época em que ter esses grupos envolvidos em ações políticas ou manifestações de resistência era malvisto, foi neste período que os movimentos sociais ganharam força, assim como o feminismo, o movimento sufragista

e o conceito de nova mulher, ideal feminino que viria a influenciar o feminismo no século XX.

As mulheres não tinham voz e eram restringidas nos seus direitos de ir e vir, impossibilitadas de ocuparem cargos de liderança, de conquistarem a independência financeira e terem acesso facilitado ao conhecimento. Telles (2004, p. 408) descreve que, comumente:

> [...] as mulheres no século XIX ficavam trancadas, fechadas dentro de casas ou sobrados, mocambos e senzalas, construídos por pais, maridos, senhores. Além disso, estavam enredadas e constritas pelos enredos da arte e ficção masculina. Tanto na vida quanto na arte, a mulher no século passado aprendia a ser tola, a se adequar a um retrato do qual não era a autora. As representações literárias não são neutras, são encarnações "textuais" da cultura que as gera.

Por conseguinte, com o surgimento desses movimentos e dessas transformações sociais, a mulher passou a se reafirmar em outros papéis além de mãe e esposa, lutando por seus direitos de cidadã. Del Priore (2004, p. 8) esclarece que:

> No século XIX, recuperou-se uma imagem mais nítida das mulheres através de diários, fotos, cartas, testamentos, relatórios médicos e policiais, jornais e pinturas. No século XX, elas ganham visibilidade por meio de livros e manifestos de sua própria autoria, da mídia cada vez mais presente, dos sindicatos e dos movimentos sociais dos quais participam, das revistas que lhes são diretamente dirigidas, dos números com que são recenseadas. Enfim, toda sorte de documentos que o historiador utiliza para desvendar o passado foram largamente consultados para jogar o máximo de luz sobre histórias tão ricas e tão diversas.

Ainda, por muito tempo, as mulheres escritoras usavam pseudônimos, para não serem identificadas, ou, então, enfrentavam julgamentos e o ostracismo, passando a ser "resgatadas" do esquecimento tempos depois, como foi o caso da escritora abolicionista Maria Firmina, que, em 1859, publicou "Úrsula", obra que a fez ser reconhecida por muitos críticos como a primeira romancista do Brasil. Foi só em 1975, na obra "Maria Firmina: fragmentos de uma vida", de José Nascimento Morais Filho, que se retomou atenção para sua escrita (SILVA, 2011).

Num recorte histórico do Brasil, ainda na década de 1970, as publicações "aceitáveis" de mulheres fixavam-se em seu cotidiano "do lar", compartilhando receitas, dicas de limpeza e como ser uma boa esposa (ESSER, 2014). A escrita foi se transformando até que se chegasse ao momento atual, em que, apesar dos muitos obstáculos enfrentados, a mulher tem sido vista por diferentes vieses. Mesmo assim, "[...] as escritoras estão perfeitamente conscientes de que ainda hoje um preconceito pesado tende a colorir de rosa qualquer obra de literatura feminina" (COLASANTI, 1997, p. 37).

Levando-se em conta essa historicidade, considera-se que, apesar de existirem autoras consagradas na literatura brasileira, como Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, Rachel de Queiroz e Cecília Meireles, por exemplo, e, mais recentemente, certa popularização e maior reconhecimento das obras de Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus, ruminam-se dúvidas sobre essas e outras escritoras terem recebido um reconhecimento condigno de seus talentos e até que ponto o fato de serem mulheres contribuiu para a aceitação ou negação delas como autoras.

Isto posto, quando se fala em literatura de autoria feminina, Esser (2014, p. 13-14) reflete que:

> Por meio do discurso, as mulheres conseguem projetar a imagem que têm de si próprias e do meio onde vivem, revelando ideias e ideologias muito particulares, que se diferenciam da escrita masculina por apresentarem uma subjetividade inédita dentro da literatura brasileira.

E a literatura escrita por mulheres abarca de forma peculiar a questão da identidade, sendo, num sentido geral, relacionada aos processos históricos e às influências de poder na sociedade, e como isso afetou e afeta o cânone literário. Os estudos científicos têm sido cada vez mais realizados com foco na produção e no fortalecimento da representatividade feminina na literatura.

Esser (2014) aponta também que a mulher tem reconstruído sua identidade e seu papel na sociedade por meio da escrita e que, desta forma, no que diz respeito aos estudos de gênero, deve ser pesquisada considerando-se um conjunto dos elementos constituintes de seu contexto social e as diversas classificações dadas pelo ser humano em sua organização social, de maneira que, cada vez mais, "Suas vozes podem ser ouvidas com o mesmo direito masculino, sem distinção de raça, sexo, gênero ou religião" (ESSER, 2014, p. 16-17).

Del Priore (2004), na obra "História das Mulheres no Brasil", explica que, apesar de na história a sociedade patriarcal usualmente limitar a mulher à função maternal e dos cuidados da casa, a figura feminina está inerentemente ligada à história de todo o seu meio familiar, dos filhos, do cotidiano do lar, do trabalho, do ambiente em que vive. A autora esclarece que "A história das mulheres é relacional, inclui tudo que envolve o ser humano, suas aspirações e realizações, seus parceiros e contemporâneos, suas construções e derrotas" (2004, p. 8). Isso condiz com as palavras da escritora Nélida Piñon (1997, p. 94), ao declarar seu gosto pela literatura aliada à essência feminina e à memória das circunstâncias humanas: "Narro, porque sou mulher".

Exemplo disso é a *escrevivência* de Conceição Evaristo (2020, p. 30), que, nas palavras da autora:

> [...] se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças.

Mesmo partindo de uma experiência tão singular, da condição de pessoa brasileira de origem africana, é possível notar um discurso literário que abarca a universalidade humana, de forma que muitas pessoas se identificam e comovem com suas obras. A *escrevivência* de que fala Evaristo concebe, juntas, escrita e vivência, escrita e experiência.

Teixeira (2008, p. 22) explica que é "Inquestionável, portanto, a contribuição de tais vivências, cujos relatos, através da literatura, são convertidos em documentos escritos e publicados, legados aos que serão vindouros", bem como enfatiza a importância das pesquisas que se dedicam a reconstituir a história da literatura produzida pelas mulheres, no Brasil e no exterior. A autora (2008, p. 28) também reflete sobre o tema da representação, destacando que ela se torna mais evidente "[...] quando se lida com produção literária e com seu poder de influenciar as crenças, os valores, as identidades e a memória social". Além disso, aponta que "[...] a literatura não só incorpora elementos da realidade, como também redimensiona e recria essa mesma realidade, podendo ou não reforçá-la".

Em consonância, sob um olhar feminista como perspectiva crítica, Alós e Andreta (2017, p. 20) explicam que um dos postulados básicos das diferentes vertentes dessa teoria é:

> [...] a impossibilidade de se pensar o texto literário desvinculado do seu contexto de leitura e produção, bem como do contexto onde se realiza a sua leitura. A crítica literária feminista se faz interdisciplinar por definição, uma vez que ela não admite a leitura do texto em um modo desvinculado de sua exterioridade e de sua historicidade.

Assim, apontam "[...] a existência de uma relação complexa entre os textos literários e o contexto sociocultural, histórico e geográfico em que esses mesmos textos foram produzidos" (ALÓS; ANDRETA, 2017, p. 27), levando-se em conta que a literatura representa o mundo, fomenta uma concepção de mundo.

Pertinente pontuar que a crítica literária feminista abarca uma preocupação com a história literária e o apagamento das mulheres nela; o lugar da leitora e da leitura nos estudos literários; e a ginocrítica, em que mulheres estudam textos sobre mulheres, escritos por mulheres, analisando-se, por exemplo, a releitura da tradição literária sob novas lentes e o fato

de que as mulheres, como escritoras, "[...] reescrevem, subvertem e reelaboram a tradição literária" (ALÓS; ANDRETA, 2017, p. 28).

Em diálogo com esta explanação, encontra-se esta própria dissertação, que busca analisar as crônicas de Maria da Glória Sá Rosa e seu impacto na história literária e social do território sul-mato-grossense, como também se notam essas questões nos textos de Glorinha, quando ela não só influi na memória social e na identidade dos sul-mato-grossenses com suas obras memorialísticas da cultura da região, como ainda apresenta ao leitor, em pé de igualdade, os feitos de mulheres e homens da educação, por exemplo, em sua obra "Memória da Cultura e da Educação em Mato Grosso do Sul: histórias de vida" (1990), ou disserta sobre textos de Clarice Lispector e os aspectos musicais de Tetê Espíndola e Elis Regina, na obra "Crônicas de Fim de Século" (2001).

Dessa forma, vê-se que Glorinha preocupa-se não apenas com a construção histórica e do patrimônio, mas também em apresentar personalidades, obras e muito mais além de Mato Grosso do Sul que ela admira ou com que se identifica – o que se relaciona com suas vivências pessoais e, também, seu olhar de educadora, compartilhando saberes até então pouco difundidos na região sul-mato-grossense. É a escrita mesclada com as vivências desta mulher, migrante, educadora, que ajuda a formar uma outra cultura também multicultural em si.

3.4 Mulheres escritoras em Mato Grosso do Sul

Em razão de um processo histórico complexo de ocupação de espaço e colonização, em Mato Grosso do Sul, no Pantanal, produziu-se uma história e historiografia que mostra o protagonismo masculino como peça central nos acontecimentos (NICHNIG, LEITE, 2019, p. 390). Portanto, ao se analisarem os primeiros registros de escrita de autoria feminina, nota-se que a mulher está presente de forma secundária, acompanhando os pioneiros fazendeiros. A essas mulheres se direcionavam os trabalhos domésticos e a vida social; assim, a escrita delas, na época, continha, em sua maior parte, relatos do cotidiano, acontecimentos nas estradas e na região, além do registro do desenvolvimento das fazendas e das notícias recebidas sobre as famílias locais, como a obra de Izabel de Arruda Viégas (1997), "Pantanal, Reminiscências de Nossas Vidas", um testemunho que narra o percurso de José Gomes Viégas, o Zezinho, inicialmente peão e capataz em fazendas da Nhecolândia, até tornar-se pecuarista no Paiaguás, MS.

Conforme Mendes (2022, *online, s.p.*):

> Mesmo sendo Izabel a autora do relato, o primeiro plano está em Zezinho. Essa atitude condescendente se explicita na introdução: "Concluí ser um dever meu não deixar no anonimato esse homem que, em vida, passou obscuro na sua grande humildade". Aliado a esse procedimento está o do rebaixamento. É recorrente esses textos anteciparem críticas ou então as autoras se eximirem da capacidade de fazer literatura.
> [...]
> Percebe-se um movimento sutil, próprio de quem agia nos bastidores impulsionando as grandes mudanças. Em suas reminiscências, Izabel relata ter sido o pivô da transição que alterou a posição econômica de Zezinho de empregado para patrão.

As narrativas acabavam relegadas ao esquecimento, por serem classificadas como menos importantes que as dos homens. Isso é resultante de um sistema colonizador que, acostumado a lançar à inexistência saberes e povos, apropria-se dos conhecimentos e subjuga civilizações às práticas sociais e econômicas dominantes. Por esse motivo, é comum se deparar com a invisibilização e o rebaixamento da mulher, com lacunas históricas ou falta de reconhecimento de suas conquistas, sobretudo das atividades em que, antigamente, as mulheres normalmente não faziam parte.

Há nomes que se sobressaem, destacando-se por sua atuação na escrita e em outras áreas, como Raquel Naveira, que se tornou reconhecida nacionalmente e internacionalmente, tendo recebido prêmios e menções honrosas por seu trabalho literário (CHISINI, 2016). Ela tem atuação profissional extensa, como escritora, professora universitária − aposentada na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) −, crítica literária e palestrante, e sua escrita abarca poesias, crônicas, ensaios, romances e literatura infantojuvenil (TAVEIRA, 2021), contando, assim como Glorinha, com publicações recorrentes no jornal Correio do Estado[5].

É interessante observar que muitas dessas autoras têm, também, experiência na área da Educação, contribuindo na formação de gerações de sul-mato-grossenses. A seguir, a Figura 6 traz nomes de mulheres escritoras de MS, a partir de um compilado feito nas obras: 1. "100 Mulheres Pioneiras em 100 anos de Campo Grande, de Therezinha de Alencar Selem (1999); 2. "A Literatura Sul-Mato-Grossense na Ótica de Seus Construtores", de Maria da Glória Sá Rosa e Albana Xavier Nogueira (2011); 3. "Grandezas da Literatura Sul-Mato-Grossense", de Guimarães Rocha (2011); 4. "Literatura Mato-Grossense", de Pe. Afonso de Castro (2020).

Essas obras datam de 1999 a 2020 e foram escolhidas a fim de se estabelecer uma delimitação para a realização da Figura 6, inserindo-se as escritoras que receberam um capítulo nesses livros e/ou estavam envolvidas na produção de cada um deles, sendo elas

[5] Como já mencionado, o jornal foi fundado em 1954 e é o periódico comercial de maior circulação no Estado.

escritoras com maior ou menor atuação no cenário literário. Entre a mais recente e a mais antiga publicação, transcorreram-se 21 anos.

Figura 6 – Mulheres escritoras de MS (1999-2020)

Fonte: Elaborado pela autora.

Outras escritoras que, apesar de não incluídas nos livros acima descritos, têm uma trajetória significativa na literatura: Sylvia Cesco (REVISTA PIXÉ, *online*), Lenilde Ramos (ASL, *online*), Iolete Moreira (ACAL, *online*), entre outras. Destacam-se, também, alguns nomes mais recentes, como as escritoras Diana Pilatti e Eva Vilma, com a temática da mulher; Tânia Souza, que escreve, entre outros gêneros, literatura infantojuvenil (MESQUITA, 2020b); e Gleycielli Nonato, escritora indígena (RUÍDO MANIFESTO, 2020).

3.5 Maria da Glória Sá Rosa

Escritora, professora, pesquisadora, memorialista, crítica e ativista cultural, Maria da Glória Sá Rosa, conhecida como Glorinha, foi uma das principais incentivadoras da cultura em Mato Grosso do Sul, sempre ressaltando a importância do resgate cultural: “A vida se renova, nada morre quando há memória” (ROSA, 2012, p. 19).

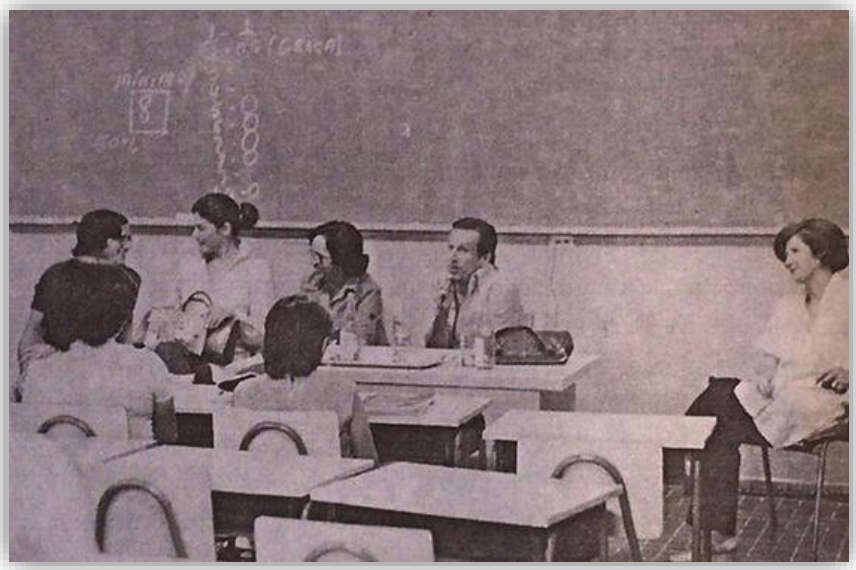
Filha de migrantes nordestinos, um comerciante e uma professora, Glorinha nasceu no Ceará, em Mombaça, vindo para Campo Grande quando criança, junto dos pais e dos cinco irmãos. Morou por um tempo no Rio de Janeiro e em Fortaleza, quando, em um internato de

freiras salesianas, teve início seu gosto pela escrita e pela leitura. Na adolescência, foi concluir o segundo grau em São Paulo, no Colégio Santa Inês, e lá fundou o jornal Tic-Tac, junto de Olga de Sá, passando a publicar poemas e crônicas de sua autoria. Em seguida, estudou Línguas Neolatinas na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e retornou a Campo Grande após formada (NOGUEIRA, 2014).

Já em Campo Grande, Glorinha casou-se com José Ferreira Rosa e passou a lecionar Língua Portuguesa e Língua Espanhola nos colégios Oswaldo Cruz e Nossa Senhora Auxiliadora, bem como no Colégio Estadual Campo-Grandense. Em 1961, participou do processo de fundação da primeira instituição de ensino superior do então Mato Grosso uno, a Faculdade Dom Aquino de Filosofia, Ciências e Letras (FADAFI), que mais tarde veio a ser Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso (FUCMT), atualmente Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) (NOGUEIRA, 2014). Em 1962, participou da elaboração e correção de provas do primeiro vestibular da instituição (ROSA, 2001). Foram quase vinte anos lecionando Língua Portuguesa, Literatura Brasileira e Portuguesa, além de Prática de Língua Portuguesa, formando gerações.

Conhecida por ser uma leitora ávida, de forma que até sua mãe se preocupava com o excesso de leitura (NOGUEIRA, 2014), Glorinha juntava seu entusiasmo com a literatura e seu dinamismo como professora para levar aos alunos diferentes vivências, com mostras, cursos, cineclubes, palestras etc., trazendo personalidades de fora do Estado para estar em contato com a comunidade acadêmica da região, como na Figura 7, em que o escritor Fernando Sabino ministrou um curso, no fim da década de 1960.

Figura 7 – Presença do escritor Fernando Sabino em sala de aula na FADAFI



Fonte: Rosa (2001).

Nogueira (2014) explica que Glorinha estimulava adaptações de livros em peças teatrais, o que ajudava a promover a arte teatral em Mato Grosso do Sul, uma vez que os alunos apresentavam-se tanto nos anfiteatros da FUCMT quanto em clubes campo-grandenses.

Acerca da trajetória de Glorinha na educação, Nogueira (2014, p. 221) discorre que:

> Se existe unanimidade em dizer que a história da professora se confunde com a história cultural do próprio Estado, é também porque seu trabalho de líder e estimuladora da cultura sempre extrapolou as salas de aula e fortaleceu os desejos dos que ansiavam por mudanças no cenário cultural da cidade, principalmente os jovens estudantes.

Ainda, a historiadora explica que Glorinha assumiu cargos de chefia, como coordenadora de cursos, criou a revista Estudos Universitários, deu início às Semanas de Letras, ajudou a fundar o Cine-Clube de Campo Grande e a organizar o Teatro Universitário Campo-Grandense (TUC) e o Festival Estudantil Mato-Grossenses de Teatro, além de fundar a Aliança Francesa junto de Eza Jacques, na década de 1960. Foi também chefe de departamento do curso de Letras da Universidade Federa de Mato Grosso do Sul (UFMS) e, além do Francês, dominava Espanhol e Inglês (MEDEIROS, 2020).

Por meio da Aliança Francesa, propôs reuniões para falar de Literatura, as quais frequentou por décadas. Nesses encontros, os participantes faziam comentários e análises

tantos das obras de autores clássicos, como Voltaire, Flaubert e Appolinaire, como de autores modernos, como Proust, Sartre e Simone de Beauvoir, além de escritores contemporâneos, trazendo para Mato Grosso do Sul as tendências da Literatura Francesa (CHAVES, 2020).

Glorinha ocupou a Cadeira 19 da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras por 44 anos, a qual teve como patrono João Guimarães Rosa, um de seus autores favoritos, e publicou diversas obras, além de textos em jornais e revistas, prefácios e apresentações de livros, "[...] juntados aos milhares de edições que faziam parte da biblioteca em sua residência" (MEDEIROS, 2020, p. 214), registrada na Figura 8 a seguir.

Figura 8 – Maria da Glória Sá Rosa

Fonte: Blog Marco Eusébio (2016).

Além de toda sua atuação na educação, na literatura, no ativismo cultural em geral, Glorinha ocupou os seguintes cargos públicos: "[...] secretária adjunta da Secretaria de Desenvolvimento Social; diretora executiva da Fundação de Cultura; presidente do Conselho Estadual de Cultura; superintendente da Secretaria de Cultura e Esportes; e [...] presidente da Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul" (MEDEIROS, 2020, p. 216).

Entre as muitas honrarias recebidas, destacam-se o título de Cidadã Campo-Grandense, de 1990, oferecido pela Câmara Municipal da capital; de Cidadã Sul-Mato-Grossense, de 2007, da Assembleia Legislativa; de Doutora *Honoris Causa*, em 2007, pela UFMS; e de Comendadora, outorgado pelo Tribunal Regional do Trabalho (TRT), de 2013 (NOGUEIRA, 2014). Pode-se afirmar, tal como Nogueira (2020), que a homenagem de maior significância seja a de difundir o entendimento de que ela é indissociável da História e Cultura em Mato Grosso do Sul.

Glorinha considerava ter vindo morar no Estado como uma dádiva para ela (NOGUEIRA, 2020), chegando a explicar isso em entrevistas: "Mato Grosso do Sul é minha pátria, meu país. Onde respiro livre e feliz. Aqui me casei, tive filhos e netos. Eu adoro ser cidadã campo-grandense e sul-mato-grossense. É uma dádiva ter vindo para cá" (ROSA, 2012, p. 19). Por outro lado, muitos consideram uma dádiva, na verdade, que o Estado tenha sido escolhido por ela como um lugar de pertencimento. Corrêa e Corrêa (2020, p. 231) consideram-na "[...] o divisor de águas no Mato Grosso do Sul e que, sob o seu olhar e apoio

incondicional, fez florescer o regional e o universal", especialmente por sua dedicação aos jovens universitários, para que escrevessem, compusessem, apresentassem e dessem asas à criatividade e a toda forma de arte. Rubenio Marcelo também ratifica a importância da escritora e historiadora, ao enfatizar que "[...] suas obras são fontes imprescindíveis de conhecimentos" (MARCELO, 2020, p. 195).

Por conta de suas ações pioneiras nas diversas áreas culturais e seu apreço pela memória e pelo patrimônio, seus livros contêm um olhar significativo e único para a construção da identidade sul-mato-grossense. Isso porque, como já mencionado anteriormente, ao fazer parte desta construção identitária, a autora não só trouxe conhecimentos adquiridos, ao abordar autoras e autores consagrados da literatura, como os produziu, ao dedicar-se tão veementemente aos registros históricos e cotidianos.

O estilo "à la Glorinha", como explica Nogueira (2014), é marcado por metáforas poéticas, "diálogos" com escritores e escritoras e recriações semânticas, acompanhados pelo apreço às recordações que emanam de sua memória invejável. A escritora foi "[...] a primeira pessoa a colher depoimentos de professores em Mato Grosso do Sul, para com eles compor a obra *Memória da Cultura e da Educação em Mato Grosso do Sul*, publicada em 1990" (NOGUEIRA, 2014, p. 222).

Sua atuação na escrita ratifica as considerações de Teixeira (2008, p. 42), que explica que a escrita de autoria feminina:

> Não é a escrita que simplesmente fala de mulheres, pois homens sempre escreveram sobre mulheres, sem necessariamente produzirem uma escrita feminina. A escrita feminista busca o menor, o microscópico, perpassa pela leveza estranha, pela delicadeza trágica, a sua política é a da subjetividade.

Nesse sentido, Glorinha cede seu olhar atento para o registro da história de Mato Grosso do Sul, sempre enaltecendo as mais diversas formas de arte, acreditando que, por meio da escrita, é possível a construção de um espaço de igualdade entre as pessoas. Quando se aborda a escrita de autoria feminina de Maria da Glória Sá Rosa, fala-se da representatividade que ela, como mulher escritora, carrega e difunde para as futuras gerações. De acordo com Borges-Teixeira (2013, p. 184): "Em vez de se partir do princípio de que mulheres escrevem diferente dos homens, é necessário que haja a identificação dos elementos que compõem o discurso tecido pelas mulheres. O discurso feminino, então, passa a ser a materialização de formações ideológicas".

Outro ponto marcante na trajetória literária de Glorinha é a liberdade de escolha de seus temas. Lobo (s.d., *online*) explica que

> [...] o cânone da literatura feminina se modificará muito se a mulher retratar vivências resultantes não de reclusão ou repressão, mas sim a partir de uma vida de sua livre escolha, com uma temática, por exemplo, que se afaste das atividades tradicionalmente consideradas "domésticas" e "femininas" e ainda de outros estereótipos do "feminino" herdados pela história, voltando-se para outros assuntos habitualmente não associados à mulher até hoje.

Dessa forma, pode-se afirmar que Maria da Glória Sá Rosa construiu uma voz ressoante na literatura sul-mato-grossense, voltada ao resgate histórico, ao patrimônio, à memória. Isso se torna ainda mais interessante, sob a ótica do desenvolvimento local, pelo fato de a autora ter nascido no Nordeste e ter escolhido Mato Grosso do Sul como sua terra. O Quadro 1, a seguir, mostra suas obras publicadas, explicando o tema de cada uma delas, a fim de comprovar sua profícua atuação como agente de desenvolvimento por meio da escrita.

Quadro 1 – Informações sobre as obras de Maria da Glória Sá Rosa

TÍTULO	AUTORIA	EDITORA, ANO	TEMA
Cultura, Literatura e Língua Nacional	Maria da Glória Sá Rosa, em parceria com Albana Xavier Nogueira	Editora do Brasil, 1976	Livro didático, vendido em todo o Brasil. A obra foi adotada nacionalmente porque fugia da proposta tradicionalista dos demais livros didáticos, que só continham textos e métodos de trabalho, o que, para a época, havia se tornado obsoleto.
Projeto Universidade 81: Festivais de Música em Mato Grosso do Sul	Maria da Glória Sá Rosa, em parceria com Cândido Alberto da Fonseca e Paulo Simões)	Editora UFMS, 1981	Livro que narra, a partir de depoimentos de cantores e artistas do sul de Mato Grosso, as histórias e memórias dos festivais promovidos até o ano de 1981 pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.
Memória da Cultura e da Educação em Mato Grosso do Sul: histórias de vida	Maria da Glória Sá Rosa	Editora UFMS, 1990	Obra que relata a vida de professores aposentados que fizeram história em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul sob a ótica autobiográfica dos entrevistados. Glorinha percorreu cidades como Campo Grande, Dourados, Aquidauana, Três Lagoas e Cuiabá para apresentar ao leitor um panorama da Educação do "Mato Grosso Uno" a partir das memórias daqueles que foram seus pioneiros.
Memória da Arte em MS: histórias de vida	Maria da Glória Sá Rosa, em parceria com	Editora UFMS, 1992	Dando continuidade à proposta do livro anterior, Maria da

TÍTULO	AUTORIA	EDITORA, ANO	TEMA
	Maria Adélia Menegazzo e Idara Duncan		Glória Sá Rosa une-se às professoras Maria Adélia e Idara para relatar, a partir das memórias de artistas do Estado, as visões sobre a Literatura, Música, Teatro, Artes Plásticas, Cinema e Dança daqueles que construíram e lutam pela manutenção dessas expressões culturais regionais.
Deus quer, o Homem sonha, a Cidade Nasce: Campo Grande: cem anos de história	Maria da Glória Sá Rosa	FUNCESP, 1999	A autora seleciona a história que se faz pela memória daqueles que viveram um passado não muito distante e que o construíram de um modo especial.
Crônicas de Fim de Século	Maria da Glória Sá Rosa	Editora da UCDB, 2001	A obra traz crônicas publicadas por Glorinha em jornais da capital sul-mato-grossense, nas últimas décadas do século XX.
Contos de Hoje e Sempre: tecendo palavras	Maria da Glória Sá Rosa	Miramar Indústria Gráfica Ltda., 2002	Em sua estreia na escrita literária (não acadêmica), Maria da Glória desenvolve contos sob a ótica das mais diversas ações humanas. Sempre muito antenada aos acontecimentos sociais vigentes, as histórias narradas confrontam-se com muitas realidades já vividas por pessoas comuns.
Artes Plásticas em Mato Grosso do Sul	Maria da Glória Sá Rosa, em parceria com Idara Duncan e Yara Penteado	Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2005	Conforme justificado na obra pelas autoras, “o que se quer garantir é o caráter histórico-cultural da criação artística”, mostrando a relevância das artes na formação do Estado.
A Música de Mato Grosso do Sul: histórias de vida	Maria da Glória Sá Rosa, em parceria com Idara Duncan	Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2009	Junto a sua parceira de escrita, Glorinha Sá Rosa traça um panorama da produção sonora do Estado.
A Literatura Sul-Mato-Grossense na Ótica de seus Construtores	Maria da Glória Sá Rosa, em parceria com Albana Xavier Nogueira	Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2011	Seguindo a lógica das narrativas de histórias de vida, Maria da Glória e Albana trazem na obra as visões, experiências, ações e obras de 21 escritores e 4 críticos de literatura que vivem ou viveram no Estado.
Projeto Universidade 81: Festivais de Música em Mato Grosso do Sul	Maria da Glória Sá Rosa, em parceria com Cândido Alberto da Fonseca e Paulo	Editora UFMS, 2012	Em comemoração aos 30 anos do Projeto “Prata da Casa” a obra foi relançada juntamente com “A Moderna Música

TÍTULO	AUTORIA	EDITORA, ANO	TEMA
	Simões		Popular Urbana de Mato Grosso do Sul", de José Octávio Guizzo, no Teatro Glauce Rocha, durante show que rememorou os Festivais promovidos pela UFMS nos anos 1970 e 1980.
Antologia de Textos da Literatura Sul-Mato-Grossense	Maria da Glória Sá Rosa, em parceria com Albana Xavier Nogueira e Maria Adélia Menegazzo	Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2013	Excertos de textos dos mais diversos autores da Literatura Sul-Mato-Grossense. Dentre eles, destacam-se poetas e prosadores como Manoel de Barros, Raquel Naveira, Lobivar Matos, Emmanuel Marinho, Sylvia Cesco e outros.
A Crônica dos Quatro	Maria da Glória Sá Rosa, em parceria com Abílio Leite de Barros, Maria Adélia Menegazzo e Theresa Hilcar	Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2014	O último livro que Maria da Glória publicou constitui-se da união de crônicas publicadas por ela, Abílio, Maria Adélia e Theresa no jornal Correio do Estado, entre novembro de 2012 e setembro de 2014.

Fonte: Elaborado pela autora, com informações do *site* do Acervo Maria da Glória Sá Rosa (2019).

Por meio do Quadro 1, pode-se observar que Glorinha tinha o enfoque na divulgação e preservação da cultura por meio da escrita, abarcando temas como Educação, Artes Plásticas, Música, Literatura, Teatro, Cinema, Dança e tantas outras expressões culturais e artísticas.

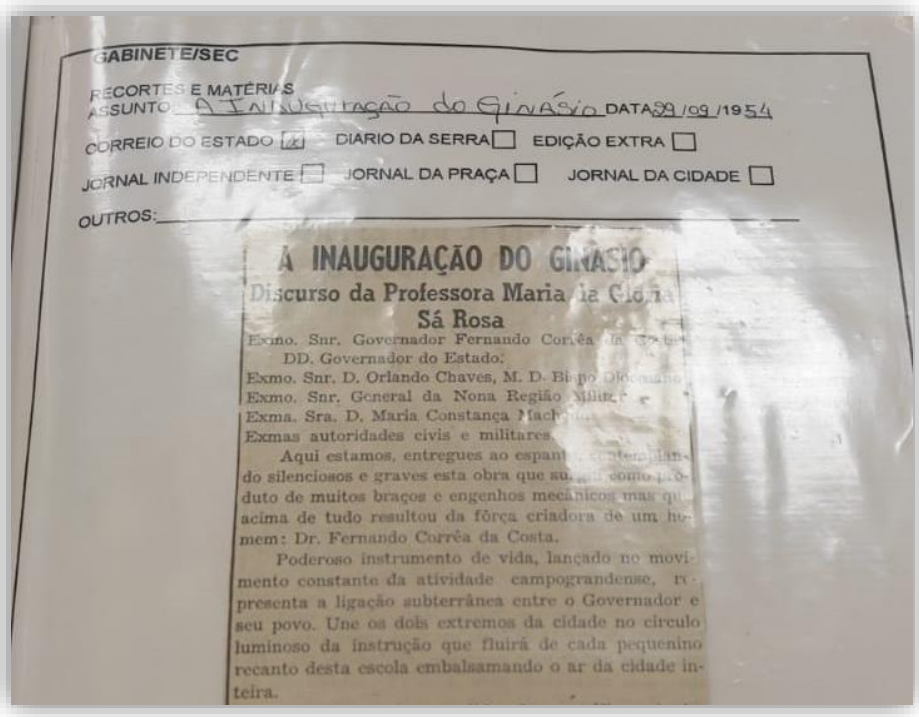
O Acervo Maria da Glória Sá Rosa, que, em seu *site*, elencou e comentou sobre cada uma das obras contidas no Quadro 1, inaugurou seu espaço físico no dia 19 de novembro de 2019, na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), *campus* de Campo Grande, bloco F, sala S09 (piso superior), mantendo o *site* com informações sobre o espaço, assim como a vida e obra de Glorinha. O espaço oferece serviços de visita guiada, consulta supervisionada ao acervo bibliográfico, digital e vídeos VHS, bem como palestras e oficinas relacionadas a temas culturais e científicos (ACERVO MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA, 2019).

O espaço é aberto a pesquisadores, acadêmicos e público em geral e tem funcionado por meio de agendamento prévio[6]. O coordenador do Acervo, conforme informações institucionais no *site*, é Daniel Abrão. E o Acervo ainda conta com os pesquisadores: Aline Saddi Chaves, Herbertz Ferreira e Volmir Cardoso Pereira.

[6] O contato para visitas, consultas e outras informações pode ser feito pelo e-mail acervoglorinha.uems@gmail.com.

Esta investigadora visitou o Acervo no dia 1º de fevereiro de 2023, acompanhada da professora doutora Aline Saddi Chaves, que é chefe do Núcleo de Ensino de Línguas da UEMS. Por meio da visita guiada e do acesso aos arquivos do Acervo, percebe-se que Glorinha era muito organizada, deixando suas publicações guardadas em pastas, separadas por local e ano de publicação, como se pode observar na Figura 9.

Figura 9 – Sistema de organização de Glorinha, para suas próprias publicações


GABINETE/SEC

RECORTES E MATÉRIAS

ASSUNTO A Inauguração do Ginásio DATA 29/09/1954

CORREIO DO ESTADO [X] DIÁRIO DA SERRA [ ] EDIÇÃO EXTRA [ ]

JORNAL INDEPENDENTE [ ] JORNAL DA PRAÇA [ ] JORNAL DA CIDADE [ ]

OUTROS:

A INAUGURAÇÃO DO GINÁSIO

Discurso da Professora Maria da Glória Sá Rosa

Exmo. Snr. Governador Fernando Corrêa da Costa
DD. Governador do Estado.
Exmo. Snr. D. Orlando Chaves, M. D. Bispo Diocesano
Exmo. Snr. General da Nona Região Militar
Exma. Sra. D. Maria Constança Machado
Exmas autoridades civis e militares

Aqui estamos, entregues ao espanto contemplando silenciosos e graves esta obra que surge como produto de muitos braços e engenhos mecânicos mas que acima de tudo resultou da fôrça criadora de um homem: Dr. Fernando Corrêa da Costa.

Poderoso instrumento de vida, lançado no movimento constante da atividade campograndense, representa a ligação subterrânea entre o Governador e seu povo. Une os dois extremos da cidade no círculo luminoso da instrução que fluirá de cada pequenino recanto desta escola embalsamando o ar da cidade inteira.

Fonte: Acervo Maria da Glória Sá Rosa (2019).

Na Figura 9, é possível ver que Glorinha separava por assunto, data e marcava o veículo de comunicação, colando o texto impresso. Além dessas pastas, há muitas fotografias e outros arquivos que ainda serão catalogados pela equipe da UEMS. Como o Acervo é recente, seu trabalho está apenas começando, e há muitas riquezas históricas e de memória a serem descobertas e analisadas. A Figura 10 a seguir é um registro da visita realizada por esta investigadora.

Figura 10 – Visita guiada pelo Acervo Maria da Glória Sá Rosa

Fonte: Acervo Maria da Glória Sá Rosa (2023).

A seguir, serão apresentados os percursos metodológicos para análise das crônicas de Maria da Glória Sá Rosa, a fim de destacar suas contribuições como agente de desenvolvimento local.

4 PERCURSOS METODOLÓGICOS

No transcurso desta investigação, o trabalho desta pesquisadora caminhou desde o período compreendido pela construção do projeto de pesquisa, no início do ano do 2020, até a realização do exame de qualificação, em dezembro de 2022, no sentido de compreender e aplicar um tipo específico e diferenciado de análise e interpretação de texto. Contudo, após a retomada da pesquisa, com aplicação do método que se entendia ser o mais propício para obtenção dos melhores resultados, chegou-se à conclusão de que era melhor alterar o procedimento e aplicar outro modelo, também relevante e cientificamente consolidado.

Eis que, feita a alteração no modelo de análise e interpretação dos dados, o mais lógico seria remover do construto metodológico o modelo de análise não aplicado. Contudo, considerando-se ser uma das finalidades do trabalho científico contribuir para o avanço da reflexão metodológica no campo, optou-se por manter na versão final da dissertação o texto metodológico escrito anteriormente e acrescentar o utilizado, a fim de que o trabalho final possa demonstrar a importância científica dos dois modelos e a pertinência de cada um deles em diferentes tipos textuais.

4.1 Modelo de predicação sintático-semântico

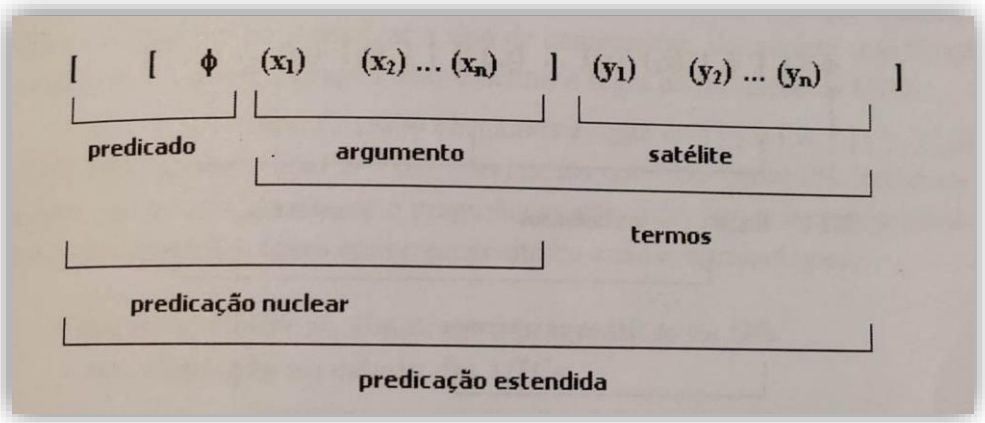
Para a análise dos textos da autora, escolheu-se, a princípio, a aplicação do modelo de predicação sintático-semântico desenvolvido por Café (1999), para uso em instrumentos de representação de conhecimento voltados à recuperação da informação, em um *corpus* de termos específicos, retirados de crônicas de Maria da Glória Sá Rosa publicadas no suplemento literário do jornal Correio do Estado, entre 1970-2001, as quais foram selecionadas pela própria Glorinha para compor a obra “Crônicas de fim de século” (2001). Ou seja, as crônicas compõem a base para a extração do *corpus* de estudo desta investigação.

O modelo da predicação, criado pela Gramática Funcional de Simon Dik (1997), foi adaptado por Café aos propósitos das unidades terminológicas complexas (UTC) de base nominal encontradas no Português escrito do Brasil. Esta gramática de Dik é considerada uma gramática do uso, por entender que a linguagem serve para diversos propósitos, não sendo um fenômeno isolado. Conforme Neves (1997, p. 22), a Gramática Funcional explica regularidades dentro da língua e, assim, “[...] em termos de aspectos recorrentes das circunstâncias sob as quais as pessoas usam a língua”. E a predicação:

> [...] é definida como o processo de atribuição de predicados na expressão lingüística. Os predicados são formados de argumentos e satélites. Este modelo interpreta, portanto, o segmento lingüístico observando o comportamento de argumentos e satélites que compõem a estrutura predicativa e produz como resultado regras de formação que auxiliam na sistematização da análise. (CAFÉ, 2014, p. 71).

A Figura 11 a seguir ilustra o esquema estrutural da predicação para melhor entendimento.

Figura 11 − Estrutura geral da predicação



Fonte: Café (2014).

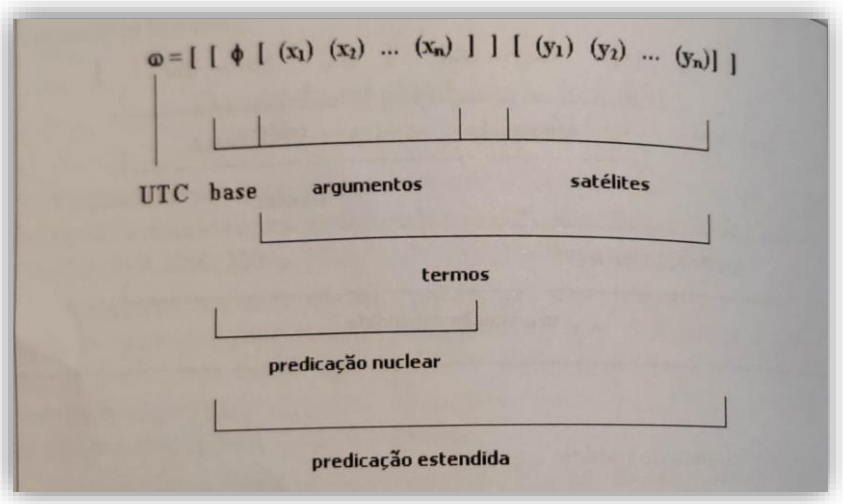
Dik (1997) entende por predicado todos os elementos lexicais de uma língua, podendo existir diferentes tipos de predicado, tais como verbais, adjetivais ou nominais. Esses predicados podem ser definidos como designadores de propriedades ou de relações e podem ser analisados por estruturas que especificam as propriedades semânticas ou sintáticas (CAFÉ, 2014).

Considera-se o predicado o centro da expressão linguística, que comporta toda a informação necessária para a descrição da predicação e pelo qual se pode descrever predicações nucleares e estendidas. O argumento é necessário para a construção da predicação nuclear, estabelece uma relação direta com o predicado, como se pode ver na figura acima, e é exigido pela semântica de predicação. O satélite já ocupa uma posição periférica, mantendo relação com a predicação como um todo. Os termos podem ocupar tanto a posição de argumento como de satélite. A predicação nuclear é formada pelo predicado e por seus argumentos, e a estendida se forma pela predicação nuclear junto a seus satélites.

Por meio da aplicação de parte desta metodologia, propõe-se listar as UTCs identificadas nas crônicas, separando-as de acordo com as regras de formação propostas por

Café (1999), de forma que se apresente o léxico terminológico escolhido por Glorinha para tratar da cultura sul-mato-grossense e de outros assuntos que ela considerou pertinentes tratar em sua escrita, estabelecendo-se uma validação de resultados e espaço para reflexões acerca de sua escrita no cenário literário em MS. Esse processo está ligado às relações funcionais que se estabelecem entre as UTCs, expressando-se a relação entre seus componentes a fim de comunicar as ideias da autora. As UTCs são segmentos formados de uma base seguida de argumentos e/ou satélites, sendo a base o centro da estrutura com o qual os argumentos estabelecem uma relação direta, conforme é possível observar na Figura 12 a seguir.

Figura 12 – Modelo de predicação de UTC na abordagem da Gramática Funcional



Legenda**:** ω = UTC; ϕ = base; x = argumento; y = satélite.
Fonte: Café (2014).

A ordem dos argumentos e satélites na UTC é indicada pelos índices 1 e 2, e os colchetes servem para circundar os conjuntos e subconjuntos de relações, como se pode observar da Figura 12. Utiliza-se, ainda, a barra oblíqua (/) para indicar a hierarquia relacional existem entre argumentos, no caso de haver relações dentro de um conjunto de argumentos.

Café (2008) ressalta que as etapas de verificação dos assuntos de um documento (texto) englobam: encontrar seus elementos formadores; dividi-los em tabelas, estudando suas relações e combinações; averiguar os assuntos do documento, tanto gerais quanto específicos; agrupar esses assuntos e representá-los de forma sintética.

> A construção desses sistemas de base analítico-sintética parece oferecer melhores resultados do que aqueles construídos somente por estruturas hierárquicas. Isto

> porque oferecem alternativas precisas de associação entre classes, além de serem bastante eficazes na representação de conteúdos semânticos complexos.
> (CAFÉ, 2008, p. 43).

Sobre a validação do modelo de predicação sintático-semântico, proposto por Café (1999), para a construção de sistemas analítico-sintéticos de representação do conhecimento, já houve investigações sobre os critérios linguísticos adotados em modelos de representação do conhecimento para a recuperação de informações:

> Observou-se, na pesquisa, que algumas regras se firmaram como constantes no decorrer das análises, revelando a constituição de padrões científicos precisos de classificação. Além disso, percebeu-se tanto a ocorrência de resultados qualitativos, quanto a de resultados quantitativos a respeito da interpretação referente ao corpus. Tratou-se dos mesmos aspectos em ambos, proporcionando, assim, uma análise densa dos dados. Dessa forma, pela adoção do modelo é possível identificar as relações conceituais, e determinar as categorias fundamentais, as facetas e os seus indicadores, indispensáveis na construção de classificações analítico-sintéticas. Concluiu-se que a interpretação do corpus analisado resulta na validação da proposta de Café (1999) como um modelo de predicação para a aplicação em instrumentos de representação do conhecimento voltados para a recuperação da informação. (CAFÉ; MENDES, 2008, p. 40).

Aplicado em base de dados sobre Ciência da Informação e terminologia específica da Biotecnologia de Plantas, esse modelo de predicação sintático-semântico, proposto por Café (1999), aplica-se para interpretação e análise de dados em outras áreas do conhecimento. Contudo, no decorrer da pesquisa, identificou-se ser adequado para linguagens de especialidade, ou seja, sistematização de termos específicos de uma área de conhecimento ou disciplina (similar a um *Thesaurus*), como a jurídica ou a médica, por exemplo, não sendo apropriado a crônicas jornalísticas.

A razão da inviabilidade reside no fato de que textos como crônicas se utilizam de figuras de linguagens e variadas combinações linguísticas para tratar de um tema. Recorreu-se, portanto, a outro método, um mais adequado às fontes de dados a serem analisadas nesta pesquisa.

4.2 Análise crítica do discurso, uma prática de resistência

Buscando enxergar a obra de Glorinha para além do texto em si, observando-se o contexto histórico e social nos quais ela estava inserida e como ela apresentou e incorporou isso em seu discurso/texto, adotou-se a análise crítica do discurso (ACD) partindo-se das construções teóricas de Teun A. Van Dijk (1999).

A ACD propõe que o sujeito tem a capacidade tanto de reproduzir quanto contestar e reestruturar a dominação e as formações ideológicas que são socialmente empreendidas nos discursos (MELO, 2009).

Este tipo de investigação contribui, efetivamente, à resistência da desigualdade social, e seus investigadores assumem posições explícitas nesses assuntos de enfrentamento social e político, tanto como cidadãos como pesquisadores (VAN DIJK, 1999). Conforme Fairclough, Mulderrig e Wodak (2011), a ACD tem como princípios: análise dos aspectos linguísticos e semióticos de processos e problemas sociais; o fato de que as relações de poder são discursivas; o discurso constitui a sociedade e a cultura; o discurso opera de forma ideológica; o discurso é histórico; a Análise do Discurso é interpretativa e explicativa; discurso é uma forma de ação social.

No campo da ACD, há várias conceituações de "discurso". Para Van Dijk (2002, p. 192, tradução livre), numa visão sociocognitiva, discurso é "[...] um evento comunicativo específico, em geral, e uma forma escrita ou oral de interação verbal ou de uso da linguagem, em particular[7]". O discurso é historicamente situado e espacialmente contextualizado, bem como tem o intuito de suscitar um sentido nos seus interlocutores, e essa interpretação é formada a partir das práticas e estruturas sociais envolvendo os atores sociais no contexto comunicativo. Desta forma, entende-se que "[...] discurso participa da construção da realidade como a conhecemos" (COUTO; CARRIERI, 2018, p. 1). É por meio dessa dinâmica, conforme Fairclough (2005), que surgem e se firmam convenções ou representações sociais.

A ACD, portanto, pode ser muito útil para estudos feministas, por exemplo, ao colocar em análise a não neutralidade do discurso, sendo ele um modo de representação. Deste modo, é possível pensar de maneira crítica essas práticas discursivas. Melo (2009, p. 12-13) esclarece que o discurso, na ACD, "[...] deve ser visto como um modo de ação, como uma prática que altera o mundo e altera os outros indivíduos no mundo, desse modo os analistas da ACD devem formular pesquisas que exerçam ações de contrapoder e contraideologia, práticas de resistência à opressão social".

Van Dijk (1999) afirma que não há um tipo de pesquisa específica ou um único recorte teórico, de forma que existem diversos tipos de ACD, que podem ser teoricamente e analiticamente variados; da mesma forma, Fairclough (2001, p. 275) defende não haver um

---

[7] Do original: "[…] *un evento comunicativo específico, en general, y una forma escrita u oral de interacción verbal o de uso del lenguaje, en particular"* (VAN DIJK, 2002, p. 192, grifo nosso).

procedimento fixo, uma vez que "[...] as pessoas abordam-na de diferentes maneiras, de acordo com a natureza específica do projeto e conforme suas respectivas visões do discurso".

A ACD sempre envolve a relação texto-contexto. Porém, sob a ótica de Van Dijk (2013), é necessário fazer escolhas, levando-se em conta as estruturas discursivas mais relevantes para a pesquisa em questão. No caso desta investigação, analisou-se como a prática discursiva de Glorinha tomou forma em sua escrita, representando não apenas o olhar particularizado de uma educadora e ativista cultural que vivenciou os fatos e os descreveu ao seu modo, mas a maneira como ela, como escritora, influiu e influi na cultura sul-mato-grossense.

Na abordagem sociocognitiva de Van Dijk (1999), leva-se em conta a tríade discurso-cognição-sociedade. Isto posto, baseados em Van Dijk (2000, 2015), Couto e Carrieri (2018, p. 4) explicam que:

> [...] a interação, as situações e as estruturas sociais só podem influenciar o texto e a fala através das interpretações dadas por agentes de tais ambientes. Por outro lado, o discurso só pode influenciar a interação social e as estruturas sociais por meio da mesma interface cognitiva de modelos mentais, conhecimentos, atitudes e ideologias.

Assim, a interligação desses três componentes, discursivo, cognitivo e social, é o que tornam a análise completa, de forma multidisciplinar e integrada. O discursivo lida com a parte estrutural do texto, o uso lexical, entre outros. O cognitivo envolve conhecimentos e crenças usados nos contextos discursivos e sociais. E o social trata do discurso utilizado com propósitos de produzir, reproduzir ou transformar a dominação de certos grupos e a manutenção ou quebra de continuidade das condições desiguais na sociedade (COUTO; CARRIERI, 2018).

Para Van Dijk (1999), a mente controla a ação, de forma que, se é possível influenciar os conhecimentos, as escolhas e opiniões das pessoas, pode-se, então, controlar indiretamente algumas de suas ações. Se as mentes são influenciadas pelos textos e pela fala, tem-se daí o entendimento de que o discurso pode controlar de forma indireta as ações das pessoas. É por meio da contraposição e/ou da exposição desses discursos que se constitui o olhar crítico de resistência na pesquisa. Van Dijk (2005), na obra "Discurso, notícia e ideologia", explica que o controle sobre as estruturas do texto e de fala é crucial no acionamento ou no exercício do

poder de um grupo. Van Dijk (1999, p. 31, tradução livre)[8] discorre sobre essas estratégias discursivas que podem exercer controle da mente, como o controle do contexto e o controle do texto e da fala, e explica que "[...] uma vez capaz de influenciar as crenças sociais de um grupo, podemos controlar indiretamente as ações de seus membros".

Van Dijk (1993, p. 259, tradução livre)[9] reforça que:

> Mais especificamente, precisamos saber como estruturas discursivas específicas determinam processos mentais específicos ou facilitam a formação de representações sociais específicas. Assim, pode ser o caso de figuras retóricas específicas, como hipérboles ou metáforas, afetar preferencialmente a organização de modelos ou a formação de opiniões incorporadas em tais modelos. Da mesma forma, movimentos semânticos podem facilitar diretamente a formação ou mudança de atitudes sociais, ou podem fazê-lo indiretamente, isto é, por meio da generalização ou descontextualização de modelos pessoais (incluindo opiniões) de eventos específicos.

A análise realizada se propôs a compreender de que forma a autora trouxe transformações para a cultura sul-mato-grossense por meio de sua escrita; de que maneira ela contribuiu para a construção da memória do Estado por meio de suas crônicas; se ela reproduziu relações de poder ou ela, por meio da escrita, buscou sua transformação. Couto e Carrieri afirmam que há resistência a essa noção de controle da mente, por se entender que:

> [...] a construção do construto teórico "mente" é vaga e abstrata; por essa razão, o foco da ação na análise do discurso deve ser, portanto, voltada para análise das formas pelas quais essas formas de controle da mente se tornam manifestas na conduta – tornando explícitas as muitas propriedades do texto e da fala que são tidas como naturais (VAN DIJK, 1993; 1999; 2006). Van Dijk (1999) propõe que essa análise seja feita a partir de algumas categorias explícitas, presentes na fala e nos textos, quais sejam:
> a) a *memória pessoal* dos agentes discursivos, que diz respeito aos conhecimentos e às opiniões acumulados ao longo da vida; b) *o contexto*, que diz respeito à situação comunicativa em que se encontram os agentes, e c) a *memória social*, que consistem [*sic*] nos conhecimentos, crenças e valores compartilhados com outros membros do mesmo grupo e cultura, o que alguns denominam como representações sociais (dizem respeito às manifestações culturais, hegemônicas ou de resistência, existentes ao tempo da fala ou texto). (COUTO; CARRIERI, 2018, p. 7, grifo dos autores).

---

[8] Do original: *"[...] una vez que somos capaces de influenciar las creencias sociales de un grupo, podemos controlar indirectamente las acciones de sus miembros.*" (VAN DIJK, 1999, p. 31, grifo nosso).

[9] Do original: "*More specifically, we need to know how specific discourse structures determine specific mental processes, or facilitate the formation of specific social representations. Thus, it may be the case that specific rhetorical figures, such as hyperboles or metaphors, preferentially affect the organization of models or the formation of opinions embodied in such models. Similarly, semantic moves may directly facilitate the formation or change of social attitudes, or they may do so indirectly, that is, through the generalization or decontextualization of personal models (including opinions) of specific events*" (VAN DIJK, 1993, p. 259, grifo nosso).

Partindo-se dessas considerações, foram definidas categorias de análise a serem utilizadas nas crônicas de Glorinha. Elas foram esquematizadas no Quadro 2 abaixo, embasadas no protocolo de análise de Couto e Carrieri (2018), que objetivaram facilitar a operacionalização de pesquisas com questões e pontos sistemáticos de análise em discursos, os quais poderiam ser adotados ou não, variando conforme a estratégia do investigador.

Quadro 2 – Questionamentos direcionados às crônicas de Glorinha

ESTRUTURAS MENTAIS	CONSTRUTO (VARIÁVEL)	PERGUNTA
Memória Pessoal	Subjetividade	Quais são as crenças, valores e emoções expressas pelo enunciador?
	Uso linguístico	Quais os recursos linguísticos são utilizados? (metáforas, hipérboles)
	Intencionalidade	Qual a intenção explícita do enunciador? Convencer sobre o quê?
Contexto	Persuasão	De que forma ou com quais recursos o enunciador visa influenciar a cognição de seu interlocutor imediato?
	Identificação	É um discurso proferido em função de alguma obrigação legal, social ou cultural ou de algum papel social específico?
	Conhecimento dos receptores	Qual o nível de conhecimento expresso pelos receptores do discurso no momento de seu proferimento?
Memória social	Influência sobre reprodução das desigualdades	De que forma o discurso reforça ou resiste à reprodução das desigualdades existentes no tempo-espaço sociais da fala?
	Influência sobre visão teórica hegemônica	De que forma o discurso reforça ou resiste à visão teórica hegemônica sobre o fenômeno social tratado na fala?
	Coesão social	É um discurso de fácil aceitação social?

Fonte: Elaborado pela autora, adaptado de Couto e Carrieri (2018).

Sobre a influência na visão teórica hegemônica, conforme explicam Martins e Marteleto (2019), Gramsci ressalta a necessidade de intervenção no campo cultural para a realização de uma práxis revolucionária e, em vista disso, apresenta o jornalismo como uma ferramenta de luta política. Pensando por esse viés, a crônica publicada em jornais, com todas as suas características, pode ser um meio de reproduzir ou combater hegemonias, como a patriarcal, de classes, de regiões etc. Ainda, as concepções de Gramsci (2001) dialogam com a análise crítica do discurso, ao destacar a relevância do contexto histórico na concepção do mundo. Martins e Marteleto (2019, p. 11) explicam que:

> A cultura, assim, não poderia ser pensada fora da dialética histórica e como reflexo mecânico das relações da produção da estrutura material das sociedades, devendo ser entendida como sistema e estrutura histórica ligados, dialeticamente, a esta, ao pensamento individual e coletivo sobre a realidade concreta, bem como campo de ação historicamente determinado, que deve ser sistematicamente organizado para sua transformação.

A seguir, será apresentado o *corpus* de análise e os critérios de seleção, contextualizando a obra da qual foram extraídas as crônicas.

4.3 *Corpus* e critérios de seleção

Nesta seção, apresenta-se a obra selecionada e se explica a escolha das crônicas que constituem o *corpus* da análise. Ressalta-se que a preferência pelas crônicas de Glorinha se deve ao fato de sua vasta publicação, durante décadas, no jornal Correio do Estado, no Suplemento Cultural publicado aos sábados, o qual se estima ter surgido em 1972 (MEDEIROS, 2021). Em visita ao espaço físico do Acervo Maria da Glória Sá Rosa, a investigadora desta dissertação encontrou publicações de discursos da professora Glorinha da década de 1950, no jornal A Pena, bem como textos em outros jornais, além de publicações no jornal Correio do Estado, de 1960, inicialmente com foco no sistema de ensino. Sua relação com a cultura parece crescer daí em diante, ganhando força como ativista cultural.

No Brasil, os jornais impressos tiveram grande influência na aquisição de conhecimento e, por meio de suplementos e cadernos culturais, divulgavam escritores e aproximavam-se do público. Barreto (2009) afirma que:

> Os suplementos e cadernos culturais dos veículos impressos tinham como principal mérito a capacidade de estabelecer um vínculo afetivo com os leitores, que dialogavam com os colunistas. Aqui, convém ressaltar que o texto da literatura no livro é mais elitista, enquanto as crônicas ou os textos “viajam sozinhos” e chegam mais “distraidamente” ao leitor, quando publicados nos impressos.

E a crônica é considerada um dos gêneros jornalísticos mais antigos, constituída pelos discursos da história, do jornalismo e da literatura. Siebert (2014, p. 681) esclarece que:

> A articulação discursiva entre as diferentes esferas parece exercer um fascínio nos cronistas, porque enquanto de um lado trabalha-se com o tempo, com o cotidiano que
> são marcas próprias dos discursos jornalístico e histórico, por outro lado mobiliza a fabulação da criação ficcional e poética do discurso da literatura.

Este gênero, que tem dentre suas características a brevidade e a subjetividade, bem como um olhar crítico, apresenta recortes da vida cotidiana, quase sempre numa linguagem comum e familiar (SIEBERT, 2014). Na obra "Dicionários de termos literários", Moisés (2004, p. 111) apresenta a crônica como uma "[...] uma expressão literária híbrida, ou múltipla [...], implicando sempre a visão pessoal, subjetiva, ante um fato qualquer do cotidiano". Além disso, ela "[...] estimula a veia poética do prosador; ou dá margem a que este revele dotes de contador de histórias".

Depois de levantadas essas concepções, escolheu-se a obra "Crônicas de Fim de Século" (Editora UCDB, 2001), de Maria da Glória Sá Rosa, para a retirada das crônicas que compõem o *corpus* de análise.

A obra reúne crônicas com depoimentos, observações e relatos de memória da autora sobre a cultura de Mato Grosso do Sul, de suas personalidades, abrangendo, ainda, a temática de Literatura e Cultura e das viagens que fez pelo mundo.

Esta obra foi escolhida em razão de, nela, estarem contidas crônicas publicadas, em sua maioria, no Suplemento Cultural do jornal Correio do Estado, nas décadas finais do século XX, mais especificamente, de 1979-2001, conforme as datas de publicação registradas no livro. Assim, a obra acompanha mudanças ocorridas em Mato Grosso do Sul, desde alguns anos após sua criação, até o começo dos anos 2000, além de resgates da história e da memória da época de Mato Grosso uno.

O livro tem uma apresentação feita por Albana Xavier Nogueira e um prefácio de Glorinha. Além disso, a obra se divide em três seções, sendo elas: Personalidades, que traz crônicas sobre 16 nomes não apenas relevantes para Mato Grosso do Sul, mas para o Brasil e o restante do mundo; Literatura e Cultura, a qual reúne 24 textos de temas variados, indo desde festivais, poesia, patrimônio, até a criação do Estado de Mato Grosso do Sul e a censura vivida nos tempos da ditatura; por último, a seção Viagens contém 15 crônicas de lugares por onde Glorinha passou, de Las Vegas a Hong Kong, trazendo suas percepções e um pouco da história de cada cidade e país.

A obra contém, por exemplo, as interpretações e críticas de Glorinha sobre filmes em cartaz nos cinemas de Campo Grande à época da escrita de uma das crônicas, no ano de 2000, tecendo comentários sobre os filmes “Beleza Americana”, “Magnólia” e “Garota Interrompida”. Em outra crônica, discorre sobre as leituras que a acompanharam em diversos momentos de sua vida. Comenta sobre Manuel Bandeira, uma de suas leituras desde a infância, a quem viu de perto pela primeira vez no fim dos anos 1940, na solenidade de inauguração do Ateneu Garcia Lorca, no Rio de Janeiro; sobre Carlos Drummond de Andrade, o qual, apesar de nunca ter dirigido a palavra ele uma única vez, viu de perto muitas vezes, pois estudava com a filha do poeta, Maria Julieta, na faculdade; e, também, sobre Machado de Assis, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Proust, Gabriel García Márquez e Henry Miller. Ainda, numa longa entrevista com Aracy Balabanian, a qual define como “guerreira do teatro”, conversam sobre os caminhos da cultura, a dificuldade de fazer teatro, capitalismo, filosofias de vida e as recordações da atriz sobre Mato Grosso do Sul. Esses são apenas alguns dos destaques, de um livro em que é possível notar o espírito inquieto de Glorinha ao estar em contato com tantas formas de arte, falar de tantos assuntos variados e conhecer tantas pessoas, carregando consigo a essência de uma cronista. Na Figura 13 a seguir, tem-se um raro registro fotográfico guardado por Glorinha, da época na faculdade no Rio de Janeiro, em que aparece a filha de Drummond, a primeira à esquerda.

Figura 13 – Memórias de Maria da Glória Sá Rosa na PUC Rio, em 1948

Fonte: Acervo Maria da Glória Sá Rosa (2019).

Recortes de vida da autora são vislumbrados por meio de suas crônicas, junto dos registros históricos de Mato Grosso do Sul. No prefácio, Glorinha (2001, p. 9) define cultura como “[...] o espaço do entendimento entre as pessoas, a valorização dos símbolos da nossa

identidade e da memória coletiva, o testemunho de tudo que somos e das coisas que impedem o crescimento e a libertação do homem". A autora fala também dos desafios de entrar em contato com personalidades dessa cultura e de acompanhar o transcurso do desenvolvimento "[...] das cidades, dos edifícios, das ruas, dos acontecimentos importantes do Estado, na composição daquilo a que chamamos de história e que, se não for divulgada, torna-se fria, perde a razão de ser" (ROSA, 2001, p. 10). Ainda, ela enfatiza que o poder transformador da narrativa é exercido só quando "[...] alguém nos lê, nos ouve, nos responde" (ROSA, 2001, p. 10).

Para formação do *corpus* de análise, delimitaram-se os critérios de seleção: escolher uma crônica de cada década de publicação contida no livro (1979-2001), de forma aleatória, contemplando assuntos diversos, que, no caso, foram: artes plásticas; literatura; educação; música. Foram selecionadas as seguintes crônicas:

- "Lydia Baïs – Artista além do tempo" (registrado no livro como publicado em 1979, mas, pelo texto da crônica, entende-se já ser anos 1980, p. 16-21, ver Anexo A).
- "Guimarães Rosa em Mato Grosso do Sul" (data de publicação registrada no livro: 1989, p. 104-107, ver Anexo B).
- "Maria Constança de Barros Machado – A mulher que deu novos rumos à Educação" (data de publicação registrada no livro: 7 de maio de 1995, p. 38-43, ver Anexo C).
- "Elis Regina – Brilho, talento e inteligência singular" (data de publicação registrada no livro: 2001, p. 92-97, ver Anexo D).

Três dessas crônicas estão inseridas na seção Personalidades, a sobre Lydia Baïs, Maria Constança e Elis Regina; e uma faz parte da seção Literatura e Cultura, sobre a viagem de Guimarães Rosa a Mato Grosso do Sul.

4.4 Resultados e interpretação de dados

a) Questões humanas e universais e um ícone sul-mato-grossense

A primeira crônica analisada[10] foi "Lydia Baïs – Artista além do tempo" (ver Anexo A). Nela tem-se o registro de uma visita de Glorinha a Lydia, a qual tinha, à época, 81 anos de

[10] A análise contém trechos das crônicas, os quais não foram citados na ordem sequencial em que estão dispostos no texto. Também se optou por não separar a análise em tópicos e perguntas, como no quadro de questionamentos, mas mantê-la integrada, em razão de os construtos (variáveis) interligarem-se à medida que a análise é realizada, colocando-se um quadro-síntese ao final, para compendiar as informações.

idade. Em cada início de suas crônicas, a autora insere um trecho de alguma obra, como uma anunciação do que está por vir, uma conversa criada entre os autores citados e a crônica. O título e a citação já indicam a interpretação pessoal da autora sobre o assunto a ser discorrido como também sobre ela própria, sobre o que ela lê, a visão de mundo dela. No caso em questão, o fragmento selecionado foi do primeiro capítulo de "A paixão segundo G. H." (LISPECTOR, 1964, p. 11), em que a protagonista se encontra consumida por dúvidas e compartilha com o leitor sobre a angústia que toma conta: "E eu quero ser prêsa. Não sei o que fazer da aterradora liberdade que pode me destruir".

Lydia é descrita pela autora como "Pequena, delicada, a pele alvíssima, parece uma boneca de porcelana" (ROSA, 2001, p. 17); ela também se utiliza de diminutivos para se referir à descrição da artista, como "[...] bonezinho de lã azul-marinho" (*ibid*., p. 17); "proteje [*sic*] os pezinhos" (*ibid.*, p. 17); "[...] os pequeninos olhos brilham" (*ibid.*, p. 19), a fim de, no entendimento desta análise, enfatizar a fragilidade da idade e do tempo. A autora destaca as palavras de Lydia sobre a solidão que esta sente: "De repente perdi tudo: meu pai, minha mãe, meus irmãos... o que me deu consciência da irremediável solidão a que estamos condenados. Viver é um ato de extrema coragem" (*ibid*., p. 18). Não à toa Glorinha compara a sensibilidade da artista com Clarice Lispector e Joyce.

Ainda, a autora se refere a Lydia quase como um ser divino, o que é interessante de se considerar ao contemplar o autorretrato feito pela artista na Santa Ceia, ao lado de Jesus (ver anexo A); e o fato de Lydia ter pertencido por um tempo à Ordem Terceira de São Francisco, com o nome de Irmã Trindade. Como em uma conversa com o leitor, Glorinha faz comentários sobre o cotidiano: "Muita gente lembra-se de tê-la visto, percorrendo as ruas de Campo Grande num hábito de freira" (*ibid*., p. 20).

Glorinha faz uso de comparações para explicar o que sente: "[...] tenho a impressão de ter diante de mim uma asceta que, depois de tocar a fragilidade da vida humana, buscou refúgio num mosteiro, como fase preparatória do acesso à eternidade" (*ibid*., p. 19).

Em razão do tom de despedida da crônica e da incongruência referida à data de publicação, como comentado anteriormente, procurou-se por registros da publicação dessa crônica no Acervo Maria da Glória Sá Rosa e em pesquisas na internet. No livro "Lídia Baís: arte, vida e metamorfose" (REIS, 2017), consta que esta crônica foi publicada na Revista MS Cultura, em 1986, um ano após a morte da artista plástica. Logo, a partir deste contexto, torna-se mais compreensível a escolha de Glorinha de registrar o encontro das duas de forma tão nostálgica. Na crônica, Glorinha também a coloca como uma "[...] personagem de

romance ao descrever um cenário irreal de quadros, animais de estimação, empregados domésticos, displicentemente sentados no fundo do quintal" (ROSA, 2001, p. 17).

Em meio ao cenário onírico retratado, Glorinha enfatiza que "Lydia é o primeiro grande nome na história de nossas artes plásticas" (*ibid*., p. 18). A autora discorre que não apenas os renomados professores de Lydia enxergaram seu futuro promissor, como também seus amigos artistas, que a incentivaram a trabalhar sua arte. Ainda, aponta que a artista era "descendente de uma das mais ilustres famílias sul-mato-grossenses" (*ibid*., p. 18), tendo estudado na França e na Alemanha. As recordações da autora são confirmadas com fragmentos da conversa com Lydia, que diz não mais sair de casa, não visitar nem ser visitada por ninguém, enquanto em Paris podia caminhar pelas ruas "[...] com a segurança de quem é dono do mundo" (*ibid*., p. 18). É possível também perceber que Lydia não compreendia a magnitude de suas produções e se sentia sozinha, quando, na conversa, afirma que dos pintores da época só conhece o Espíndola: "Ele e Aline fazem muito alarde em torno de minha pessoa, mas é tudo sem fundamento. Não mereço coisa alguma" (*ibid*., p. 18-19).

A intencionalidade da autora é registrar sobre os momentos de vida de uma das personalidades mais marcantes de Mato Grosso do Sul, colocando-a em destaque, como alguém muito à frente de seu tempo. Por meio de uma escrita sensível, o discurso proferido traz o caráter de registro histórico de uma mulher conhecida como pioneira e que parecia não se dar conta de sua importância. A artista plástica viveu em um momento de rápidas mudanças na sociedade, em decorrência da modernidade. Sua escolha pelas artes, em vez de se sujeitar às convenções da época, como o casamento, rendeu muitos conflitos familiares. Reis (2017) explica que Lydia morava no Rio de Janeiro e, ao recusar voltar para casa com o irmão, chegou a ter seus recursos financeiros cortados e ficar sem contato com a família. Foi internada em uma clínica psiquiátrica, conforme Reis (2017), em razão dos longos jejuns e das visões espirituais, e, ainda, passou por seis anos de interdição da família.

> Dessa forma, a família forçou a artista a voltar para casa. Impôs a condição de um casamento forçado para que fosse dado fim à interdição. O casamento foi realizado em 1938 apenas no civil, confirmando a hipótese de que a união só se realizou para que Lídia pudesse se livrar da interdição. Durou apenas cinco dias, sendo oficialmente anulado no ano de 1940. (REIS, 2017, p. 45).

Lydia tinha dificuldades em administrar seus bens materiais, pois "[...] transcendia algumas convenções sociais. Acreditava que Deus administrava sua vida, e isso bastava para sua própria existência" (REIS, p. 48). Isso chega a ser retratado na crônica, com Lydia discorrendo sobre o porquê de ter abandonado a pintura. Ela também foi pianista e compositora, mas, nas palavras de Glorinha, "[...] o piano está velho, as teclas quebradas não

produzem os sons com a pureza original com que brotaram da sensibilidade da artista" (ROSA, 2001, p. 20).

A artista plástica transitava entre o modelo de mulher ideal e a rebeldia contra essas convenções, provocando a sociedade da época (REIS, 2017). Mesmo sendo uma pessoa com recursos, sofria a opressão de seu tempo. Glorinha recapitula os momentos com Lydia e, ao perguntar sobre um de seus quadros, "Dragão Vermelho", o qual se baseia no apocalipse, a artista plástica oferece detalhes sobre a obra, "[...] enfatizando o peso da cruz da mulher sempre muito maior que a do homem" (ROSA, 2001, p. 21). De certa forma, por mais que não trate da opressão vivida por Lydia diretamente, Glorinha escolhe colocar esses recortes, com fragmentos da conversa de Lydia, como parte de sua crônica.

Glorinha também destaca o que chamou sua atenção dos diálogos trocados com a artista, como o questionamento de Lydia: "Os jovens sabem muito mais do que os velhos. Por que então desprezar o conhecimento dos jovens?" (*ibid*., p. 21). Durante toda a crônica, tem-se a presença de nomes da literatura como Gabriel García Márquez, Jorge Luís Borges, Clarice Lispector, a todo tempo apresentando esses nomes aos leitores e utilizando-os para compor o cenário de suas crônicas com comparações e metáforas.

Há uma transitoriedade entre a Glorinha figura pública, agente cultural, e a Glorinha escritora, construtora de novos mundos por intermédio da linguagem. É por meio dessa convivência simultânea de suas facetas, dessa ambiguidade, que a autora trabalha a memória e a metáfora, fundando novos modos de se ver a cultura sul-mato-grossense. Isso faz de Glorinha uma *persona* que não se limita a "intelectualismos" do universo patriarcal que funda uma ideia sobre Mato Grosso do Sul. A autora, por meio de seu vasto conhecimento literário e cultural, apresenta Lydia como uma personagem marcante, potente, quando escreve: "Os argutos olhos de Lydia atravessam as paredes de minha sensibilidade" (*ibid*., p. 17). Poder-se-ia afirmar que ela retoma, assim, Capitu, de Machado de Assis, com seus olhos oblíquos e dissimulados.

Glorinha nos presenteia com outros olhos para enxergar o cotidiano retratado em suas crônicas – o qual passa por um processo de elaboração estética. Desta forma, o simples relato do cotidiano guarda profundos questionamentos e reflexões, camadas que, quando percebidas, vão desvelando como se deu a identidade cultural de MS.

Conclui-se, ainda, que Glorinha utilizou-se da melancolia e da nostalgia, numa despedida triste de um grande ícone da cultura sul-mato-grossense. Glorinha pode não tratar diretamente de assuntos espinhosos, como da opressão vivida por Lydia quando jovem, mas ainda assim ela inclui falas da artista que remetem àquilo que ela viveu. Ela expõe e deixa em

aberto para o leitor tirar suas próprias conclusões, incitando o leitor a saber mais da vida e obra dessa artista, ao exaltar essa figura tão emblemática. Ela abre caminhos para a interpretação mais humana de quem foi Lydia Baïs, indo além do lado pioneira, precursora das artes plásticas de Mato Grosso do Sul, trazendo um recorte de uma mulher "[...] que escapou ao seu tempo e se projetou pelos séculos afora, íntegra, intocada em sua grandeza maior" (*ibid*., p. 21). O Quadro 3 a seguir traz uma síntese da análise.

Quadro 3 – Sistematização da análise: crônica sobre Lydia Baïs

ESTRUTURAS MENTAIS	CONSTRUTO (VARIÁVEL)	RESUMO DE ANÁLISE
Memória Pessoal	Subjetividade	O texto traz elementos de nostalgia, pesar, assombro, resgate histórico, homenagem.
	Uso linguístico	Comparações, metáforas, diminutivos.
	Intencionalidade	Sensibilizar o leitor para o lado humano de Lydia, para além da faceta de artista plástica; ao mesmo tempo que a humaniza, também a coloca em um altar, como um ícone, uma representação complexa e até mesmo mística.
Contexto	Persuasão	Tenta aproximar o leitor com comentários do dia a dia da cidade e com fragmentos da conversa de Lydia; também se utiliza de comparações para explicar o que sente.
	Identificação	Como cronista, busca contar uma história, deixar registrada sua homenagem e suas memórias.
	Conhecimento dos receptores	O falecimento de Lydia era de conhecimento público. A maioria das pessoas sabiam de seu lado religioso; Lydia era conhecida como artista plástica e por ter tido uma vida abastada e peculiar (MESQUITA, 2016).
Memória social	Influência sobre reprodução das desigualdades	O texto não expõe diretamente assuntos de desigualdade, mas, por meio da fala da própria Lydia, é possível notar exposição da questão social da mulher e Glorinha exalta Lydia como personalidade importante das artes plásticas, destacando seus feitos.
	Influência sobre visão teórica hegemônica	Gramsci (1989) ressalta necessidade de intervenção em todo campo cultural para a realização da práxis. Glorinha, em seus textos, exalta Lydia como precursora, pioneira nas artes plásticas; leva o receptor a refletir sobre a

		vida de Lydia e suas preocupações existenciais.
	Coesão social	Texto de fácil compreensão e informalidade; apresenta grandes nomes da literatura e das artes plásticas ao receptor, que talvez possa não os conhecê-los.

Fonte: Elaborado pela autora.

Esta primeira crônica trouxe à tona as reflexões de cunho existencial de Lydia aos 81 anos de idade, já a crônica a seguir apresenta o homem pantaneiro aos olhos de Guimarães Rosa, com a natureza em evidência.

b) O "país do boi" e o mago do verbo

A segunda crônica analisada é "Guimarães Rosa em Mato Grosso do Sul". Foi publicada em 1989 e discorre sobre duas visitas de Guimarães Rosa ao Pantanal, segundo a autora: a primeira vez na década de 1940, e a segunda em 1952. Glorinha abre a crônica com um trecho do próprio escritor, o qual descreve o momento em que acorda "[...] para ver o Pantanal em madrugada e manhã" (ROSA, 1948, s. p.).

Verdadeira entusiasta das obras de Guimarães Rosa, Glorinha se utiliza de comparações, metáforas e hipérboles para exaltar o escritor e a paisagem pantaneira. Nas vezes em que se refere a Rosa, descreve-o como: "[...] mago do verbo, que revolucionou a língua portuguesa" (ROSA, 2001, p. 105); "[...] um homem de rara sensibilidade, que capta o cerne das emoções em frases de surpreendente beleza" (*ibid*., p. 106).

Para se referir ao Pantanal, ainda todo pertencente a Mato Grosso uno, utiliza os termos "paraíso" (*ibid*., p. 106), "doce" e "éden" (*ibid*., p. 107), além de comentar sobre as "águas não contaminadas" (*ibid*., p. 107), de 1953, com um sentimento de nostalgia. Também utiliza um termo dos textos de Guimarães Rosa para se referir ao Pantanal, "país do boi" (*ibid*., p. 106), e discorre sobre os acontecimentos utilizando trechos da obra dele, trazendo um pouco da escrita dele para suas crônicas, como, por exemplo, ao descrever o guia, o vaqueiro José Mariano da Silva, cita Guimarães Rosa (1948, p. 1): "[...] bom condutor de sentimentos, crepitante de calor humano, governador de si mesmo e inteligente". A autora apresenta o vaqueiro como uma pessoa de muito conhecimento, quando explica que Guimarães Rosa estava "Devidamente orientado pela sabedoria do companheiro" (*ibid*., p. 106).

À época da publicação da crônica, no ano de 1989, Pedro Bloch lançava a obra "Pedro Bloch entrevista" (1989), que colocava Guimarães Rosa nos holofotes, anos após sua morte.

A entrevista havia sido publicada na revista Manchete, em 1963, e depois selecionada para compor o livro. A partir deste contexto, é possível entender por que Glorinha escolheu falar da visita do escritor ao Pantanal, já que estava sempre atenta ao que acontecia no cenário literário e cultural.

Dessa forma, a escritora coloca o Pantanal "no mapa" brasileiro, como foco literário, de inspiração, como foco do turismo, destacando o que Guimarães fez, o que ele viu e o que deve ter sentido ao presenciar o pôr do sol neste território: "O que terá levado esse diplomata, escritor, versado nos mais exóticos idiomas, a aventurar-se no labirinto do Pantanal? [...] Doce Pantanal de 1953, ainda não divulgado pela mídia, em que aves gritavam de alegria" (ROSA, 2001, p. 107).

Aqui é relevante pontuar sobre as divergências de data das visitas de Guimarães Rosa. No começo da crônica, Glorinha cita o ano de 1952 e, ao final, escreve "Doce Pantanal de 1953" (*ibid*., p. 107). Mazzafera (2019) explica que, quando "Com o vaqueiro Mariano" foi publicado na obra "Estas Estórias", de 1969, o crítico literário Fernando Py questionava se a presença do escritor no Pantanal havia realmente ocorrido. Documentos comprovam a presença de Guimarães Rosa, como uma carta ao pai e o registro do Boletim da Nhecolândia, de 1948, mas há divergências de datas nas publicações que discorrem sobre essa(s) viagem(ns) (RIBEIRO, 2023; MAZZAFERA, 2019). Fato é que, no *site* Biblioteca Nacional Digital, atualmente, é possível acessar às edições do jornal Correio da Manhã do Rio de Janeiro, e, na edição de 22 de fevereiro de 1948[11], foi publicada a segunda parte da história "Com o vaqueiro Mariano", que teve sua primeira parte publicada em 26 de outubro de 1947. Somando essas informações com o próprio texto de Rosa, que começa seu texto com "Em julho, na Nhecolândia", pode-se deduzir que o escritor visitou o Pantanal em julho de 1947, publicando a história no jornal meses depois, em outubro.

A fim de contextualizar os acontecimentos da crônica, expõe-se que há divergência sobre a origem do personagem Mariano. Mazzafera (2019) esclarece que, em reportagem do Jornal Flan, o vaqueiro chamado Mariano teria destacado a falta de jeito de "seo Guimarães" ao tirar leite da vaca ou montar a cavalo e também teria ficado frustrado por não ter recebido uma cópia do livro que discorria sobre ele. Mazzafera (2019) afirma que outro documento que comprova a presença de Rosa no Pantanal é o texto contido na obra "Gramática Expositiva do Chão", de Manoel de Barros. Alguns pesquisadores sugerem, inclusive, que o vaqueiro

[11] A edição em questão pode ser acessada no *link* http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_05&pagfis=40280

poderia ser interpretado como o próprio Manoel de Barros, o qual teria sido seu guia pelas terras pantaneiras. No texto de Manoel, nota-se a curiosidade de Guimarães, como turista: “E árvore, Manoel, o nome de algumas, você me dará?” (BARROS, 2010, p. 69). Essa faceta de homem curioso e detalhista é retratada na crônica de Glorinha:

> Ocorre perfeita interação entre o escritor, ansioso de tudo saber e o vaqueiro, disposto a contar todos os fatos. E, ainda, no trecho: O olhar de Rosa aprofunda-se na indagação dos mistérios da natureza. Nada lhe escapa. Aprende o nome de cada florzinha, distingue as várias tonalidades de verde [...]. (ROSA, 2001, p. 106).

Nesse contexto, conclui-se, a partir dos comentários sobre o livro e a viagem de Guimarães, feitos por Glorinha, que a crônica dela exerce uma função cultural ao rememorar esse acontecimento, sendo um de seus pontos positivos o conhecimento de que este famoso escritor já havia pisado em terras pantaneiras e, até mesmo, escrito sobre elas, desafiando a hegemonia cultural e regional estabelecida pelo eixo Rio-São Paulo, conforme mostra o Quadro 4 a seguir. Também relevante pontuar que as divergências das datas é algo visto em textos de pesquisadores, ainda hoje, mesmo com as facilidades de acesso a hemerotecas digitais, e que isso não tira, de forma alguma, o mérito do texto de Glorinha.

Quadro 4 – Sistematização da análise: crônica sobre Guimarães Rosa

ESTRUTURAS MENTAIS	CONSTRUTO (VARIÁVEL)	RESUMO DE ANÁLISE
Memória Pessoal	Subjetividade	Tem o conhecimento de que este famoso escritor já havia pisado em terras pantaneiras e, até mesmo, escrito sobre elas. A autora expressa sua curiosidade ao imaginar o que Guimarães Rosa pensou quando visitou o Pantanal. Com seu vasto conhecimento literário, apresenta aos leitores a obra de Guimarães Rosa. Sentimento de nostalgia de um Pantanal “[...] ainda não divulgado pela mídia” (*ibid*., p. 107).
	Uso linguístico	Comparações, metáforas, hipérbole.
	Intencionalidade	Apresentar sobre a visita de Guimarães Rosa ao Pantanal; exaltar o escritor e sua obra, bem como o território pantaneiro.
Contexto	Persuasão	Por meio dos trechos da obra de Guimarães Rosa, busca sensibilizar o leitor com as palavras do escritor; ao questionar a si mesma,

ESTRUTURAS MENTAIS	CONSTRUTO (VARIÁVEL)	RESUMO DE ANÁLISE
		também instiga o leitor a pensar nos questionamentos feitos por ela. Por exemplo: "Pergunto-me: O que terá levado esse diplomata, escritor, versado nos mais exóticos idiomas, a aventurar-se no labirinto do Pantanal?" (*ibid.*, p. 107).
	Identificação	Função cultural e social ao resgatar da memória esse acontecimento com o intuito de divulgar um acontecimento que, possivelmente, as pessoas poderiam desconhecer e, ainda, colocar o Pantanal em foco.
	Conhecimento dos receptores	Guimarães Rosa tornou-se um escritor consagrado por suas obras, como "Sagarana" e "Grande Sertão: Veredas". O tema da crônica, possivelmente, foi impulsionado pelo lançamento do livro de Pedro Bloch, no ano de 1989. É possível que um público mais jovem não tivesse conhecimento dessa visita do escritor.
Memória social	Influência sobre reprodução das desigualdades	Coloca o Pantanal "no mapa" brasileiro, como foco literário, de inspiração, como foco do turismo. Apresenta o homem pantaneiro como uma pessoa sábia, destaca sua presença como guia de Guimarães Rosa.
	Influência sobre visão teórica hegemônica	É um texto que, de certa forma, resiste à hegemonia cultural e regional estabelecida pelo eixo Rio-São Paulo, pois coloca o escritor mineiro em uma viagem ao Pantanal, em contato com vaqueiros, bois, jacarés e o cotidiano pantaneiro. Além disso, evidencia as belezas naturais e a cultura do território.
	Coesão social	Texto de fácil compreensão; apresenta trechos da obra do autor, a fim de apresentar ao leitor a obra; traz a experiência inusitada de um grande escritor da literatura brasileira em contato com o homem da fazenda, o que possivelmente atraiu muita atenção à época.

Fonte: Elaborado pela autora.

No texto analisado a seguir, Glorinha coloca em destaque os feitos da educadora Maria Constança de Barros Machado e o desenvolvimento da área da educação no Estado.

c) Maria Constança de Barros Machado, educadora e eterna

A terceira crônica analisada (ver Anexo C), “Maria Constança de Barros Machado – A mulher que deu novos rumos à Educação”, é uma homenagem a Maria Constança Machado. Uma fotografia da educadora já idosa, em frente a um quadro de quando era mais jovem, foi escolhido por Glorinha para mostrá-la em diferentes fases de vida. O fragmento que acompanha esta crônica pertence à poetisa Gabriela Mistral, do poema “*Mujer fuerte*” (MISTRAL, 2019)[12], citado em português, e dialoga muito bem com o texto. Mistral foi uma escritora dedicada não apenas à escrita, mas à difusão da cultura e à luta por justiça social e direitos humanos (MMC UFPR, 2020).

A crônica analisada foi publicada no dia 7 de maio de 1995, um mês após a morte de Dona Constança, como Glorinha se refere, e traz memórias de quando a entrevistou, em 1986, para o livro “Memória da Cultura e da Educação em Mato Grosso do Sul” (1990). A autora se recorda das conversas sobre os anos em que Dona Constança lecionou e as transformações do ensino e da escola ao longo dos anos. Destaca-se a menção ao professor Leovigildo Martins de Melo, que a encorajou a continuar os estudos, levando-a a tornar-se professora.

Glorinha, ao reviver o passado em suas crônicas, não só nos presenteia com informações dos acontecimentos da época como também nos apresenta uma faceta diferente das personalidades retratadas no livro. No caso de Dona Constança, por meio das memórias de Glorinha, percebe-se que ela “[...] amava: os filmes, a música, as viagens” (ROSA, 2001, p. 39), que recebia Glorinha sempre bem vestida, oferecia chá acompanhado de bolinhos de queijo e a acompanhava até o carro, em cada despedida. A autora também coloca na crônica a dedicação da professora no trabalho, mesmo ganhando pouco: “[...] dedicada inteiramente aos alunos, ganhando pouco, preocupada em ajudar os estudantes, dando conselhos aos que precisavam, orientando os que tinha problemas psicológicos” (*ibid.*, p. 40).

Houve um tempo em que a palmatória fazia parte do contexto escolar, mas Glorinha afirma guardar na memória a frase da professora: “[...] estas mãos são sagradas, sacratíssimas. Nunca poderia bater num aluno. Sempre conquistei as crianças pela persuasão, pela confiança que tinham em mim, sabendo que só queria o bem de cada um” (*ibid.*, p. 40).

Glorinha descreve Dona Constança como generosa com os outros professores, uma pessoa com “[...] senso de humor, gostava de rir, de contar casos, de relembrar passagens de

---

[12] “*Me acuerdo de tu rostro que se fijó en mis días, / mujer de saya azul y de tostada frente, / que en mi niñez y sobre mi tierra de ambrosía / vi abrir el surco negro en un abril ardiente*” (MISTRAL, 2019, p. 60, grifo nosso).

antigos professores e alunos dos tempos do Colégio Estadual Campo-grandense (que por duas vezes dirigiu)" (*ibid.*, p. 40); afirma que ela "[...] era acima de tudo uma pessoa idealista, para que o conforto pessoal deixava de existir, quando se tratava do bem-estar de seus semelhantes" (*ibid.*, p. 42); e que era uma pessoa sempre "[...] disposta, nunca faltava ao expediente escolar, chovesse, ou fizesse sol" (*ibid.*, p. 43).

Por meio dessas descrições, o leitor entende que naquela figura de educadora havia uma pessoa como qualquer outra, que gostava de filmes, que era preocupada com os amigos, que se dedicava ao trabalho e tantas outras características com que o leitor pode se identificar. Ao mesmo tempo, por meio de sua escrita, Glorinha também confere à educadora um papel de transformadora social, destacando sua importância para o território: "[...] costumo dizer que as modificações no ensino de nosso Estado começaram com ela, com a mudança de métodos que introduziu, dinamizando as aulas, nas quais o aluno era chamado a participar, a dialogar, a ser o centro do processo educativo" (*ibid.*, p. 41).

A autora comenta sobre os feitos de Dona Constança na educação, como a criação do primeiro ginásio público de Campo Grande, que em 1952 veio a se tornar Colégio Estadual Campo-Grandense, o qual mais tarde passou a levar seu nome: Escola Estadual Maria Constança Barros Machado – a construção foi projetada por Oscar Niemeyer e, no ano da morte de Dona Constança, foi tombada como Patrimônio Histórico Estadual.

Entre outros dos muitos feitos da educadora, também está sua participação na "Campanha Nacional de Criação de Educandários Gratuitos e das obras sociais do Educandário Getúlio Vargas. Depois de aposentada, foi presidente da Associação de Amparo à Maternidade e à Infância" (*ibid.*, p. 42-43).

Glorinha também apresenta em sua crônica a situação dos professores nas décadas de 1930 a 1950 e dos obstáculos enfrentados pela educadora:

> [...] era uma pessoa humana, que soube superar as inúmeras perseguições políticas de que foi alvo, não se deixando vencer pela amargura. Aposentada, depois de mais de quarenta anos de dedicação à causa do ensino, nunca a ouvi reclamar do irrisório salário que recebia (*ibid.*, p. 43).

Dessa forma, pode-se dizer que seu texto apresenta traços de crítica ao tratamento recebido pelos educadores, especialmente Dona Constança, figura principal do texto.

Em vários trechos da crônica, a autora aponta o reconhecimento dos trabalhos prestados por Dona Constança vindo de várias pessoas, como o deputado Rubem Figueiró,

que teve a inciativa para o colégio receber seu nome; e Altair Dantas, Cristina Mato Grosso e a própria Glorinha, por meio do Conselho Estadual de Cultura.

O texto de Glorinha tem função social, cultural e histórica, de deixar na memória dos sul-mato-grossenses toda a dedicação da educadora ao desenvolvimento do território. O fato de, já no título, apresentar Dona Constança como "a mulher que deu novos rumos à Educação" (*ibid.*, p. 38) mostra a intencionalidade da autora em oferecer à educadora o devido destaque.

A respeito dos recursos linguísticos usados pela autora, há uso de hipérbole, em alguns momentos, e destacam-se a metáfora e o eufemismo, como no trecho: "Partiu de forma suave, em busca da paz dos vales eternos, deixando-nos com os olhos no escuro, privados do sol, que ajudou a acender em nossas almas" (*ibid.*, p. 39).

No último parágrafo, Glorinha afirma que sente que Dona Constança "[...] vive hoje além do tempo e do espaço que nos rodeia. Ela está presente em tudo que construiu, nas vidas que ajudou a formar, no legado de justiça, seriedade e competência, que nos deixou" (*ibid.*, p. 43). A seguir, o Quadro 5 apresenta a análise dividida pelos tópicos observados.

Quadro 5 – Sistematização da análise: crônica sobre Maria Constança

ESTRUTURAS MENTAIS	CONSTRUTO (VARIÁVEL)	RESUMO DE ANÁLISE
Memória Pessoal	Subjetividade	O texto é carregado de memórias, saudades. Percebe-se o cuidado em prestar as devidas homenagens a uma mulher que marcou sua época, como nos trechos: "Dona Constança faz parte de minha história [...]" (*ibid.*, p. 40). "Lembro- me, emocionada, de ter ganho um livro de histórias, O Papagaio Encantado, que guardei por muitos anos, como uma das mais queridas lembranças da infância" (*ibid.*, p. 41-42).
	Uso linguístico	A autora se utiliza de metáforas e eufemismo: "Partiu de forma suave, em busca da paz dos vales eternos" (*ibid.*, p. 39). (eufemismo) "[...] vive hoje além do tempo e do espaço que nos rodeia" (*ibid.*, p. 43). (metáfora)
	Intencionalidade	Glorinha faz uma homenagem à educadora, discorrendo sobre momentos juntas e sobre o trabalho de Constança na área da Educação sul-mato-grossense.

ESTRUTURAS MENTAIS	CONSTRUTO (VARIÁVEL)	RESUMO DE ANÁLISE
Contexto	Persuasão	A autora traz trechos de entrevista com Dona Constança para corroborar com o que apresenta sobre a educadora; também cita pessoas que a homenagearam e faz uso de figuras de linguagem para sensibilizar o leitor.
	Identificação	Como cronista, Glorinha retrata acontecimentos do cotidiano, sempre com foco na história e na memória de Mato Grosso do Sul. Como Dona Constança teve uma trajetória significativa na área da Educação, o texto de Glorinha tem função social, cultural e histórica.
	Conhecimento dos receptores	Muitas gerações tiveram aula ou contato com a professora Maria Constança, pois ela foi professora durante quatro décadas e ainda atuou em atividades sociais após afastar-se do magistério.
Memória social	Influência sobre reprodução das desigualdades	A autora mostra sua resistência às desigualdades ao abordar o salário baixo dos professores, o trabalho árduo de Dona Constança, mesmo em meio a dificuldades e perseguições políticas
	Influência sobre visão teórica hegemônica	Glorinha insere desde o título a relevância histórica da educadora para o desenvolvimento do território no campo educacional: “A mulher que deu novos rumos à Educação”.
	Coesão social	O texto tem uma linguagem informal e transcorre como uma conversa entre o leitor e Glorinha, que vai contando suas memórias e informando sobre acontecimentos importantes, feitos conquistados, além de detalhes da vida de Dona Constança.

Fonte: Elaborado pela autora.

Passa-se, a seguir, do tema da educação para a música, com uma crônica que rememora a visita de Elis Regina a Campo Grande nos tempos da ditadura.

d) Entre raios e trovões: Elis Regina

A última crônica a ser analisada, “Elis Regina – Brilho, talento e inteligência singular”, foi publicada no dia 24 de março de 2001 e traz o registro do encontro da escritora com a cantora. O fragmento escolhido por Glorinha é de Manuel Bandeira (2001, p. 118): “Era uma estrela tão alta! / Era uma estrela tão fria! / Era uma estrela sozinha / Luzindo no fim do dia”.

Glorinha começa o texto contextualizando a memória contada: “Eu a conheci em 1974, quando veio a Campo Grande, em companhia do irmão Rogério e do marido César Camargo Mariano, fazer um show para os universitários, no teatro Glauce Rocha, da UFMS” (ROSA, 2001, p. 93). A autora explica que era o período da ditadura, “anos da repressão” (*ibid*., p. 93). Tudo que era apresentado, naquele período, precisava passar por aprovação do governo autoritário, “[...] que eliminava tudo que era considerado ofensivo ao regime vigente” (*ibid*., p. 93).

A ditadura é mencionada em outros textos da autora contidos na obra, como na entrevista com Aracy Balabanian e na crônica “Censura MS: A luta dos artistas para atravessar o labirinto e sobreviver ao rugido do tigre”, que aborda como a censura operava nas manifestações artísticas em Campo Grande e como isso afetava quem aqui vivia.

A autora descreve que Elis Regina estava com os olhos vermelhos, nervosa, pois uma das músicas de sua apresentação, “Cálice”, de Gilberto Gil[13], havia sido vetada do show. Em seguida, Glorinha descreve: “Como se quisesse transferir para o próprio corpo a revolta que a dominava, Elis feria a palma da mão com as unhas, num gesto de inconsciente revolta” (*ibid*., p. 93).

Apesar do clima tenso, a plateia pôde desfrutar de um show emocionante, sendo “uma noite de emoções geradas e ampliadas por um sentimento que queimava como fogo e explodiu em notas e palavras cortantes como lâminas” (*ibid*., p. 94).

A cantora faleceu anos mais tarde, e a autora tratou de sua morte de maneira poética: “Elis Regina, depois de longas noites de tempestades, relâmpagos e trovões, partiu deixando conosco o brilho único de uma estrela que nunca será igualada” (*ibid*., p. 94).

Para Glorinha, Elis: “Foi a mais trágica, a mais sensível, a mais completa intérprete de nossa MPB, não apenas pela voz, mas pela escolha exata do repertório, dos autores” (*ibid*., p. 94). Continuando a leitura da crônica, entende-se que a escolha do tema se deu a partir de um documentário exibido pela TVE num domingo à noite, o qual mostra Elis com 30 anos de idade, “no auge da força produtiva” (*ibid*., p. 94). Nesse documentário, entre os vários assuntos, Elis discorre sobre amizade e lealdade; afirma ser uma pessoa sincera, geniosa e temperamental, que não nasceu para viver em sociedade, acrescentando não estou aqui para semear ventos, “os outros que colham as tempestades” (*ibid*., p. 94), frase na qual Glorinha se inspira para elaborar trechos de sua crônica.

---

[13] A composição é uma parceria de Gilberto Gil e Chico Buarque. A música foi proibida durante cinco anos pela ditadura, na década de 1970 (NUZZI, 2021).

A intencionalidade da autora na crônica é destacar o talento de Elis Regina aos seus leitores e registrar momentos históricos vividos no território: a ditadura, o show da artista no teatro Glauce Rocha. Ao mesmo tempo, traz a leveza do cotidiano, ao comentar sobre um programa passando na TV.

A escritora tira os momentos que mais se destacaram para ela: os trejeitos de Elis, as interpretações musicais, a forma carinhosa ao falar de Milton Nascimento. Compreende Elis Regina como alguém que "[...] sofre, chora cada sílaba, cada sopro, verte angústia pelos olhos, muitas vezes semicerrados, é uma atriz com a memória afetiva, modelando cada frase, como se as estivesse cantando pela última vez, numa despedida antecipada" (*ibid*., p. 95).

Glorinha faz um paralelo com o famoso escritor português Fernando Pessoa: enquanto ele era um guardador de rebanhos, Elis Regina "domesticava notas musicais" (*ibid*., p. 95). A autora cita também momentos do documentário em que Elis interpreta uma música de Milton Nascimento e outra de Tom Jobim. Apresenta banda que a acompanha e finaliza com comentários de sua frágil existência, comparando-a a Marilyn Monroe e Diana, enfatizando, mais uma vez, que estava "no auge da força produtiva" (*ibid*., p. 95).

Glorinha coloca Elis em destaque como artista, afirmando que: "Nunca houve nem haverá uma estrela com o brilho, o talento, o vigor expressivo de Elis Regina" (*ibid*., p. 95). Essa e outras observações estão sistematizadas no Quadro 6 abaixo.

Quadro 6 – Sistematização da análise: crônica sobre Elis Regina

ESTRUTURAS MENTAIS	CONSTRUTO (VARIÁVEL)	RESUMO DE ANÁLISE
Memória Pessoal	Subjetividade	O tema do texto parte das memórias da escritora, como também daquilo que ela assistia em um domingo à noite. O entusiasmo da autora com a artista é evidente em todo o texto, como no trecho: "Foi a mais trágica, a mais sensível, a mais completa intérprete de nossa MPB, não apenas pela voz, mas pela escolha exata do repertório, dos autores" (*ibid*., p. 94).
	Uso linguístico	A autora se utiliza de metáforas e comparações: "Como se quisesse transferir para o próprio corpo a revolta que a dominava, Elis feria a palma da mão com as unhas [...]". (*ibid*., p. 93) (comparação) "[...] fantasma da repressão" (*ibid*., p. 94) (metáfora)
	Intencionalidade	Destacar o talento de Elis Regina aos seus

ESTRUTURAS MENTAIS	CONSTRUTO (VARIÁVEL)	RESUMO DE ANÁLISE
		leitores e registrar momentos históricos vividos no território: a ditadura, o show da artista no teatro Glauce Rocha. Ao mesmo tempo, traz a leveza do cotidiano, ao comentar sobre um programa passando na TV.
Contexto	Persuasão	Faz referência às músicas e aos artistas que Elis canta; usa figuras de linguagem para sensibilizar o leitor, conectar o leitor com os assuntos abordados. Para enfatizar o sucesso do show, por exemplo, Glorinha escreve: "[...] sem qualquer outro adereço, a não ser a voz privilegiada, Elis Regina eletrizou o auditório" (*ibid*., p. 94).
	Identificação	A escritora compartilha suas memórias e conhecimentos na crônica, adquirindo uma função social, cultural e histórica.
	Conhecimento dos receptores	As músicas de Elis Regina estavam constantemente nas trilhas sonoras de novelas da Rede Globo. No ano em que a crônica foi publicada, por exemplo, "Como nossos pais" fazia parte do repertório da novela "Estrela-Guia".
Memória social	Influência sobre reprodução das desigualdades	A autora coloca Elis Regina em evidência por seu talento musical, sua voz e performance diferenciadas, contribuindo para ressignificação dos papéis sociais desempenhados pelas mulheres.
	Influência sobre visão teórica hegemônica	Nesta crônica, Glorinha traz não apenas a questão da mulher em papel de destaque, desde o título, que discorre sobre o "Brilho, talento e inteligência singular" (*ibid*., p. 92) de Elis, como também aborda a questão da ditadura, um período de repressão e tensão social.
	Coesão social	Texto sensível e poético, de fácil leitura, abordando temas difíceis como a ditadura e, ainda, apresentando cultura, memória e história.

Fonte: Elaborado pela autora.

Nesta crônica, Glorinha destaca o talento de Elis Regina e, por meio de suas memórias, foca na cena musical em meio à ditadura. Esta crônica, assim como as outras analisadas, apresenta aspectos sociais, culturais e históricos, contextualizando momentos marcantes em Mato Grosso do Sul e no Brasil. Por meio da análise, percebeu-se como a escrita de Glorinha

é valiosa para os mais diversos campos do saber, podendo, inclusive, ser utilizadas nas escolas.

Glorinha falava do Estado e de tudo que acontecia nacionalmente; ela exaltava Mato Grosso do Sul e fazia referência, a partir do retratado em seus textos, com autores como Clarice Lispector, Gabriela Mistral, Guimarães Rosa, Manuel Bandeira e tantos outros; e, ainda, evidenciava figuras femininas, especialmente das artes, numa forma de resistência da hegemonia patriarcal e cultural.

Maria da Glória Sá Rosa foi uma figura feminina de destaque no desenvolvimento deste território, por meio de seu ativismo cultural e de sua escrita, especialmente das crônicas publicadas em jornais e revistas. Como escritora, abordou os mais variados temas, e as escolhas linguísticas, a forma de contar histórias e compor seus textos corroboram uma de suas célebres frases: “A literatura, como toda arte, permite a construção de um espaço de igualdade entre os homens”.

5 CONCLUSÃO

Esta investigação trouxe à tona um nome já conhecido da cena literária de Mato Grosso do Sul, desta feita sob o olhar do desenvolvimento local, ao relacionar as obras, a trajetória profissional e de vida de Maria da Glória Sá Rosa com as transformações ocorridas no território. Neste aspecto, o que se constatou é que a autora teve sua história interligada com a construção do próprio Estado, agindo como agente de desenvolvimento, não apenas com sua escrita, mas também atuando diretamente na formação de gerações de cidadãos sul-mato-grossenses, por meio do ensino, e, além disso, por diversas outras ações desempenhadas nos muitos anos retratados na pesquisa, como apresentado na seção 3. Glorinha é um exemplo de profissional exercendo o papel de agente de desenvolvimento local, como autêntica pedagoga "de formação e encaminhamento comunitário" (ÁVILA, 2005, p. 86).

Também, ressalta-se que o trabalho de resgate memorial elaborado pela autora converge para uma significativa contribuição para a identidade do povo sul-mato-grossense. E, como se viu no referencial teórico desta pesquisa, é essencial conhecer o passado para se fortalecer a identidade cultural de um povo. A cultura, por conseguinte, exerce papel influenciador nas relações sociais, políticas e simbólicas de uma nação. Na apresentação dos resultados, mesmo não sendo o objetivo inicial contribuir para a reflexão da aplicação de métodos de análise de fontes escritas, o percurso metodológico acabou por indicar que o método de análise de predicação sintático-semântico não se aplica a textos literários, como crônicas.

A investigação se mostrou mais relevante por destacar a necessidade do fortalecimento de um cenário de maior representação às escritoras mulheres e a outros grupos oprimidos pela sociedade patriarcal, ressignificando-se os papéis desempenhados por eles por meio do empoderamento. Assim, este estudo contribui para a difusão do nome dessa autora, de suas obras e da memória sul-mato-grossense, atuando como estratégia em benefício desse protagonismo, o que corrobora os princípios inicialmente apresentados na investigação.

A análise das crônicas ratifica o que a pesquisa bibliográfica e documental já indicava: Maria da Glória Sá Rosa foi uma agente de desenvolvimento fortemente atuante e dinâmica, contribuindo proficuamente com as artes plásticas, a educação, a música, a literatura e muitas outras áreas. Glorinha, ao publicar durante décadas no Correio do Estado e em outros jornais e revistas, levou conhecimento, reflexão, cultura, história e sensibilidade para milhares de sul-mato-grossenses.

Esta investigação também pretendeu estimular pesquisadores a se voltarem para o estudo da dimensão da cultura no desenvolvimento local, garantindo a interdisciplinaridade que envolve este campo de estudo e, por conseguinte, um olhar mais completo para o desenvolvimento, considerando-se todas as suas dimensões.

Em relação a Glorinha, especificamente, há muito a ser analisado em seus textos, bem como em seus registros pessoais, guardados no Acervo. Por fim, reforça-se que este estudo almeja impulsionar o surgimento de novas pesquisas sob este enfoque, de mulheres já em evidência por sua atuação ou daquelas a serem ainda reveladas na história de Mato Grosso do Sul, e que, por meio da pesquisa desenvolvida, atende seu objetivo de evidenciar a representatividade feminina na escrita e a forte implicação dela no desenvolvimento territorial de Mato Grosso do Sul.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA SUL-MATO-GROSSENSE DE LETRAS [ASL]. **Lenilde Ramos**. Campo Grande, MS, 2019. Disponível em: https://acletrasms.org.br/portfolio-item/lenilde-ramos/. Acesso em: 28 nov. 2022.

ACADEMIA AMAMBAIENSE DE LETRAS [ACAL*]*. **Iolete Moreira**. Amambai, [*s.d.*]. Disponível em: http://acalamambai.blogspot.com/p/iolete-moreira_9.html. Acesso em: 28 nov. 2022.

ACERVO MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA. **Maria da Glória Sá Rosa – Publicações**. Campo Grande, MS, 2019. Disponível em: https://www.acervomariadagloria.com.br/publicacoes. Acesso em: 30 jan. 2023.

ACERVO MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA. **Na última quarta-feira, 1 de fevereiro, o Acervo Maria da Glória Sá Rosa recebeu a visita da pesquisadora Dáfini Lisboa**. Campo Grande, MS, 2 fev. 2023. Facebook: Acervo Maria da Glória Sá Rosa. Disponível em: https://www.facebook.com/acervomariadagloriasarosa/posts/pfbid02nPPJyqrfcV5fEUNfV9Zt2dbeFJebNM6HfUcMn16vdoRqzwA2BKbwengFgAUcMKqfl?comment_id=752247345988075&notif_id=1675384876472559&notif_t=feedback_reaction_generic&ref=notif Acesso em: 3 de fev. 2023.

ALÓS, A. P.; ANDRETA, B. L. Crítica literária feminista: revisitando as origens. **Fragmentum**, [s.l.], n. 49, p. 15–31, 2017. DOI: 10.5902/2179219426594. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/26594. Acesso em: 27 jan. 2023.

ARAUJO, S. D. Novas vozes na fronteira: a literatura contemporânea em Mato Grosso do Sul. *In*: Congresso Internacional da ABRALIC, 15., Rio de Janeiro, 2017. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Editora do Evento, 2017. V. 2. p. 3062-3071. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2017_1522196811.pdf. Acesso em: 25 jan. 2023.

AULETE, C. **Aulete Digital –** Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa [*online*]. Disponível em: http://www.aulete.com.br/. Acesso em: 24 ago. 2022.

ÁVILA, V. F. **Anotações contextuais e conceituais sobre Desenvolvimento Local (DL) ou Desenvolvimento Comunitário-Local (DCL) Endógeno-Emancipatório –** ensaio de consolidação. Campo Grande: Life Editora, 2021. 214 p.

ÁVILA, V. F. **Cultura de subdesenvolvimento e desenvolvimento local**. Sobral: Edições UVA, 2005. 115 p.

ÁVILA, F. V.; CAMPOS, I. M. M; ROSA, M. W. C.; FERRO, R. F. F. C.; PAULITISCH, R. J. **Formação educacional em desenvolvimento local:** relato de estudo em grupo e análise de conceitos. 2. ed. Campo Grande, MS: UCDB, 2000.

BANDEIRA, M. **Antologia poética**. 12. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

BARRETO, I. A importância da literatura e dos cadernos culturais para a história do jornalismo brasileiro. **Alceu (PUCRJ)**, v. 10, p. 101-8, 2009. Disponível em:

http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/Alceu19_Barreto.pdf. Acesso em: 2 fev. 2023.

BARROS, M. [Entrevista]. *In*: MULLER, A. (Org.). **Manoel de Barros** – Encontros. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2010.

BITTAR, M. Sonho e realidade: vinte e um anos da divisão de Mato Grosso. **Multitemas**, Campo Grande, MS, n. 15, out. 1999, p. 93-124. Disponível em: https://www.multitemas.ucdb.br/multitemas/article/view/1136. Acesso em: 24 ago. 2022.

BORGES-TEIXEIRA, N. C. R. Metáforas da Transgressão em "Amendoeiras", de Adriana Lisboa. **Uniletras**, v. 35, p. 181-90, 2013. Disponível em: https://revistas.uepg.br/index.php/uniletras/article/view/5489. Acesso em: 30 jan. 2023.

BLOCH, P. **Pedro Bloch:** entrevista. Rio de Janeiro: Editora Bloch, 1989.

BLOG MARCO EUSÉBIO. **Morre a escritora e professora Maria da Glória Sá Rosa aos 88 anos em Campo Grande**. Campo Grande, MS, 28 jul. 2016. Disponível em: https://www.marcoeusebio.com.br/coluna/morre-a-escritora-e-professora-maria-da-gloria-sa-rosa-aos-88-anos-em-campo-grande/49715?a=coluna&b=morre-a-escritora-e-professora-maria-da-gloria-sa-rosa-aos-88-anos-em-campo-grande&c=49715. Acesso em: 28 nov. 2022.

CAFÉ, L. Aplicação do modelo de predicação sintático-semântica na construção de linguagens documentárias facetadas. *In*: CUNHA, M. V.; SOUZA, F. C. (Org.). **Comunicação, gestão e profissão**: abordagens para o estudo da Ciência da Informação. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 69-92.

CAFÉ, L.; MENDES, F. Uma contribuição para a construção de instrumentos analítico-sintéticos de representação do conhecimento. **Perspectivas em Ciência da Informação** [*online*]. 2008, v. 13, n. 3, p. 40-56. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1413-99362008000300004. Acesso em: 28 nov. 2022.

CAFÉ, L. **La description et l'analyse des unités terminologiques complexes en langue portugaise (variété brésilienne)**: une contribution à l'automatisation de la banque de données terminologiques du Brésil (Brasilterm). Québec: Université Laval, 1999. Tomo II.

CANCLINI, N. *In*: **Políticas culturais para o desenvolvimento**: uma base de dados para a cultura. Brasília: UNESCO Brasil, 2003.236 p. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000131873. Acesso em: 11 out. 2022.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011, 219 p.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CASTRO, A. **Literatura Mato-Grossense**. Campo Grande: Editora Life, 2020.

CHARTIER, R. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP, 1998. l60 p.

CHARTIER, R. **A história cultural:** entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990.

CHAVES, A, S. Aliança Francesa: Douce France – França Querida. *In*: CESCO, S. (Org.). **A glória desta morena**. Campo Grande: Life, 2020. 256 p. p. 217-220.

CHISINI, J. M. A difusão do trabalho literário de Raquel Naveira. **Multitemas**, Campo Grande, MS, n. 15, 2016, p. 61-73. Disponível em: https://multitemasucdb.emnuvens.com.br/multitemas/article/view/1134. Acesso em: 6 ago. 2022.

COLASANTI, M. Por que nos perguntam se existimos. *In*: SHARPE, P, (Org.). **Entre resistir e identificar-se**: para uma teoria da prática da narrativa brasileira de autoria feminina. Florianópolis: Editora Mulheres; Goiânia: Editora da EFG, 1997.

CORRÊA, V. B.; CORRÊA, L. S. Instituto Histórico e Geográfico de MS: O regional e o universal em Maria da Glória Sá Rosa. *In*: CESCO, S, (Org.). **A Glória desta Morena**. Campo Grande: Life, 2020. 256 p. p. 227-231.

CORREA, L. A. **Grupo Correio do Estado, de jornal a conglomerado midiático (1954-1980)**. 2018. 304 f. Orientador: Dr. Áureo Busetto. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis, 2018.

COUTO, E. Autores debatem caminhos da Literatura LGBTQIA+ no Mato Grosso do Sul. **Festival Campão Cultural**, Campo Grande, MS, 9 out. 2022. Disponível em: https://festivalcampaocultural.ms.gov.br/autores-debatem-caminhos-da-literatura-lgbtqia-no-mato-grosso-do-sul/. Acesso em: 18 nov. 2022.

COUTO, F. F.; CARRIERI, A. P. Análise Crítica do Discurso: a teoria a partir de Teun A. Van Dijk. *In*: SEMEAD - SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO DA USP, 21., São Paulo. [*s.l.*]: USP. 2018. p. 1-12). Disponível em: https://login.semead.com.br/21semead/anais/arquivos/781.pdf Acesso em: 20 jan. 2023.

COUTO, J. Erudição no incessante trabalho com o texto. *In*: ROSA, Maria da Glória Sá; NOGUEIRA, A. X. (Org). **A Literatura Sul-Mato-Grossense na ótica de seus construtores**. Campo Grande, MS: Editora Life. 2011, p. 163-172.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO [CMMAD]. **Nosso futuro comum**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1991.

DALCASTAGNÈ, R. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Editora Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.

DALCASTAGNÈ, R. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. **Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 26, p. 13-71, jul./dez. 2005. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9077. Acesso em: 2 ago. 2022.

DIK, S. C. **The theory of Functional Grammar**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.

DINIZ, C. R.; SILVA, I. B. **Metodologia científica**. Campina Grande; Natal: UEPB/UFRN - Eduep, 2008.

DOURADOS AGORA. **Jornal politizado destacava divisão do Estado com humor**. Dourados, MS, 11 out. 2015. Disponível em: www.douradosagora.com.br/2015/10/11/jornal-politizado-destacava-divisao-do-estado-com-humor-em-1977/ Acesso em: 26 nov. 2022.

DUARTE, C. L. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, set./dez. 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ea/a/6fB3CFy89Kx6wLpwCwKnqfS/. Acesso em: 2 nov. 2020.

ESSER, D. C. Literatura de autoria feminina - mulheres em cena, na história e na memória**.** **Línguas & Letras**, [*s. l.*], v. 15, n. 30, 2014, [*s.p.*]. Disponível em: https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/10658. Acesso em: 13 out. 2022.

EVARISTO, C. A Escrevivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, L. C.; NUNES, I. R. **Escrevivência**: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-46.

EVARISTO, C. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017. 126 p.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. 316 p.

FAIRCLOUGH, N. Peripheral Vision – discourse analysis in organization studies: the case for critical realism. **Organization Studies**, [s.l.], v. 26, n. 6, 2005, p. 915-39. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/240279702_Peripheral_Vision_Discourse_Analysis_in_Organization_Studies_The_Case_for_Critical_Realism. Acesso em: 2 fev. 2023.

FAIRCLOUGH, N.; MULDERRIG, J.; WODAK, R. Critical Discourse Analysis. *In*: VAN DIJK, T. (Org.). **Discourse studies a multidisciplinary introduction**. 2. ed. Nova York: SAGE Publications Ltda., 2011. p. 357-28.

FARIA, E. **Dicionário Escolar Latino-Português**. Versão *online*. [*s.d.*]. Disponível em: https://www.dicionariolatino.com/. Acesso em: 24 ago. 2022.

FAURE, E, *et al.* **Apprendre à être**. Commission Internationale sur le Développement de l'Education. Paris: Unesco-Fayard, 1972. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000132982. Acesso em: 11 out. 2022.

FERRER, G. R.; CRUZ, P. M. **Direito, sustentabilidade e a premissa tecnológica como ampliação de seus fundamentos**. *In*: SOUZA, M. C. S. A.; REZENDE, E. N. Sustentabilidade e meio ambiente: efetividades e desafios. Belo Horizonte: Editora D'Plácido, 2017.

FREIRE, P. **Conscientização**: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FIGUEIREDO, E. Literatura comparada: o regional, o nacional e o transnacional. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, [*s.l.*], n. 23, 2013, p. 31-48. Disponível em: https://abralic.org.br/downloads/revistas/1415580148.pdf. Acesso em: 25 jan. 2023.

GRAMSCI, A. **Maquiavel, a política e o estado moderno**. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

Gramsci, A. **Cadernos do cárcere**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. V. 2.

HAESBAERT, R. Interações espaciais. *In*: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Explorações Geográficas**: percursos no fim do século. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 279-318.

HAESBAERT, R.; LIMONAD, E. O território em tempos de globalização. **GeoUERJ – Revista do Departamento de Geografia**, Rio de Janeiro, n. 5, 1999, p. 7-1.

HAESBAERT, R. Da desterritorialização à multiterritorialidade. *In*: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10., 2005, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: USP, 2005. p. 6774-92. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/38739/26249. Acesso em: 24 ago. 2022.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, Ano IX, n. 17, 2007. Disponível em: https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13531/8731. Acesso em: 24. ago. 2022.

HAESBAERT, R. **Território e descolonialidade**: sobre o giro multiterritorial/de(s)colonial na América Latina. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2021.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? *In*: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 103-131.

HAWKES, Jon. **The fourth pillar of sustainability**: culture's essential role in public planning. Australia: Common Ground Publishing Pty Ltd, 2001.

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 12. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

HOSAGRAHAR, J. Cultura: no coração dos ODS. **Correio da Unesco**, Paris, abr./jun. 2017, p. 12-14. Disponível em: https://pt.unesco.org/courier/april-june-2017/cultura-no-coracao-dos-ods Acesso em: 11 out. 2022.

IBANHES, B. Entrevista Brígido Ibanhes – um país chamado fronteira. [Entrevista concedida a Rodrigo Teixeira]. **Matula Cultural**, [*s.l.*], 5 jun. 2010. Disponível em: https://matulacultural.wordpress.com/2010/06/05/entrevista-brigido-ibanhes-%e2%80%a2-um-pais-chamado-fronteira/. Acesso em: 30 jul. 2021.

KASHIMOTO, E. M.; MARINHO, M.; RUSSEFF, I. Cultura, identidade e desenvolvimento local: conceitos e perspectivas para regiões em desenvolvimento. **Interações,** Campo Grande,

MS, v. 3, n. 4, 2016. Disponível em: https://www.interacoes.ucdb.br/interacoes/article/view/575. Acesso em: 11 out. 2022.

KRISS, E. Crise na educação faz o Brasil retroceder pelo menos dez anos 2022. **Isto É**, São Paulo, 15 jul. 2022 [*online*]. Disponível em: https://istoe.com.br/tragedia-na-educacao/ Acesso em: 6 ago. 2022.

KOSSOU, B. T. **La Dimension culturelle du développement en vue d'intégrer les facteurs socio-culturels dans le plan d'action de Lagos**: Organisation de l'unité africaine - (mission). *Unesco*, Paris, 1985. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000067223. Acesso em: 11 out. 2022.

LEWIS, O. The Culture of Poverty. **Scientific American**, [s.l.], v. 2015, n. 4 out. 1966. Disponível em: http://www.ignaciodarnaude.com/textos_diversos/Lewis,Oscar,The%20Culture%20of%20Poverty.pdf. Acesso em: 28 nov. 2022.

LISPECTOR, Clarice. **A Paixão segundo G.H**. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1964.

LOBO, Luiza. **A literatura de autoria feminina na América Latina**. *Online* [*s.d.*]. Disponível em: http://lfilipe.tripod.com/LLobo.html. Acesso em: 25 jan. 2023.

MACHADO, L. Desafio aos enigmas do amor. *In*: ROSA, M. G. S.; NOGUEIRA, A. X. (Org.). **A Literatura Sul-Mato-Grossense na ótica de seus construtores**. Campo Grande, MS: Editora Life, 2011. p. 187-96.

MARCELO, R. Glória e a formosura de uma Rosa. *In*: CESCO, S. (Org.). **A Glória desta Morena**. Campo Grande: Life, 2020. 256 p. p. 195-7.

MARTINS, A. A. L.; MARTELETO, R. M. Cultura, ideologia e hegemonia: Antonio Gramsci e o campo de estudos da informação. **INCID: Revista de Documentação e Ciência da Informação**, [*s.l.*], v. 10, 2019, p. 5-24. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/incid/article/download/148808/153394/350388. Acesso em: 1º fev. 2023.

MASSON, C. Um século depois da Semana de 22, Brasil vive seu pior momento na Cultura. **Isto É Dinheiro**, São Paulo, 11 fev. 2022 [*online*]. Disponível em: https://www.istoedinheiro.com.br/um-seculo-depois-da-semana-de-22-brasil-vive-seu-pior-momento-na-cultura/ Acesso em: 6 ago. 2022.

MAZZAFERA, G. Inventadas conversas: Guimarães Rosa, Manoel de Barros e o folclore. (Ensaio). **Letras in.verso e re.verso,** [s.l.], 6 nov. 2019. Disponível em: https://www.blogletras.com/2019/11/inventadas-conversas-guimaraes-rosa.html. Acesso em: 2 fev. 2023.

MEDEIROS, H. A. De Glória a Glorinha. *In*: CESCO, S. (Org.). **A Glória desta Morena**. Campo Grande: Life, 2020, 256 p. p. 213-216.

MEDEIROS, H. Academia Sul-Mato-Grossense de Letras celebra 50 anos de trajetória à frente da literatura do Estado. [**Entrevista concedida ao Correio do Estado**]. Campo

Grande, MS, 7 out. 2021. Disponível em: https://correiodoestado.com.br/correio-b/academia-de-letras-do-ms-celebra-50-anos/391834. Acesso em: 2 fev. 2023.

MEDEIROS, R. M. V. Território, espaço de identidade. *In*: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (Org.). **Territórios e territorialidades**: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 217-28.

MELO, I. F. Análise do discurso e análise crítica do discurso: desdobramentos e intersecções. **Letra Magna**, [*s.l.*]. ano 5, n. 11, 2009, p. 1-18. Disponível em: https://cienciaslinguagem.eca.usp.br/Melo_ADeACD.pdf Acesso em: 29 jan. 2023.

MENDES, J. M. G. Dimensões da sustentabilidade. **Revista das Faculdades Santa Cruz**, Santa Cruz, v. 7, 2009, p. 49-59. Disponível em: https://unisantacruz.edu.br/v4/download/revista-academica/13/cap5.pdf. Acesso em: 24 ago. 2022.

MENDES, M. D. Memória de mulher. **Quatro Cinco Um – a revista dos livros**, [*s.l.*], 1º ago. 2022. Disponível em: https://www.quatrocincoum.com.br/br/resenhas/memoria/memoria-de-mulher Acesso em: 27 nov. 2022.

MESQUITA, N. Academia Sul-Mato-Grossense de Letras celebra 50 anos de trajetória à frente da literatura do Estado. **Correio do Estado**, Campo Grande, MS, 7 out. 2021. Disponível em: https://correiodoestado.com.br/correio-b/academia-de-letras-do-ms-celebra-50-anos/391834. Acesso em: 2 nov. 2022.

MESQUITA, N. Coletânea de livros terena e obra que reflete sobre família imigrante são finalistas do prêmio Jabuti. **Correio do Estado**, Campo Grande, MS, 26 out. 2020a. Disponível em: https://correiodoestado.com.br/correio-b/coletanea-de-livros-terena-e-obra-que-reflete-sobre-familia-imigrante/378634/. Acesso em: 2 nov. 2020.

MESQUITA, N. Integrantes de coletivo nacional, três autoras lançam livros de poesia que falam sobre violência e memória. **Correio do Estado**, Campo Grande, MS, 10 set. 2020b. Disponível em: https://correiodoestado.com.br/correio-b/autoras-lancam-livros-de-poesia-sobre-violencia-e-memorias/376988. Acesso em: 2 jul. 2021.

MESSIAS, A. Ícone das artes, Glorinha Sá Rosa deixa legado eterno para cultura sul-mato-grossense. **Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul**, Campo Grande, MS, 29 jul. 2016. Disponível em: https://www.fundacaodecultura.ms.gov.br/icone-das-artes-glorinha-sa-rosa-deixa-legado-eterno-para-cultura-sul-mato-grossense/. Acesso em: 6 ago. 2022.

MISTRAL, G. **Obra reunida**. Tomo I – Poesías. Chile: Ed. Biblioteca Nacional, 2019.

MOISÉS, M. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2004.

NEVES, M. H. M. **A Gramática Funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NICHNIG, C. R.; LEITE, E. F. A flor da Guavira: contribuições para uma história das mulheres pantaneiras. **Sæculum – Revista de História**, [*s.l.*], v. 24, n. 41, p. 389-407, 2019. Disponível em:

https://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/view/47215 Acesso em: 27 nov. 2022.

NOGUEIRA, A. X. Fundação de Cultura de MS e Universidade Federal de Mato Grosso do Sul: Estilo à la Glorinha. *In*: CESCO, S. (Org.). **A Glória desta Morena**. Campo Grande: Life, 2020. 256 p. p. 223-6.

NOGUEIRA, A. X. Maria da Glória Sá Rosa. *In*: PELEGRINI, F.; SENA, M. F. G. (Org.). **Vozes da Literatura**. Campo Grande: FCMS, 2014. 350 p. p. 118-223.

OLANDA, D. A. M.; ALMEIDA, M. G. Geografia e literatura: uma reflexão. **Geosul**. Florianópolis, v. 23, n. 46. p. 7-32, jul./dez. 2008. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/download/2177-5230.2008v23n46p7/11722/38739 Acesso em: 25 jan. 2023.

OLIVEIRA, F. **Uirapuru**. Campo Grande: Ed. do Autor, 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS [ONU]. Transformando Nosso Mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. ONU, 2015. Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/Brasil_Amigo_Pesso_Idosa/Agenda2030.pdf. Acesso em: 22 nov. 2022.

O PROGRESSO. **A partir de hoje somos um novo Estado**. Dourados, MT, 11 out. 1977. Disponível em: https://www.progresso.com.br/cotidiano/ms-comemora-a-criacao-nao-mais-a-divisao/394748/. Acesso em: 27 nov. 2022.

O PROGRESSO. **MS comemora a "criação", não mais a "divisão"**. Dourados, MS. 11 out. 2022. Disponível em: https://www.progresso.com.br/cotidiano/ms-comemora-a-criacao-nao-mais-a-divisao/394748/. Acesso em: 27 nov. 2022.

PIMENTA, T. Um ano de Slam Camélias tem programação especial com oficinas e shows. **Campo Grande News**, Campo Grande, MS, 20 jul. 2018. Disponível em: https://www.campograndenews.com.br/lado-b/diversao/um-ano-de-slam-camelias-tem-programacao-especial-com-oficinas-e-shows. Acesso em: 20 jul. 2021.

PIÑON, N. O gesto da criação: sombras e luzes. *In*: PEGGY, Sharpe (Org.). **Entre resistir e identificar-se**: para uma teoria da prática da narrativa brasileira de autoria feminina. Florianópolis: Ed. Mulheres; Goiânia: UFG, 1997. p. 81-94.

PRIORE, M. D. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

RAMALHO FILHO, Rodrigo. Patrimônio Cultural e Natural: dimensão da sustentabilidade. *In*: BASTOS FILHO, J. B.; AMORIM, N. F. M.; LAGES, V. N. L. (Org.). **Cultura e desenvolvimento**: a sustentabilidade cultural em questão. Maceió: PRODEMA/UFAL, 1999. p. 179-93.

REIS, F. **Lídia Baís**: arte, vida e metamorfose. Dourados: Ed. UFGD, 2017. 130 p.

REVISTA PIXÉ. **Sylvia Cesco**. *Online*, [*s.d.*]. Disponível em: https://www.revistapixe.com.br/sylvia-cesco-21. Acesso em: 28 nov. 2022.

RIBEIRO, Paulo. O livro que surgiu de um encontro entre Guimarães Rosa e Manoel de Barros. (Ensaio). **SP Review**. São Paulo, *online*, [I.*d.*]. Disponível em: http://saopauloreview.com.br/o-livro-que-surgiu-de-um-encontro-entre-guimaraes-rosa-e-manoel-de-barros/#_edn2. Acesso em: 3 fev. 2023.

ROCHA, G. **Grandezas da literatura sul-mato-grossense.** Campo Grande: Editora Life, 2011.

ROSA, J. G. Com o vaqueiro Mariano. **Correio da Manhã**, [*s.l.*], n. 16.350, 22 fev. 1948, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_05&pagfis=40280. Acesso em: 3 fev. 2023.

ROSA, M. G. S. **Memória da cultura e da educação em Mato Grosso do Sul**: história de vida. Campo Grande, MS: 1990. 236 p.

ROSA, M. G. S. **Crônicas de fim de século**. Campo Grande: UCDB, 2001. 262 p.

ROSA, M. G. S.; NOGUEIRA, A. X. (Org.). **A Literatura Sul-Mato-Grossense na ótica de seus construtores**. Campo Grande, MS: Editora Life, 2011.

ROSA, M. G. S. Do Sertão Nordestino para a formação de Mato Grosso do Sul. [Entrevista concedida]. **Revista Atuação**, Campo Grande, MS, dez. 2012. Disponível em: https://issuu.com/revistaatuacao/docs/revista_fetems_2012_5_web_cbd03ccb03c672. Acesso em: 26 nov. 2022.

NONATO, G. Cinco poemas de Gleycielli Nonato. **Ruído Manifesto,** Cuiabá, 6 fev. 2020, *online*. Disponível em: https://ruidomanifesto.org/cinco-poemas-de-gleycielli-nonato/. Acesso em: 27 nov. 2022.

SACHS, I. **Ecodesenvolvimento: crescer sem destruir**. São Paulo: Vértice, 1986.

SACHS, I. Estratégias de transição para o século XXI. *In*: BURSZTYN, M. **Para Pensar o Desenvolvimento Sustentável**. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 29-56.

SACHS, I. **Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002. 96 p.

SACHS, Ignacy. **Desenvolvimento includente, sustentável, sustentado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SANTOS, D.; BAHNIUK, A. **Gabriela Mistral, Nobel de Literatura, 1945**. Meninas e Mulheres nas Ciências, Curitiba, 16 set. 2020. Disponível em: https://meninasemulheresnascienciasufpr.blogspot.com/2020/09/gabriela-mistral-nobel-de-literatura.html Acesso em: 2 fev. 2023.

SAQUET, M. Proposições para estudos territoriais. **Geographia**, Rio de Janeiro, n. 15, p. 71-85, 2006. Disponível em: https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13511/8711 Acesso em: 27 nov. 2022.

SELEM, T. **100 Mulheres Pioneiras em 100 Anos de Campo Grande**. Campo Grande: Editora BPW, 1999.

SIEBERT, S. A crônica brasileira tecida pela história, pelo jornalismo e pela literatura. Linguagem em (Dis)curso (Online), v. 14, p. 675-685, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ld/a/8vV4KftbQvYdYgqFw6dGf3N/?format=pdf&lang=pt Acesso em: 2 fev. 2023.

SILVA, R. A. A mente, essa ninguém pode escravizar: Maria Firmina dos Reis e a escrita feita por mulheres no Maranhão. **LTP** [*online*]. 2011, vol. 29, n. 56, p. 11-9.

SLAPER, T. F.; HALL, T. J. The Triple Bottom Line: what is it and how does it work? **IBR** v. 86, n. 1, 2011,[*online*]. Disponível em: https://www.ibrc.indiana.edu/ibr/2011/spring/article2.html Acesso em: 27 nov. 2022.

SOUSA, A. Revisitando a crítica: o regionalismo brasileiro. **Revista Humanidades & Inovação**. Palmas, Tocantins, v. 8 n. 60 (2021): Literatura Tocantinense, p. 8-17. Disponível em: https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/6161 Acesso em: 25 jan. 2023.

SOUZA, A. B. **A dimensão ética da sustentabilidade**. 2020.146 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, Sergipe, 2020. Orientador: Antônio Carlos dos Santos. Disponível em: http://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/14043 Acesso em: 22. nov. 2022.

SOUZA, K. K. M. **A dimensão ética do turismo sustentável**. 2013, 153 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, Sergipe, 2020. Orientador: Antônio Carlos dos Santos. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/4114/1/KAROLINE_KETILIN_MOURA_SOUZA.pdf Acesso em: 22. nov. 2022.

TAVARES, G. Mato Grosso do Sul tem um dos maiores índices de feminicídio do Brasil. **Correio do Estado**, Campo Grande, MS, 2 jun. 2021. Disponível em: https://correiodoestado.com.br/cidades/ms-tem-um-dos-maiores-indices-de-feminicidio-do-brasil/386558 Acesso em: 6 ago. 2022.

TAVEIRA, J. C. Raquel Naveira é uma voz do Pantanal para o mundo. **Jornal Opção**, Goiás, GO, 16 maio 2021. Disponível em: https://www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/raquel-naveira-e-uma-voz-do-pantanal-para-o-mundo-328383/ Acesso em: 6 ago. 2022.

TEIXEIRA, N. C. R. B. **Escrita de mulheres e (des)construção do cânone literário na pós-modernidade**: cenas paranaenses. Guarapuava: Unicentro, 2008.

TELLES, Norma. Escritoras, Escritas, Escrituras. *In*: PRIORE, Mary Del Priore (org.). **História das Mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 401-432.

VACCARI, G. Professor José Barbosa Rodrigues é tema de Roda Acadêmica. **Correio do Estado**, Campo Grande, MS, 15 out. 2019. Disponível em: https://correiodoestado.com.br/correio-b/professor-jose-barbosa-rodrigues-bre-tema-de-roda-academica/362168 Acesso em: 2 nov. 2022.

VAN DIJK, T. Principles of critical discourse analysis. **Discourse & Society**, 4, n. 2, 1993. 249-283. Disponível em: https://www.slideshare.net/guest62891/principles-of-critical-discourse-analysis-presentation Acesso em: 29 jan. 2023.

VAN DIJK, T. El análisis crítico del discurso. **Anthropos**, Barcelona, n. 186, 1999, p. 23-36. Disponível em: http://www.discursos.org/oldarticles/El%20an%E1lisis%20cr%EDtico%20del%20discurso.pdf Acesso em: 2 fev. 2023.

VAN DIJK, T. El estudio del discurso. *In*: VAN DIJK, T. **El discurso como estructura y proceso**. Barcelona: Gedisa, 2000. Cap. 1, p. 21-65.

VAN DIJK, T. A. Discurso y racismo. Traducción: Christian Berger. **Persona y Sociedad**, Instituto Latinoamericano de doctrina y estudios sociales, v. 15, n. 3, p. 191-205, 2002. Disponível em: http://www.discursos.org/oldarticles/Discurso%20y%20racismo.pdf . Acesso em: 22 jan. 2023.

VAN DIJK, T. A.; MEDEIROS, B. W. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O. Análise crítica do discurso multidisciplinar: um apelo em favor da diversidade. **Linha D'Água**, *[S. l.]*, v. 26, n. 2, p. 351-381, 2013. DOI: 10.11606/issn.2236-4242.v26i2p351-381. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/65164. Acesso em: 30 jan. 2023.

VAN DIJK, T. Critical Discourse Studies: A Sociocognitive Approach. *In*: WODAK, R.; MEYER, M. **Methods of Critical Discourse Studies**. [S.l.]: Sage, 2015. Cap. 3, p. 63-85.

VIÉGAS, I. A. **Pantanal: reminiscências de nossas vidas**. Campo Grande: Gráfica Alvorada, 1997.

ZINANI, C. J. A.; POLESSO, N. B. Da margem: a mulher escritora e a história da literatura. **MÉTIS: História & Cultura**, v. 9, n. 18, 2010. Disponível em: http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/998/1054 Acesso em: 2 ago. 2022.

ZIRALDO. **Isso é que é dar nome aos bois**. [Charge]. O Pasquim, ano IX, n. 423, 1977, p. 29. Rio de Janeiro, RJ. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=124745&pagfis=15189 Acesso em: 28 nov. 2022.

ANEXOS

ANEXO A - Lydia Baïs – Artista além do tempo

ROSA, Maria da Glória Sá. **Crônicas de fim de século**. Campo Grande: UCDB, 2001. p. 19-21.

E eu quero ser presa.
Não sei o que fazer da aterradora
liberdade que pode me destruir.
Clarice Lispector

Auto-retrato na Santa Ceia, ao lado de Jesus.

Lydia Baïs é a personagem de romance à espera de ser escrito. Pequena, delicada, a pele alvíssima, parece uma boneca de porcelana, movimentando-se num cenário irreal de quadros, animais de estimação, empregados domésticos, displicentemente sentados no fundo do quintal. Abro a porta de sua casa, um velho casarão da rua 15 de Novembro, que data do início do século e penetro num mundo em que sombras carregam pesadas lembranças. **Lydia** está sentada à mesa, vestida de modo estranho. A primeira coisa que me chama a atenção é o bonezinho de lã azul-marinho, amarrado por uma echarpe branca. Apesar do forte calor, traja costume de flanela e proteje[14] os pezinhos, calçados com meias de lã branca, em chinelos também de lã.

[14] Os anexos contêm títulos, figuras, legendas e a crônica como constam no livro, mantendo-se a grafia das palavras na forma em que foi publicado.

Penetro em seu universo com a mesma curiosidade e unção religiosa com que percorri os corredores dos templos indianos e japoneses, que andei visitando tempos atrás. Os argutos olhos de **Lydia** atravessam as paredes de minha sensibilidade, enquanto a voz emerge de um romance de **Autran Dourado**, **Joyce** ou **Clarice Lispector**: ***"Não pinto mais. A tristeza, o desgosto de viver fez-me abandonar tudo. Que terrível é nossa existência! De repente perdi tudo: meu pai, minha mãe, meus irmãos... o que me deu consciência da irremediável solidão a que estamos condenados. Viver é um ato de extrema coragem. Você já pensou que nascemos todos condenados? Que a morte nos atinge mais rápida que um relâmpago? Foi essa a lição que recolhi do sofrimento, a certeza de que somos todos seres de passagem. Tudo acaba de repente, sem aviso prévio. Não temos segurança nem mesmo do que somos".***

Lembro-me de **Manuel Bandeira**, que dizia ser a coisa mais triste da velhice a perda constante dos amigos, levados pelo vento da eternidade. Aos 81 anos, **Lydia** sente a perda de cada amigo como brasa a queimar-lhe a pele adormecida.

Descendente de uma das mais ilustres famílias sul-mato-grossenses, filha de **Bernardo Baïs**, irmã de **Amélio Baïs**, tia de **Nelly Martins** e cunhada de **Vespasiano Martins**, **Lydia** é o primeiro grande nome na história de nossas artes plásticas. Aluna de pintura de **Osvaldo Teixeira** e **Henrique Bernardelli**, que vislumbravam nela futuro dos mais promissores, aperfeiçoou os dotes de pintora na França e na Alemanha, depois de ter feito os primeiros estudos em colégios católicos, como era o costume da época. Amiga de **Murilo Mendes** e de **Ismael Nery**, manteve por longos anos correspondência com esses dois artistas da modernidade brasileira, que muito a incentivaram em seus trabalhos.

Os anos vividos em **Paris** permanecem na memória como um sonho que fala com embevecimento. Hoje, diz ela, ***"não saio de casa, não visito nem sou visitada por ninguém. Em Paris, andava sem medo por toda parte. Atravessava as ruas da margem esquerda e da margem direita do Sena com a segurança de quem é dono do mundo. Convivia com artistas, freqüentava o meio social da época. Atualmente, não conheço mais ninguém. Inah Metello que foi minha companheira de juventude, já não vive mais. Não sei quem são os pintores de hoje. Só conheço o Espíndola. Ele e Aline fazem muito alarde em torno de minha pessoa, mas é tudo sem fundamento. Não mereço coisa alguma".***

A voz de Lydia é suave, os pequeninos olhos brilham, a fisionomia é de quem atingiu a essência do nada de nossa condição com a serenidade de uma monja. Em certos momentos, tenho a impressão de ter diante de mim uma e asceta que, depois de tocar a fragilidade da vida humana, buscou refúgio num mosteiro, como fase preparatória do acesso à eternidade.

A beleza adolescente de Lydia.

Depois de folhear três catálogos com reproduções de suas obras e retratos de família, todos tendo na capa o nome **Museu Baïs**, pergunto-lhe onde este se localiza. **Lydia** esboça um sorriso e responde-me:

"– Aqui mesmo. Tudo que existe nesta casa faz parte do Museu Baïs."

Teria em outras épocas existido o **Museu Baïs**, com visitação aberta ao público, catálogos, pessoal responsável, ou tudo não passa de uma visão onírica da artista?

Ninguém sabe responder. A maioria das obras está encaixotada. Mas, através do material exposto nas paredes, pode-se pressentir os dramas pessoais de uma personalidade singular, que extravasou na arte os sonhos que se perderam na noite dos tempos.

Chama-me a atenção um quadro denominado **Micróbio da Fuzarca.** É uma composição surrealista em que um esqueleto com uma trança espessa e cauda esverdeada destoa das produções românticas do tempo. Numa reprodução da **Santa Ceia** observo a presença de **Lydia**, toda de branco, ao lado de **Cristo**, numa projeção do desejo de viver para sempre ao lado do Redentor, pois **Lydia** é uma pessoa mística que ***"bebe água de toda religião"*** e emprega o tempo lendo livros de Teosofia. Em outros tempos, pertenceu à **Ordem Terceira de São Francisco** com o nome de **Irmã Trindade**. Muita gente lembra-se de tê-la visto, percorrendo as ruas de **Campo Grande** num hábito de freira. Quando insisto em perguntar-lhe a verdadeira razão por que abandonou a pintura responde-me: ***"Precisava tomar conta de meus negócios. Mas não sabia lidar com os problemas de uma fazenda. Já trabalhei demais. Pintava até altas horas da noite. Só parava, quando ouvia o sino da***

matriz. A pintura faz a gente transcender as misérias da vida. Mas é uma febre que passa. Não deixa nada a não ser a tinta seca na paleta. Depois de terminar um quadro, sentia-me vazia como quem nada realizou. Tocar, compor davam-me muito mais satisfação".

Além de pintora, **Lydia** foi pianista e compositora, mas o piano está velho, as teclas quebradas não reproduzem os sons com a pureza original com que brotaram da sensibilidade da artista.

Afresco na Morada dos Baïs.

Muito ligada à história do **Brasil**, seus quadros são repletos de símbolos e de figuras da vida brasileira. Num deles, vejo **Getúlio Vargas** de bombachas, precedido por um foco luminoso. Numa montagem fotográfica que faz parte do catálogo pertencente ao **Museu Baïs**, localizo sua figura no centro da bandeira do **Brasil**. Abaixo uma legenda afirma: Devido a uma visão, Lydia foi colocada no centro da bandeira do **Brasil**. (Mais tarde entenderão por quê).

Quando lhe peço que me explique um de seus quadros, **Dragão Vermelho**, baseado no **Apocalipse**, ela desce a detalhes, enfatizando o peso da cruz da mulher sempre muito maior que a do homem. Mas o quadro que mais me toca é o de uma paisagem lunar, onde se misturam tons de surrealismo, de impressionismo.

Da longa conversa, recolhi alguns pensamentos de **Lydia**:

"Que coisa estranha. Bastam apenas sete cores e sete notas para a composição do universo.

Os jovens sabem muito mais do que os velhos. Por que então desprezar o conhecimento dos jovens?"

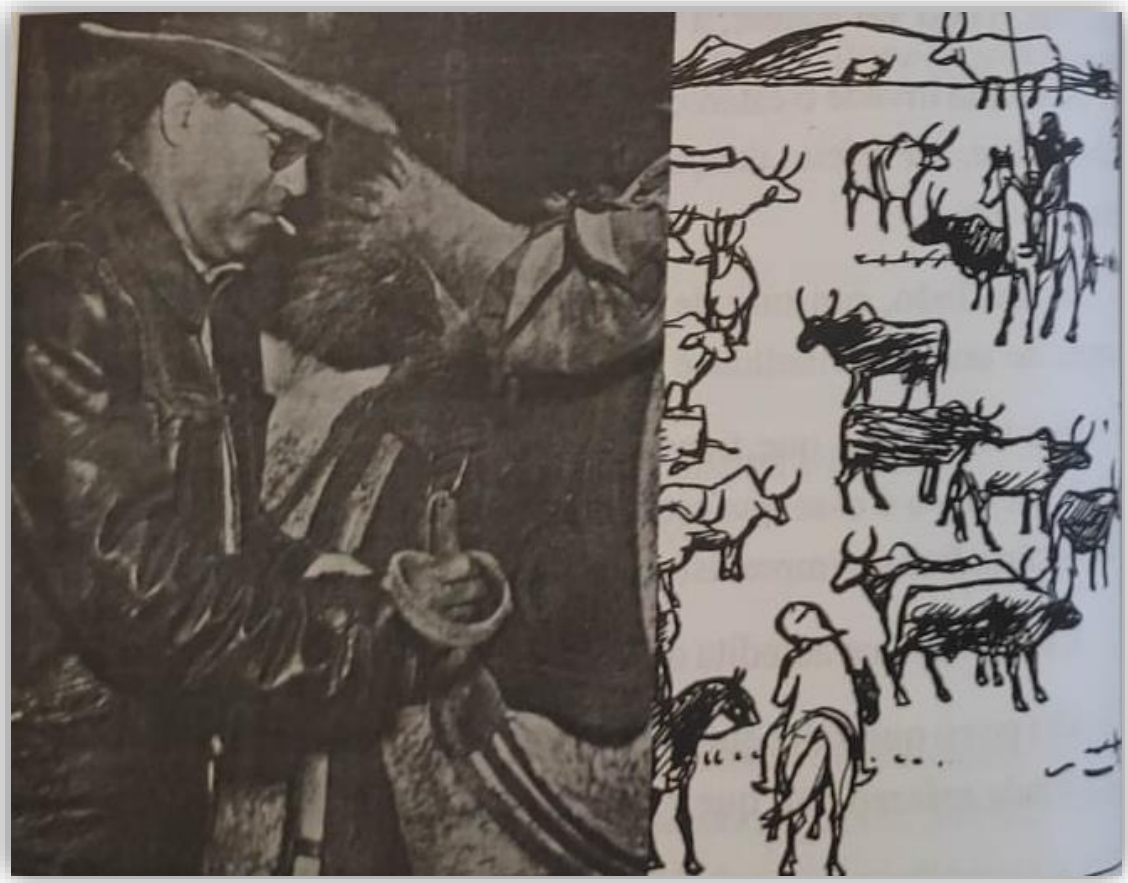
Deixei a casa de **Lydia**, naquela tarde de 1980, consciente de ter vivido um momento especial ao lado de uma mulher sábia, cheia de intuições, totalmente desprovida de vaidades,

sem consciência da importância de sua obra. Ficou em mim a imagem da menina-mulher, perdida no fantástico universo de quadros, altares repletos de santos, retratos de família. No desarranjo dos objetos, **Lydia** parecia saída de uma história de **Gabriel Garcia Marquez** ou dos espelhos de **Jorge Luís Borges**. Afastei-me, certa de ter tocado a essência de uma vida que escapou ao tempo e se projetou pelos séculos afora, íntegra, intocada em sua grandeza maior.

Data de Publicação: 1979 [a data diverge do texto, que contém o recorte temporal "naquela tarde de 1980].

ANEXO B – Guimarães Rosa em Mato Grosso do Sul

ROSA, Maria da Glória Sá. **Crônicas de fim de século**. Campo Grande: UCDB, 2001. p. 104-107.



Guimarães Rosa no Pantanal: aprendendo mais sobre o país do boi.

A noite para lá de minha janela tinha
hasteado estrelas papel e pano;
mas durante, esfolhando as horas dela,
soprou todo o sueste de arrasta icebergs de ar.
Sofri-o de repente, quando me levantei às quatro
para ver o Pantanal em madrugada e manhã.
Guimarães Rosa

Por duas vezes, **João Guimarães Rosa** esteve em Mato Grosso do Sul. Na década de quarenta, foi de **Aquidauana** a **Bela Vista**, refazendo a história, recolhendo lembranças de

nossos heróis do passado e do presente: **Camisão**, **Pisaflores**, **José Tomás**, o chefe terena **Francisco das Chagas** e a negra **Ana, preta de bondosa**. O jeito de ser dessas pessoas está manifesto nas páginas do livro **Ave Palavra**.

Em **1952**, esse mago do verbo, que revolucionou a língua portuguesa, com o desvio de todas as normas gramaticais, enfiou-se Pantanal a dentro para aprender mais sobre o país do boi. Como guia, escolheu o vaqueiro **José Mariano da Silva**, *bom condutor de sentimentos, crepitante de calor humano, governador de si mesmo e inteligente*. É uma viagem das mais ricas, uma ação épica que, de certo modo, assemelha-se à do vaqueiro **Grivo**, personagem do conto **Cara de Bronze**, que sai pelo mundo à procura do *quem* das coisas, recolhendo impressões, amealhando experiências.

Ocorre perfeita interação entre o escritor, ansioso de tudo saber e o vaqueiro, disposto a contar todos os fatos, casos e cenas que lhe são solicitados.

Nascido e criado no **Pantanal**, **Mariano** conhece os bois pelo cheiro, adivinha a mudança do tempo pelo alvoroço do gado, é capaz de passar horas descrevendo vaquejadas, rodeios e enchentes, *que matam e esmagam, para deixar restar na seca um monte de esqueletos*. As palavras brotam-lhe fáceis, num discurso saboroso, do qual estanca para tomar fôlego, olhos fechados, a fim de recordar melhor.

Na escuridão do **Pantanal**, dois homens identificam-se no amor à natureza. Duas sombras se irmanam na escuridão da casa pantaneira, enquanto misteriosos rebanhos transitam por sobre suas cabeças, ao som de um aboio. Termina aí a primeira parte da narrativa.

Devidamente orientado pela sabedoria do companheiro, o autor está curioso para saber *como se tratam sob o céu bois e vaqueiros*. Para ele, qualquer direção serve, porque o *Pantanal é um mundo e cada fazenda um centro*. Ao lado de **Mariano**, cavalga para dentro do **País do boi**, ao encontro da beleza em sua pureza original. Assim começa a segunda parte do relato **Com o Vaqueiro Mariano**, que faz parte da obra **Estas Histórias**.

Como num filme, o autor é lançado ao paraíso, *com multidões de aves florindo em torno dele, o céu caindo de cor, as nuvens fugindo, e o vento frio*. Tudo reverdece em torno de um homem de rara sensibilidade, que capta o cerne das emoções em frases de surpreendente beleza, que aderem à nossa pele, enquanto o vento rasga por todo o campo sua grande seda.

Atravessam invernadas, enfrentam uma queimada, sofrem a dor de ver morrer o gado, de frio, picado por aves de rapina. Cortam vazantes, seguindo rastros de antas, onde se alternam divisões de pastagens, e lagoas se sucedem, umas muito azuis, outras crespas, esverdeadas e cinzentas.

Durante todo o percurso, **Mariano** continua exercitando o amigo nas lições do campo. O olhar de **Rosa** aprofunda-se na indagação dos mistérios da natureza. Nada lhe escapa. Aprende o nome de cada florzinha, distingue as várias tonalidades de verde, *dos densos camalotes de guapés, pequeno mar de sargaços*. Acompanha o jacaré, *que se sonha gordo ao sol, bocarra franca.*

Tonto de admiração, diante de tanta maravilha, **Guimarães Rosa** se pergunta: *De que abismos nascemos, viemos?*

Não há segredos ocultos na paisagem pantaneira. Ela está ali para ser consumida, saboreada, reinventada pelo olhar, pela linguagem de **Rosa**.

Pergunto-me: O que terá levado esse diplomata, escritor, versado nos mais exóticos idiomas, a aventurar-se no labirinto do **Pantanal**? Que impulso o fez trocar os refinados ambientes europeus pelo *latido dos socós, o mugir dos bois, o gorjeio do João-Cabral-pequeno na beira do corixo, onde mora?* Apenas a vontade de devassar o éden, *igual a todo éden, aliás além e cluso*. O prazer de velejar em águas não contaminadas, em cujas margens jacarés desfrutavam a liberdade de tomar sol, sem ameaça de serem caçados por coureiros. Doce **Pantanal de 1953**, ainda não divulgado pela mídia, em que aves gritavam de alegria. Pantanal **Rosa** nos oferece em amorosa e única linguagem, para ficar eterno na memória.

Data de Publicação: 1989.

ANEXO C – Maria Constança de Barros Machado – A mulher que deu novos rumos à Educação

ROSA, Maria da Glória Sá. **Crônicas de fim de século**. Campo Grande: UCDB, 2001. p. 38-43.

Dona Constança em momentos diversos de sua vida.

Me recordo de teu rosto que em meus dias se fixou
Mulher de veste azul, de testa iluminada
Que em minha velhice e sobre minha terra de ambrosia
Vi abrir um sulco negro num ardente abril.
Gabriela Mistral

Dia 27 de abril de 1995, a cidade amanheceu coberta de tristeza. **Dona Constança**, a educadora, que ensinou a tantas gerações os segredos da leitura, da escrita e, principalmente, os de como sobreviver com dignidade num mundo de incertezas e contradições, deixava-nos

para sempre, depois de longa enfermidade, que a afastara das coisas, que amava: os livros, os filmes, a música, as viagens. Partiu de forma suave, em busca da paz dos vales eternos, deixando-nos com os olhos no escuro, privados do sol, que ajudou a acender em nossas almas.

Em 1986, entrevistei **Dona Constança** para o livro **Memória da Cultura e da Educação em Mato Grosso do Sul**. Foram horas de alegria em que ela, ainda lúcida, recordou seus anos de professora, reportando-se aos anos de formação em Cuiabá, onde conheceu o Prof. **Leovigildo Martins de Melo**, que a impediu de parar de estudar e foi uma das forças motrizes na decisão de tornar-se professora. Recebia-me sempre bem vestida, oferecia-me chá com bolinhos de queijo e vinha acompanhar-me até o carro, todas as vezes em que nos despedíamos. O prazer de voltar à escola, através do fio das lembranças, agora que estava reduzida à solidão da aposentadoria, fazia com que não sentisse o peso das horas nem o cansaço dos longos depoimentos, gravados e filmados. Como num *flashback* cinematográfico, o passado tornava-se presente na viagem que fazíamos através do tempo, recompondo a vinda para **Campo Grande**, os anos de professora e diretora do **Grupo Escolar Joaquim Murtinho**, dedicada inteiramente aos alunos, ganhando pouco, preocupada em ajudar os estudantes, dando conselhos aos que precisavam, orientando os que tinha problemas psicológicos. Indagada se alguma vez havia utilizado castigo corporais, no tempo em que a palmatória era parte obrigatória do contexto escolar, reclinada numa cadeira de balanço, abriu os braços num gesto largo e sorriu, dizendo algumas frases, que guardo para sempre na memória: ***"estas mãos são sagradas, sacratíssimas. Nunca poderia bater num aluno. Sempre conquistei as crianças pela persuasão, pela confiança que tinham em mim, sabendo que só queria o bem de cada um".*** Gostava de dividir o êxito das tarefas com os professores que trabalhavam a seu lado. Lembrava sempre com saudade as colegas do tempo de primário: **Ayd Camargo César**, **Elisa Silva**, **Simpliciana Correa**, **Galega Bastos**. Tinha senso de humor, gostava de rir, de contar casos, de relembrar passagens de antigos professores e alunos dos tempos do **Colégio Estadual Campo-grandense** (que por duas vezes dirigiu). **Luis Cavalon**, **Hermínia Grise**, **Rafael Gioia Martins**, **Nagit Raslan**, **César Maksoud** faziam parte de seu referencial de recordações. Dos alunos, ouvi-a citar com freqüência **João Pereira da Silva e José Pereira Lins**, acentuando as dificuldades por que passaram para terminar os estudos e o incentivo que deu à carreira de ambos.

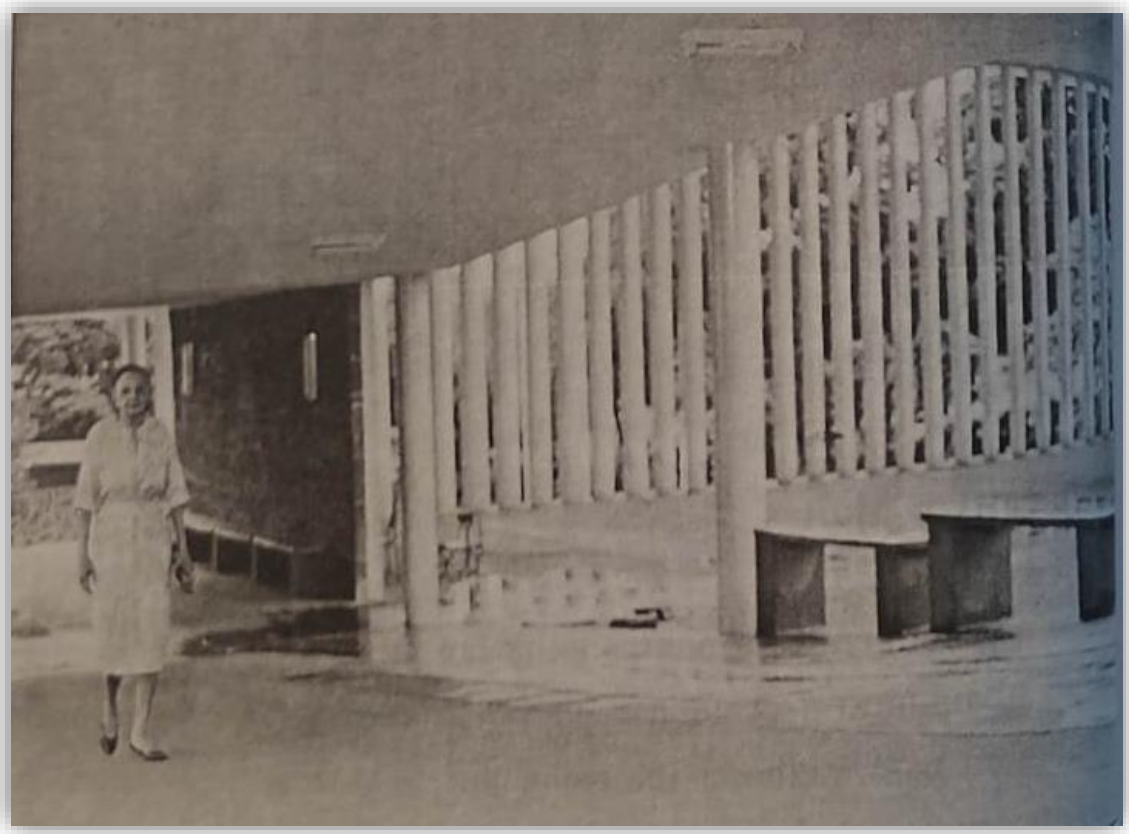
Dona Constança faz parte de minha história, hoje que me vejo sobrevivente de uma escola, em que o professor ganhava pouco, não podia fazer greves, sofria injunções políticas, mas tinha grande amor aos alunos e considerava o ensino como missão, de que se orgulhava.

Conheci-a criança, quando fui sua aluna na **Escola Ativa**, que funcionava, onde é hoje o **Colégio Osvaldo Cruz**. Por isso, costumo dizer que as modificações no ensino de nosso **Estado** começaram com ela, com a mudança de métodos que introduziu, dinamizando as aulas, nas quais o aluno era chamado a participar, a dialogar, a ser o centro do processo educativo.

Maria Constança, em 1936 no Rio de Janeiro, com o marido Sebastião e os filhos Aparecida e Kerman.

Muitas vezes, referiu-se com revolta aos **cadernos de pontos** utilizados no curso primário daquele tempo, obrigando a criança a intermináveis cópias, que em nada contribuíam para melhorar seu raciocínio. Com o magro vencimento, comprava os prêmios, com que distinguia os melhores alunos. Lembro- me, emocionada, de ter ganho um livro de histórias, **O Papagaio Encantado**, que guardei por muitos anos, como uma das mais queridas lembranças da infância.

Dona Constança era acima de tudo uma pessoa idealista, para que o conforto pessoal deixava de existir, quando se tratava do bem-estar de seus semelhantes. Foi por isso que encetou árdua campanha para criar, em **1939**, o primeiro ginásio público da cidade, o **Ginásio Estadual Campo- grandense**, que, em **1952**, foi transformado em **Colégio Estadual Campo-grandense**. Hoje, numa homenagem das mais justas, a moderna construção, projetada por **Oscar Niemeyer**, leva seu nome, numa iniciativa do então deputado **Rubem Figueiró**. Graças à coragem de **Dona Constança,** muitos alunos desprovidos de recursos puderam continuar suas carreiras. Participou ativamente da **Campanha Nacional de Criação de Educandários Gratuitos** e das obras sociais do **Educandário Getúlio Vargas**. Depois de aposentada, foi presidente da Associação de Amparo à Maternidade e à Infância.



Na passarela do Colégio que tem seu nome.

Gosto de lembrá-la na dinâmica do dia-a-dia escolar, cantando o Hino Nacional na entrada dos alunos, hasteando a Bandeira Brasileira, organizando as festas e desfiles escolares, visitando as salas de aulas, preocupada com a disciplina e o progresso dos alunos. Sempre disposta, nunca faltava ao expediente escolar, chovesse, ou fizesse sol. Conversar com **Dona Constança** era como passear num tapete mágico, no enriquecimento que suas informações nos proporcionavam. Atenta às coisas do seu tempo, conhecia **Geografia, História, Matemática** (matérias que lecionou) e exprimia-se com fluência, em francês. Acima de tudo, era uma pessoa humana, que soube superar as inúmeras perseguições políticas de que foi alvo, não se deixando vencer pela amargura. Aposentada, depois de mais de quarenta anos de dedicação à causa do ensino, nunca a ouvi reclamar do irrisório salário que recebia.

O **Conselho Estadual de Cultura**, em sua sessão de **29 de abril de 1995**, prestou significativa homenagem a **Dona Constança**. **Altair Dantas, Cristina Mato Grosso** e a autora deste artigo exaltaram o papel desempenhado por ela na trajetória do ensino, em nosso **Estado**.

Sinto que **Dona Constança** vive hoje além do tempo e do espaço que nos rodeia. Ela está presente em tudo que construiu, nas vidas que ajudou a formar, no legado de justiça, seriedade e competência, que nos deixou. Se a verdadeira vida é a vida da memória, como afirmam os filósofos, **Dona Constança** permanece eterna entre os que tiveram o privilégio de conhecê-la e sentir-lhe a influência benéfica.

Data de Publicação: 7 de maio de 1995.

ANEXO D – Elis Regina – brilho, talento e inteligência singular

ROSA, Maria da Glória Sá. **Crônicas de fim de século**. Campo Grande: UCDB, 2001. p. 92-97.

A alegria irradiante de Elis Regina.

Era uma estrela tão alta!
Era uma estrela tão fria!
Era uma estrela sozinha
Luzindo no fim do dia
Manuel Bandeira

Eu a conheci em **1974**, quando veio a **Campo Grande**, em companhia do irmão **Rogério** e do marido **César Camargo Mariano**, fazer um show para os universitários, no teatro **Glauce Rocha**, da **UFMS**. O responsável pela produção foi **Sinishiro Higa**, que

naquela época havia se lançado à aventura de trazer grandes nomes da música popular e do teatro brasileiro à nossa cidade. Vivíamos então os anos da repressão, o que significa que o repertório dos shows deveria ser previamente aprovado pela **Censura**, que eliminava tudo que era considerado ofensivo ao regime vigente. Antes do espetáculo, encontrei **Elis Regina** nervosa, olhos vermelhos diante do espelho do camarim do teatro, porque **Cálice**, de **Gilberto Gil**, talvez o número mais significativo da noite, havia sido vetada. Como se quisesse transferir para o próprio corpo a revolta que a dominava, **Elis** feria a palma da mão com as unhas, num gesto de inconsciente revolta. Lembro-me de ter-lhe dito que uma estrela de sua grandeza, admirada no País inteiro, não podia deixar-se abater daquela maneira, ao que ela me respondeu: ***vocês não sabem o que me espera. Se não me pegarem aqui, me agarram mais adiante.*** A tensão estava no ar. O teatro repleto ignorava que o show estava por um fio. Graças à interferência do irmão e do marido, que conseguiram acalmá-la, o público participou de uma noite de emoções geradas e ampliadas por um sentimento que queimava como fogo e explodiu em notas e palavras cortantes como lâminas.

Elis e seus enigmas.

De calça **Lee**, camiseta de malandro, rosto limpo de maquilagem, sem qualquer outro adereço, a não ser a voz privilegiada, **Elis Regina** eletrizou o auditório.

Os anos passaram, levando consigo o fantasma da repressão. **Elis Regina**, depois de longas noites de tempestades, relâmpagos e trovões, partiu deixando conosco o brilho único de uma estrela que nunca será igualada. Foi a mais trágica, a mais sensível, a mais completa intérprete de nossa MPB, não apenas pela voz, mas pela escolha exata do repertório, dos autores, como pude observar nesse domingo, 18 de março, através de **documentário realizado por Fernando Faro, para a TV2, exibido pela TVE. Elis Regina**, com apenas 30 anos, no auge da força produtiva, discorre sobre os mais variados assuntos. Enfatiza a lealdade que exige dos amigos (***pessoas bacanas com quem consegue conversar olhando no olho***), dos desgostos gerados pelo programa **Fino da Bossa** e declara-se uma pessoa ***sincera, geniosa e temperamental, que não nasceu para viver em sociedade***. Acrescenta em tom de sarcasmo: ***não estou aqui para semear ventos, os outros que colham as tempestades***. Solta os demônios, enquanto ri, um riso irônico, pontuado por observações cortantes e pela fumaça

do cigarro. Distraindo-se com as contas dos colares, oferece-nos interpretações magistrais de canções brasileiras, como **Vinte anos Blue**, com a qual se identifica, pois, como no poema *de Suely Costa**: tem mais de vinte anos, mais de mil perguntas e um futuro blue**. **A palavra é faca***, diz o poeta **João Cabral**. **Elis Regina** sofre, chora cada sílaba, cada sopro, verte angústia pelos olhos, muitas vezes semicerrados, é uma atriz com a memória afetiva, modelando cada frase, como se as estivesse cantando pela última vez, numa despedida antecipada. Fala com especial carinho de **Milton Nascimento**, com quem tem especial afinidade. Termina dando um enfoque de brincadeira à canção **General da Banda**, a primeira que aprendeu e que interpreta como se voltasse a um tempo feliz.

Fernando Pessoa guardava rebanhos, **Elis Regina** domesticava notas musicais, com esse estranho poder do domador de serpentes, que faz com que elas ora saiam fortes, enérgicas, ora suaves como sussurro de brisa. Na **Canção do Sal**, de **Milton**, que interpreta balançando de leve a cabeça, passam diante de nós aqueles homens que trabalham o dia inteiro ***para ver os filhos na escola,* levando vida de gente**. Dedica um espaço de ternura a **Tom Jobim**, de quem reinventa **Águas de Março**, dando risada nas palavras finais.

Termina o depoimento, confessando que mudou, que **César Camargo Mariano** deu um jeito novo a suas interpretações***. Não foi meu disco que mudou. Foi minha cabeça, meu travesseiro que está mais aconchegante***. Com **Luisão** na guitarra, **Pedro** na bateria e as mãos mágicas de **César Camargo Mariano** no teclado, **Elis Regina**, através da mediação do vídeo, imprimiu na tela de **TV** um pedaço de sua frágil existência. Presença de atriz privilegiada, desaparecida aos **36** anos, como **Marilyn Monroe** e **Diana**, no auge da força produtiva. Nunca houve nem haverá uma estrela com o brilho, o talento, o vigor expressivo de **Elis Regina.**

Data de Publicação: 24 de março de 2001.